Dolores
J. W. Rochester
Obra psicografada por
Vera Kryzhanovskaia
EDITORA DO
CONHECIMENTO

J.W.Rochester
Obra psicografada pela médium russa
Vera Kryzhanovskaia

Dolores

DOLORES
J. W. Rochester - Vera Ivanovna Kryzhanovskaia

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
PEDIDOS:
Limeira: Caixa Postal 404 - CEP 13480-970 - SP
Fone/Fax: 19 3451-0143
home page: *www.edconhecimento.com.br*
e-mail: *conhecimento@edconhecimento.com.br*
pedidos@edconhedmento.com.br

Tradução: Klara Gourianova
Revisão de originais e adaptação à língua portuguesa: Margareth Rose Fonseca Carvalho
Ilustração da capa: Cláudio Gianfardoni
Projeto gráfico: Sérgio F. Carvalho
Colaboraram nesta edição: Paulo Gontijo de Almeida
e Antonio Rolando Júnior
ISBN 85-87619-55-8
1ª EDIÇÃO - 2001
Impresso no Brasil • *Printed in Brazil* • *Presita en Brazilo*

FICHA CATALOGRÁFICA

R676d

Rochester, John Wilmot, Conde de (Espírito)
Dolores / John Wilmot Rochester. Obra psicografada por Vera Ivanovna Kryzhanovskaia, tradução de Klara Gourianova – 1ª edição - , Limeira, SP: Ed. do Conhecimento, 2001.

160 p. 21 cm.
1. Obras psicografadas. 2. Romance mediúnico. 3. Kryzhanovskaia,Vera Ivanovna (1861-1924). I Título.

CDD - 133.93

ОБЩЕДОСТУПНАЯ БИБЛІОТЕКА № XLVIII.

В. КРЫЖАНОВСКАЯ.

(Рочестер).

ЖГУЧАЯ СТРАСТЬ

РОМАН.

ИЗДАТЕЛЬСТВО ОБЩЕДОСТУПНАЯ БИБЛІОТЕКА

Рига, Маріинская ул. № 6. — Тел. 26245.

Prefácio

Há certas tramas habilmente colocadas em nossas vidas pela Providência Divina, numa inteligente oportunidade para resgate de débitos passados, que são dignas de novela! Frutos da Lei que nos impulsiona ao progresso espiritual, as razões dessas situações inusitadas, ofuscadas pela vestimenta carnal, são sempre questionadas por nós, resultando numa inevitável cobrança à Justiça Divina.

Assim se sente Dolores, personagem principal desta nova obra de Rochester, agora trazida ao público. Nossa bela heroína, filha mais nova da aristocrática família de Mornos, é uma altiva jovem de futuro promissor, que após infrutíferas tentativas de livrar a famí1ia da falência financeira, através do matrimônio, se vê obrigada a abdicar de seu grande amor, Alfonso, em favor de uma união indesejada que interessava apenas aos seus familiares.

A história se passa na Espanha e em Cuba no final do século XVIII em tempos de exploração do trabalho escravo, onde predomina o desprezo pela raça negra, tratada a chibatadas pelos senhores das fazendas. Esse racismo custou caro à família de Mornos: as leis da Ação e Reação proporcionaram ao mulato José, filho ilegítimo e herdeiro de dom Fernando, tio de Dolores, a oportunidade de se vingar do pesado preconceito a que fora submetido.

Entretanto, num voluntarioso sacrifício, Dolores concorda em suportar as novas provações que lhe são impostas pela vida. A partir daí, revolta e resignação, desespero e tolerância, ódio e amizade são os sentimentos que passam a se revezar no coração da linda moça, presenteando-nos com belas lições de amor e de justiça que se contrastam com as armações e as

baixezas de seu irmão, dom Ramiro, intolerante, vingativo, orgulhoso, racista e um dos grandes responsáveis pelo destino de Dolores.

A doutrina espírita sabiamente nos esclarece sobre a origem de todos esses dissabores, oriundos de nossos próprios atos. Assim, os fatídicos encontros entre "Josés" e "Dolores", de vida em vida, freqüentemente são programados pela Espiritualidade. E que lutas íntimas esses espíritos terão que travar para se unirem pelos laços do afeto!...

Sabemos que muitos livros de Rochester são seqüências de vidas pregressas que narram, através dos dramas seculares, as histórias de um grupo de personagens que acompanhou o autor durante várias jornadas de experiências encarnatórias e do qual ele se fez tutor num importante compromisso firmado com a Espiritualidade.

A obra "Dolores", segundo afirma o prefaciador francês de "A Vingança do Judeu", estaria inclusa neste contexto e retrataria a última encarnação de Rochester, voltando a reunir esses mesmos personagens que constantemente preservaram seus instintos e atributos pessoais, ora ascendendo na escala evolucional, ora permanecendo estacionários, mediante as quedas probatórias às quais eram submetidos.

Infelizmente esta nova obra de Rochester, originalmente editada em Riga, na Letônia, anos após o desencarne da médium Vera Kryzhanovskaia foi reproduzida sem prefácio ou notas de rodapé que permitam identificar os conhecidos personagens dos livros anteriores. Entretanto, é possível tentar identificá-los pela análise dos perfis e de comportamentos pessoais, inerentes à personalidade de cada ser encarnado.

Tomando Rochester como exemplo, percebemos claramente seu orgulho e sua impetuosidade no personagem José, da obra "O Chanceler de Ferro do Antigo Egito", ou em Mernephtah, de "O Faraó Mernephtah", características comuns nos antigos soberanos. Como o gladiador Astartos, da obra "Episódio da Vida de Tibério", e como o patrício Caius Lucilius, de "Herculanum", na Roma Imperial, destacam-se a vaidade e o orgulho que sentia por sua beleza e por suas conquistas pessoais, tendo ele inclusive se convertido e depois renegado a doutrina cristã. Já a inteligência, a perspicácia, o espírito de vingança e, mais uma vez, o orgulho, são atributos do autor espiritual no papel do personagem Lotário de Rabenau, fundador de uma irmandade secreta, na obra "A Abadia

dos Beneditinos". Exatamente como o poeta John Wilmot, desperdiçou a vida em intrigas amorosas e se entregou à luxúria, desencarnando ainda jovem.

Entretanto, em todas as suas etapas reencarnatórias Rochester sempre procurou ter senso de justiça e nunca foi perverso ou cruel. Tal era o perfil do estimado autor espiritual quando se dedicou à divulgação da doutrina espírita, auxiliando a tarefa de Kardec que esteve presente junto a ele em várias etapas existenciais.

Sobre a médium Vera Kryzhanovskaia também notamos traços característicos e comportamentais explícitos em alguns personagens. Extremamente orgulhosa e corajosa, mas de certa forma justa e honesta, preferiu várias vezes a morte à submissão, a exemplo do que dizia a Tibério: "Mata-me, tu não poderás fazê-lo duas vezes!"

Reencarnando como Asnath, na obra "O Chanceler de Ferro do Antigo Egito", como Smaragda, em "O Faraó Mernephtah", no papel de Lélia, em "Episódio da Vida de Tibério", como Virgília, em "Herculanum", ou Rosalinda, em "A Abadia dos Beneditinos", sempre despertou paixão em mais de um personagem, compondo um triângulo amoroso que via de regra contou com a participação de Rochester e de outro espírito considerado o verdadeiro amor de sua existência - íntegro, virtuoso e compreensivo conquistou sua confiança e seu coração em várias etapas evolutivas como, por exemplo, no papel de Marcus Fábius em "Herculanum". É quase certo que em "Dolores" esta sua alma gêmea tenha retornado na figura de Alfonso.

Já dentre os vilões, destacamos Tibério, personagem principal da obra "Episódio da Vida de Tibério", e Kurt de Rabenau, de "A Abadia dos Beneditinos". O primeiro teve uma vida repleta de conhecimentos científicos na pele do egípcio Pinehas, de "O Faraó Mernephtah", os quais eram utilizados para satisfazer seus caprichos pessoais e sua louca paixão por Smaragda. Retornando cerca de vinte e cinco séculos depois como o Conde Hugo de Mauffen, em "A Abadia dos Beneditinos", sua vida continuou dedicada ao prazer com requintes de crueldade, aliás, resquícios pregressos do cruel Imperador Romano.

E o segundo, espírito vil, infiel e perjuro, além de ter reencarnado como Kurt de Rabenau, da obra "Abadia dos Beneditinos", também aparece como Mena, na obra "Romance de

Uma Rainha", Radamés, em "O Faraó Mernephtah" e Dafné, em "Herculanum", mostrando-se, continuamente, preguiçoso, egoísta, interesseiro e, por vezes, cruel, confiando sempre no perdão de Rochester, por cujos laços de amor está ligado, apesar da diferença de caráter e da distância evolutiva que os separam.

Bem, a estes "atores", cujas sucessivas vidas formaram o palco dessas grandes obras espíritas e confortaram o coração de inúmeros leitores, confessando penosamente seus erros, expondo seus mais íntimos sentimentos e retornando até hoje às experiências materiais em busca da Luz, rogamos a Deus que os ilumine nos caminhos da evolução espiritual e que trilhem na Paz, no Amor e em constante progresso moral.

É a eles que agradecemos e dedicamos esta edição de "Dolores".

Antonio Rolando Lopes Júnior

Capítulo 1

O castelo dos condes de Mornos situava-se numa das aristocráticas ruas de Toledo[1]. Embora tivesse sido construído luxuosamente, o palacete já apresentava lamentáveis sinais de abandono e depreciação, o que, aliás, era amenizado em parte pela exuberância do belo parque que se estendia por detrás dele.

Numa linda manhã primaveril de mil setecentos e setenta e dois, um grupo de crianças buliçosas brincava na areia diante de um amplo terraço sob os cuidados de um preceptor e de uma governanta. Eram quatro meninos de seis a doze anos e uma linda menina de três anos, que era o centro das brincadeiras de seus agitados coleguinhas.

Os meninos carregavam-na num carrinho; depois viravam o brinquedo de ponta-cabeça e colocavam a menina em cima dele, como se fosse num trono. Agora, ela passava a representar o papel de árbitro de um duelo e colocaria na cabeça do vencedor uma coroa de grama com flores que segurava nas mãozinhas numa cena muito engraçada.

A pequena rainha das brincadeiras infantis era Dolores, a única filha do Conde Pedro de Mornos. Ela e sua mãe eram os seus ídolos, mas ele ainda tinha mais três meninos de seis, oito e dez anos que brincavam no grupo. O mais velho de todos, no entanto, era Alfonso Vasconcellos, de doze anos, filho de um amigo do Conde. As graves desavenças em farrn1ia obrigaram o

---

1 - Toledo - Capital da província de Toledo, na Espanha Central. É uma das mais importantes cidades histórica e culturalmente naquele país.

pai a se separar do filho. O senhor Vasconcellos decidira se divorciar da mulher, que o traía sem nenhum constrangimento, o que chocava toda a sociedade, mesmo numa época de total imoralidade. Para livrar o menino do desagradável drama familiar, ele o deixou na casa do padrinho, o Conde de Mornos, que o estava criando junto com os seus há mais de dois anos.

Alfonso Vasconcellos era um menino muito bonito, sério e um tanto melancólico. Tinha atração por ciências e pela leitura e era muito amigo de Ramiro, o filho mais velho do Conde de Mornos, embora os dois tivessem temperamentos totalmente opostos. Ramiro era impulsivo, voluntarioso, irritadiço e preguiçoso, enquanto seu amigo era assíduo, calmo e modesto.

Na brincadeira, os dois amigos duelavam com entusiasmo, usando todas as técnicas que o professor de esgrima lhes ensinara. Alfonso atacava segundo as regras e rebatia as investi das sem perder a calma por um só instante. Já Ramiro, estava muito exarcebado, desprezava todas as regras estabeleci das e logo conseguiu das armar o adversário.

Triunfante, Ramiro dirigiu-se a Dolores e, ajoelhando-se, exigiu seu prêmio. No entanto, a menina não se apressou em coroar o verdadeiro vencedor. Apertando a coroa contra o peito, ela declarou que gostaria de entregá-la a Alfonso. Ramiro, então, tentou arrancar a coroa das mãos de Dolores, que protestou gritando, mas Alfonso lançou-se em sua defesa. A briga tornou-se tão ruidosa, que o preceptor e a governanta tiveram de interferir.

Naquele momento, apareceu no terraço um homem ainda jovem, alto e bem-vestido e perguntou, descontente, o que significava aquele barulho. Ao vê-lo, as crianças ficaram quietas. Alfonso, como o mais velho, contou o que tinha acontecido entre eles.

- Vocês não têm vergonha de fazer tanta confusão sabendo que sua mãe está com dor de cabeça? - disse o homem, que era o próprio Conde. - E você, Ramiro? É assim que segue as lições do senhor Gomez? Você luta como um bárbaro, não como um fidalgo!

Ao estabelecer a ordem, o Conde de Mornos beijou todos os filhos e, deixando o terraço, dirigiu-se ao "boudoir"[2] da esposa.

---

2 - "Boudoir" (budoar, em português) - Do francês, cômodo pequeno e elegante, em moradias requintadas, reservado à dona da casa que nele pode isolar-se ou receber pessoas íntimas.

Algo sério preocupava dom Pedro. Ele parou, tirou do bolso uma carta e correu os olhos por ela; depois, pensativo, colocou-a de volta no bolso. Com passos leves, entrou numa pequena sala forrada com cetim cor-de-rosa. Num pequeno sofá, revestido de seda com estampa de flores douradas, estava deitada uma jovem mulher de penhoar branco de seda. Era uma criatura maravilhosa, tenra como criança. Seus grandes olhos azuis, orlados de cílios negros, pareciam duas safiras cintilantes. Apenas uma terrível palidez e uma expressão doentia ofuscavam um pouco a beleza daquele rosto.

- Como se sente, minha querida? Passou sua dor de cabeça? - perguntou o Conde, beijando a mão da esposa com ternura e sentando-se na poltrona ao lado dela.

- Obrigada, Pedro! Agora estou bem. A carta que recebi hoje de manhã me deixou um tanto perturbada, apenas. Por isso, quero lhe fazer um pedido.

- Se o meu consentimento lhe satisfaz, já o tem de boa vontade. Conte-me de que se trata - disse o marido, sorrindo ao ver que nos olhos azuis de sua mulher brilhara uma expressão de alegria e reconhecimento.

- Oh!... meu querido, muito obrigada! - exclamou contente a Condessa. - Recebi uma carta de minha boa amiga Ximena. Seu marido faleceu sem lhe deixar nenhum meio de vida. Parentes ela também não tem. Por isso, resolveu entrar para o convento, mesmo não tendo vontade nenhuma. Pois bem, gostaria de propor a ela que viesse morar conosco. Apesar de ser mais velha que eu, sempre tive grande afinidade por Ximena e como agora fico doente e cansada com freqüência, ela poderia me ajudar nos cuidados da casa e na educação de Dolores. Você mesmo sabe como Ximena é inteligente e como são rigorosos os seus princípios.

- Aprovo totalmente sua intenção, minha querida, e peço que escreva a dona Ximena. O dia de hoje está realmente muito estranho. Também recebi uma carta, na qual me pedem para aceitar um novo membro em nossa família.

- Quem fez o pedido? - perguntou, surpresa, a Condessa.

- Fernando. Como sabe, ele tem um filho ilegítimo que simplesmente idolatra e gostaria de dar-lhe uma educação decente. Enfim, ele suplica que aceitemos seu filho José, de doze anos, e que o eduquemos durante alguns anos junto com os nossos meninos.

A Condessa ergueu-se rapidamente. Um rubor cobriu seu pálido rosto.

- Está ele em sã consciência?! Ousa pedir que eu admita o filho ilegítimo de uma escrava, um negro, em companhia de minhas crianças?! Não! Isso realmente ultrapassa todas as fronteiras. Primeiro, ele nos ofendeu, recusando a mão de minha irmã; agora, quer nos impor como um igual o filho de sua concubina. Ouça, Pedro, me revolto e me oponho a isso categoricamente!

Uma profunda ira e verdadeiro desprezo soaram na voz da Condessa.

- Não se altere tanto! Novamente vai lhe doer a cabeça - disse o Conde com um tom conciliador. - Já que isso é tão desagradável para você, não insisto na admissão de José em nossa famí1ia. Reconheço que é penoso para mim ofender Fernando. Pensando nele, sempre sinto remorso. Não fui eu quem lhe roubou a felicidade de sua vida?

Com aquelas palavras, dom Pedro apertou contra seus lábios a mão da Condessa com ternura.

- Cada um tem de ficar no lugar que Deus lhe destinou. O lugar do pequeno mulato José é na cozinha do Conde de Mornos, não na sala.

O Conde não fez nenhuma objeção, conversou mais um pouco sobre outros assuntos e saiu. Taciturno e preocupado, entrou em seu gabinete e sentou-se ao "bureau"[3].

Ao terminar de redigir, foi até a janela e entregou-se aos pensamentos. A carta do irmão trouxera-lhe mil lembranças: todo o passado, quase esquecido, avivou-se novamente. O pai de dom Pedro, Conde Rodrigo de Mornos, era um homem muito bonito e apreciava a boa vida. Louco pelo jogo e pelas aventuras amorosas, abalou bastante a grande fortuna deixada por seus antepassados; quase indo à ruína, mas um acaso o ajudou: conheceu uma jovem mestiça, muito rica, viúva de um fazendeiro cubano.

Dom Rodrigo era solteiro e ainda muito bonito, apesar de seus quarenta e dois anos. Sendo assim, conquistou facilmente o coração da jovem mulher e casou-se com ela.

Dona Elvira Martinez era parente distante da família de Mornos e tinha um filho de quatro anos do primeiro casamento. Seu falecido marido possuía muitas terras nas redondezas de Toledo, na Espanha, para onde ela viajou pretendendo tratar de assuntos de herança e, então, conheceu o Conde Rodrigo.

A maior parte da enorme fortuna de Martinez passara para as mãos de seu filho, o pequeno Fernando, mas a própria dona Elvira era rica o suficiente para tirar o novo marido dos apuros. Se dom Rodrigo fosse capaz de se conter, bastaria alguns anos para apagar as seqüelas de suas loucuras, mas ele continuava jogando e levando uma vida luxuosa, que excedia seus meios.

O nascimento do filho deixou o Conde muito feliz, mas não mudou seus hábitos. Os pais adoravam o pequeno Pedro e o mimavam muito. Quando ele completou vinte e um anos e Fernando vinte e cinco, o Conde Rodrigo contraiu tifo e faleceu. A esposa, que cuidava dele com abnegação, contagiou-se também e, alguns dias depois, seguiu o caminho do marido.

O jovem Pedro de Mornos, que adorava os pais, ficou tão abalado que se rendeu totalmente à sua desgraça. Mas, quando a vida obrigou-o a ocupar-se dos negócios e das propriedades do pai, soube, com pavor, que em lugar de uma grande fortuna sobraram-lhe apenas terras inférteis e dívidas enormes.

Ao saber das dificuldades financeiras do irmão, Fernando ofereceu-lhe ajuda, mas Pedro a recusou.

Os irmãos sempre foram amigos, mas o amor pela mesma moça esfriou seu relacionamento. Os dois se apaixonaram por Dolores, filha de um rico fidalgo. Mas, ela preferiu Pedro, o mais bonito. Este golpe afetou fortemente Martinez, que teve uma crise nervosa e, ao se recuperar, decidiu ir morar em Cuba.

Depois da partida de Fernando, os contatos entre os irmãos tornaram-se cada vez mais raros e esfriaram completamente quando dom Pedro soube que Martinez havia se envolvido com uma de suas escravas, com quem tivera um filho, dando aos dois uma posição muito superior à condição deles. O aristocrata orgulhoso achava muito natural que Fernando tivesse uma escrava como concubina, mas indignava-lhe a idéia de que ele tratasse aquela criatura de igual para igual e olhasse para o filho dela como seu legítimo herdeiro.

O Conde, então, escreveu uma carta ao irmão cheia de censuras e tentava convencê-lo a criar juízo e contrair um matrimônio decente. Com esse intuito, lhe propôs que se casasse com Bianca, a irmã mais nova de Dolores, muito parecida com ela.

---

3 - "Bureau" (birô, em português) - Do francês, mesa de escrever com gavetas ou tipo de escrivaninha.

Para grande surpresa do Conde e profunda indignação de sua esposa, dom Fernando recusou, terminantemente, a proposta, declarando que queria ficar livre, pois na pessoa do pequeno José ele tinha um herdeiro a quem resolvera, irrevogavelmente, dar o seu nome e a sua herança, adotando-o como filho.

Aquela carta esfriou definitivamente o relacionamento entre os irmãos. A correspondência ficou mais rara ainda; por isso, a carta com o pedido para que aceitasse o pequeno José em sua família, que chegou três anos depois de um silêncio absoluto, foi uma verdadeira surpresa para dom Pedro.

Tal resposta àquela carta não restabeleceria, é claro, o bom relacionamento. Então, a ligação entre os dois irmãos foi cortada, definitivamente.

Capítulo 2

Era um dia de outono de mil setecentos e oitenta e quatro. No gabinete, onde outrora havia escrito ao irmão que se recusava a aceitar o pequeno José, estava recostado na poltrona o triste e meditativo Conde Pedro de Mornos. Ele acabara de folhear um volumoso pacote de correspondências e de outros documentos, e a leitura daqueles papéis provavelmente o havia irritado. Estava a tal ponto mergulhado em seus pensamentos, que não ouviu os passos rápidos e o tilintar de esporas. Só quando uma voz sonora disse: "Bom dia, papai!" é que ele estremeceu e respondeu num tom cansado:

- É você, Ramiro? Por que voltou tão cedo?

- Não quis mais ficar para jogar. Dei a desculpa de que não estava me sentindo bem e vim embora logo que acabaram as negociações sobre a recepção do Duque.

- Quando chega Suzá?

- Na próxima segunda-feira. No dia seguinte vão lhe oferecer um almoço de boas-vindas e, à noite, um grande baile. Você, é claro, participará dos festejos, papai, pois Suzá é seu amigo.

- Na juventude, durante minha estada em Madri, eu era muito próximo do Duque. Depois, nosso relacionamento esfriou um pouco, porque Suzá também se apaixonou por sua falecida mãe. Mas, depois do casamento, nós fizemos as pazes. Desde então, nos perdemos de vista. Sei que ele é viúvo e tem um filho quase de sua idade.

- Hoje nada se falou do filho dele. Nem sei se também viria.

- Provavelmente não. Ouvi falar que o jovem Duque é feio e vive isolado num castelo perto de Granada[1].

De repente, instalou-se um silêncio. O jovem Conde andava pelo quarto, escrutando o pálido e sombrio rosto do pai que, novamente, mergulhara em seus pensamentos.

Ramiro de Mornos agora era um jovem de vinte e três anos, esbelto, de corpo bonito como o pai.

O silêncio do Conde o oprimia. Finalmente, Ramiro parou na frente dele e disse com irritação mal contida:

- Diga-me, pai, que notícias você recebeu? Não estaria tão triste sem motivo.

- O motivo é o mesmo, meu filho, exigências que não posso satisfazer. Sempre o mesmo jogo. Empréstimo para pagar a dívida, nova dívida para pagar o empréstimo. Só Deus sabe como poderei sair dessa miséria, à qual nos levou seu infortunado noivado.

- Sim. A morte de Isabela foi um golpe, tanto para o meu coração quanto para nossos planos. Mas, não se aflija, pai! Sinto que tudo se arranjará. Agora, ouça o que quero lhe propor a respeito de Dolores.

- Fale, o que quer dizer sobre sua irmã?

- Está na hora de tirá-la da reclusão em que vive. Lembre-se, pai, que Dolores já tem quase dezesseis anos e já é tempo de mostrá-la à sociedade. Ela é bonita e talvez consiga um bom partido.

- Já pensei nisso. Mas, me segurava só de pensar nos gastos que traria essa alternativa.

- Mais cedo ou mais tarde, você terá de fazer esse sacrifício. O baile que a nobreza vai oferecer ao novo governador de Toledo é uma excelente ocasião para apresentar a menina à sociedade. Ela vai impressionar muito; lá estarão cavalheiros de todas as províncias. Sua toalete não vai custar tão caro assim, porque nas arcas que dona Ximena guarda como um dragão deve ter muitos tecidos, rendas e até jóias, que ficaram guardados depois da morte de nossa mãe.

Dom Pedro não conseguiu segurar o riso.

---

1 - Granada - Cidade da Espanha, na Andaluzia, situada ao pé da Serra Nevada e considerada um dos maiores centros turísticos.

- Você tem razão! Diabos! Admiro sua cabeça engenhosa. Então, temos que avisar às damas que Dolores irá ao baile na próxima segunda-feira. Dá tempo para lhe preparar um bom traje.

O velho Conde levantou-se. Os dois dirigiram-se, através de uma galeria de quartos semi-escuros, à outra ala do palácio, onde vivia a jovem Condessa com sua preceptora.

Durante os últimos anos, dom Pedro passou por muitos infortúnios. A morte da mulher deixou em seu coração uma daquelas feridas que nunca saram. Ele, então, entregou-se à apatia e largou completamente os assuntos financeiros. A falência do banco, ao qual confiara capitais consideráveis, e um terrível incêndio que acontecera na melhor das propriedades que ainda possuía, arruinaram-no definitivamente. Mas, as desgraças não pararam por aí. Ramiro apaixonou-se pela única filha de um vizinho, proprietário de terras. O pai da jovem concordou com o casamento, pois era um antigo amigo do velho Conde e considerava seu filho um jovem digno.

O casamento seria uma grande felicidade para toda a família de Mornos, porque Isabela D'Alvarez não só era bonita e tinha um excelente caráter como traria também mais de meio milhão de dote. Dom Pedro, que achava natural e necessário o desejo de o filho preparar para a mulher amada um ninho digno, não protestou contra os gastos desmedidos de Ramiro e ainda o ajudou a fazer uma série de empréstimos pesados.

Contando com a herança da noiva, os agiotas foram condescendentes daquela vez. Aliás, tudo daria certo se um imprevisto não frustrasse todas as expectativas de Ramiro. Ao sair de um baile, dona Isabela ficou resfriada e uma pneumonia forte consumiu-a em poucos dias, apesar de todos os esforços dos melhores médicos da cidade.

A morte da noiva não apenas assolou Ramiro, que a amava com paixão, como também desferiu um golpe irreparável na péssima situação do Conde. Os credores tornaram-se impertinentes e o Conde de Mornos teve de se esmerar em manobras financeiras para rebater seus ataques. A idéia de casar Dolores com algum aristocrata rico, então, agradou -lhe.

Num grande quarto, decorado no estilo do século XVII, inclinadas sobre bastidores, estavam duas mulheres. Uma idosa, dona Ximena, que a falecida Condessa abrigou em sua casa, e

uma jovem, Dolores, que tornou-se tão bela quanto era sua mãe.

A chegada de dom Pedro e Ramiro interrompeu o trabalho das damas. Largando a agulha, Dolores correu para abraçar o pai e beijar o irmão. Este pegou-a pela orelha e disse com malícia nos olhos:

- Se você soubesse que novidades estamos trazendo, ia pular até o teto!

- Vocês querem me levar para assistir uma comédia? - perguntou Dolores com as faces ardendo.

- Muito melhor! Papai levará você a um grande baile que a nobreza dará em homenagem ao Duque de Suzá, o novo governador de Toledo, que está para chegar.

A moça deu um grito de felicidade e pôs-se a dançar pelo quarto todo.

Ao ver o rosto descontente de dona Ximena, o Conde Pedro disse:

- Está esquecendo, minha amiga, que Dolores tem dezesseis anos e é tempo de pensar em seu destino. Tenha a bondade, costure para ela um traje decente, usando tudo o que tem.

Depois de conversar sobre o horário da festa e sobre outros detalhes, os dois condes retiraram-se. Dolores ficou embriagada de alegria. A impaciência tomou conta dela de tal maneira que dona Ximena teve de ceder às suas insistências e, em seguida, ir ao quarto onde estavam as arcas com vestidos, tecidos, rendas e outras coisas de toalete, que pertenciam à falecida Condessa.

Os dias seguintes a jovem viveu como num sonho. Com vivo interesse, ela seguia o trabalho das duas costureiras que faziam seu vestido. Quando chegou o dia do baile tão desejado, bem antes da hora, ela já estava pronta. Para conter sua impaciência e matar o tempo, ela não parava de se admirar no espelho.

O rumor de que o Conde de Mornos levaria ao baile sua única filha correu rapidamente entre os convidados. Muitos sabiam da existência de Dolores, mas poucos a conheciam.

A surpreendente beleza da jovem Condessa surtiu enorme efeito. Uma multidão de jovens cavalheiros a cercou, querendo ter a honra de convidá-la para dançar. No começo, Dolores sentiu-se um pouco acanhada, mas sua desenvoltura logo voltou. Ela tagarelava alegremente com o Marquês de Santos, quando, de repente, sua atenção foi atraída por um movimento estranho. Todos os hóspedes abriram larga passagem e ela viu um

senhor de idade que vinha fazendo reverências para todos os lados.

- É o novo governador - sussurrou a Dolores sua vizinha, quando o Marquês de Santos deixou-as apressado para cumprimentar o Duque.

Ao notar os dois condes de Mornos entre os convidados, o Duque foi em sua direção e, em seguida, entabulou-se uma conversa animada entre eles.

O Conde de Mornos não demorou em apresentar seu amigo à filha e o Duque encantou-se com ela. Dançou muito com Dolores e quase não a deixou durante toda a noite, o que provocou inveja e descontentamento entre as outras damas.

No dia seguinte, à noite, o Duque fez uma visita a Dolores para saber como ela se sentia depois do primeiro baile. Levou consigo uma gigantesca bomboneira e um esplêndido buquê de flores. A jovem aceitou os presentes com visível contentamento, pois ainda não estava acostumada à atenção masculina e o cortejo do Duque a divertia muito.

Passaram-se três semanas. O Duque se excedia em gentilezas; cobria Dolores de flores, bombons; adivinhava seus mínimos desejos e se preocupava tão pouco em esconder seus sentimentos, que toda a cidade começou a falar de sua loucura pela moça. Apenas Dolores nada percebia. Ela ria das gentilezas de seu idoso admirador, não conseguia entender a tristeza de dona Ximena e aquele estranho tom de lamentação que transparecia em sua voz, quando ela, às vezes, dizia:

- Pobre, pobre criança!

Finalmente, chegou o dia em que o Duque pediu ao Conde a mão de sua filha. Dom Pedro, que já esperava por aquilo, deu seu consentimento, mas não sabia como falar com Dolores sobre o pedido de casamento. Então, foi Ramiro quem se encarregou do assunto.

Primeiro, a jovem Condessa recusou, categoricamente, a proposta do Duque.

- Mas, ele é um velho! Ele é mais velho do que papai! - exclamou ela, indignada. - Espanta-me como você e papai podem me oferecer um marido desses!

Ramiro suspirou.

- Não tenho a menor vontade de influenciar você. Quero apenas esclarecer-lhe nossa real situação. Papai, evidentemente, não lhe disse nenhuma palavra sobre isso.

Em poucas, mas expressivas palavras, ele descreveu a história da ruína de sua família e falou a verdade sobre os meios que ainda mantinham o brilho externo e mal encobriam a miséria que Dolores, por sua inexperiência, até aquele momento não havia percebido.

Pálida e aflita, a jovem escutou o irmão em silêncio. Mentalmente, ela acompanhava todas as penosas etapas da queda que os levara à falência total. Parecia que uma nuvem de chumbo baixara sobre ela e encobria o radiante futuro com o qual sonhava. Em sua alma inocente brotou a idéia e a convicção de que deveria sacrificar suas ilusões para salvar o pai e os irmãos de um futuro vergonhoso e miserável, pois nem por um minuto a riqueza e a grandeza a seduziam.

Depois de um longo silêncio, que Ramiro não se atrevia a romper, Dolores disse com voz desanimada:

- Diga a papai que aceito o pedido do Duque.

Depois, arrasada e assustada com suas próprias palavras, ela fechou o rosto com as mãos e chorou amargamente.

Uma hora antes do almoço chegou o Duque de Suzá. Ele estava empoado e perfumado, cheio de embrulhos e bomboneiras. Parecia que a felicidade o havia rejuvenescido. Quando Dolores apareceu, ele beijou sua mão cortesmente e expressou o desejo de dar-lhe o beijo de noivado. A jovem não protestou. Mas, quando Suzá a beijou, lágrimas pesadas brotaram em seus olhos e escorreram pelas faces.

Os dias que se seguiram passaram-se para a jovem num turbilhão de festas e todo o tipo de diversões. O casamento seria celebrado três semanas depois. Nada estragava o bom relacionamento entre os noivos, porque a atenção refinada e os presentes do Duque divertiam Dolores. Seu ego sentia-se lisonjeado.

Na véspera do casamento, o Duque, que demonstrava empolgação e vivacidade de um jovem, inventou fazer uma despedida de solteiro. No palácio do governador reuniu-se uma numerosa elite. O Duque estava numa tremenda euforia: recebia a todos de braços abertos, dando exemplo de animação. O vinho fluía como água.

Suzá esvaziava um copo atrás do outro. Havia um brilho febril em seus olhos. De repente, ele empalideceu e balançou.

- O que há com o senhor? - perguntou Ramiro, olhando para ele preocupado.

- Nada, nada, bobagem! É uma simples tontura, respondeu o Duque, estendendo o copo ao serviçal, que o encheu em seguida.

Alarmado, Ramiro observava o Duque, quando, apavorado, notou que seu rosto tinha ficado vermelho e, logo depois, azulado. O cálice que ele pretendia levar aos lábios caiu de sua mão trêmula e o vinho derramou-se pela toalha. Suzá recostou na cadeira de boca aberta e olhar vidrado.

Armou-se uma confusão: uns lançavam-se sobre o Duque, outros chamavam por médicos, os criados corriam atordoados. Finalmente, Suzá, sem sentidos, foi levado para a cama. O médico que o examinou, balançou a cabeça e disse que ele tinha sofrido um derrame dos mais graves e faleceu sem recuperar a consciência.

A morte do Duque chocou Dolores, mas, nos primeiros dias, a jovem não teve tempo de se entregar aos pensamentos. Sendo noiva do falecido, ela deveria participar de todas as missas e outras cerimônias fúnebres. Como estavam esperando pelo filho do Duque, o enterro foi adiado até a sua chegada e o corpo transferido para a catedral. Aquela triste cerimônia impressionou profunda e penosamente a jovem. Os olhares dirigidos a ela, curiosos e, por vezes, maldosos, desagradavam-na terrivelmente e ela esperava com impaciência a hora do enterro, depois do qual poderia se esconder da indiscrição malévola na solidão de sua casa.

Finalmente, na manhã do sexto dia após a morte de Suzá, Ramiro comunicou que o jovem Duque havia chegado à noite e que o enterro aconteceria naquele mesmo dia.

Pálida, mas encantadora em seu véu de luto, Dolores foi à igreja acompanhada pelo pai. Quando chegaram, a catedral estava repleta de gente. De cabeça baixa, sem olhar para ninguém, a jovem atravessou a igreja e ficou perto da essa, no lugar destinado a ela.

Absorta em pensamentos tristes, nem reparou no jovem pálido e levemente corcunda que se aproximou do pai e dirigiu-se a ele em voz baixa. Só quando dom Pedro lhe disse: “Dolores, permita-me apresentar-lhe o Duque Lui de Suzá”, ela levantou os olhos e viu a magra e desajeitada figura do jovem nobre, que a cumprimentou gentilmente.

Ao ver a mulher que ia se tomar sua madrasta, o Duque estremeceu e suas faces pálidas coraram. Passou, então, a não mais tirar os olhos do encantador rosto da jovem. Quando a ce-

rimônia terminou, ele aproximou-se do Conde e pediu-lhe permissão para ir à sua casa.

Em vez de voltar a Granada, como pretendia, o jovem Suzá ficou em Toledo e tomou-se visita freqüente na casa dos Mornos. E a situação acabou numa proposta de casamento do Duque a Dolores, que foi aceita, embora a jovem Condessa não sentisse nenhuma ternura pelo infeliz corcunda: falava mais alto nela o interesse e o desejo de tirar a família da situação lamentável.

Mas, o destino parecia estar contra aqueles planos, pois uma semana antes do casamento, o Duque, nadando no rio, de repente se afogou. Quando o tiraram da água, ele já estava morto.

O falecimento do segundo noivo abateu profundamente Dolores, mas ela continuou decidida a tirar a família da dificuldade. Só que, por enquanto, não havia mais pretendentes.

Logo depois do Duque, faleceu dona Ximena. Revirando seus pertences, Dolores achou algumas cartas de sua mãe e ficou sabendo através delas da existência de seu tio Fernando, que residia em Cuba. Então, durante um jantar, ela perguntou ao pai sobre ele.

- Fernando é meu meio-irmão, filho do primeiro casamento de minha mãe com dom Enrico de Martinez - explicou o Conde.

Depois, em poucas palavras, contou-lhe a história de sua rivalidade com o irmão e o motivo de sua separação.

- Naquela época, foi duro para mim ofender Fernando - acrescentou ele -, mas sua mãe estava tão hostil àquele projeto que fui obrigado a negar o pedido dele. Desde então, não recebo notícias e nem sei se ele está vivo.

- Mas, se ele morreu, você deve receber a herança que ele deixou - observou Ramiro.

- Ah! Não! Sem dúvida ele deixou toda a sua enorme fortuna para José, pois me escreveu uma vez dizendo que queria adotá-lo.

- Mas, se ele é tão bondoso e magnânimo como o senhor diz, talvez possa ajudá-lo a sair dessa situação. Por que não escreve e não renova o contato com seu irmão? Ele não deve ter guardado rancor por tanto tempo.

- Já pensei várias vezes nessa saída, mas ela me desagrada de tal maneira, que não consigo escrever para Fernando. Mas, por amor a vocês, meus pobres filhos, terei que fazê-lo, por mais pesada que seja essa tarefa para mim.

- Talvez tudo se arranje melhor do que imagina, papai - disse Ramiro. - O dinheiro que você precisa é uma ninharia para um milionário como tio Fernando. Além disso, você lhe devolverá esse empréstimo. Afinal, ele tem o dever de ajudar a um parente próximo que, pelo nascimento, é seu herdeiro, se é que tio Fernando é solteiro. Ele já lesa você, deixando toda a sua fortuna para um filho ilegítimo - concluiu o jovem Conde e em seus olhos surgiu um brilho funesto.

A fazenda de dom Fernando Martinez ficava a um dia de viagem de Havana[1]. Sua bela propriedade situava-se num lugar pitoresco e era famosa por seus excelentes pomares.

Certa tarde, quando o calor abrasador dava lugar a uma agradável brisa, numa das varandas estava um senhor pensativo e triste, com aspecto doentio, sentado numa poltrona de vime, mergulhado a tal ponto em suas meditações que não reparava no que acontecia à sua volta. Não via os negros que passavam por ele silenciosos à espera de ordens, nem o homem num elegante terno de linho com um lenço de fular no pescoço, que tentava chamar sua atenção, levantando o chapéu de palha e fazendo modestas reverências.

Finalmente, uma tosse leve, mas insistente, tirou aquele senhor de seus pensamentos. Ele ergueu-se e perguntou, distraído:

- Ah!... é você, dom Bartolomeu. O que quer?

- Vim receber suas ordens, dom Fernando, a respeito dos dois negros foragidos que foram recapturados e trazidos hoje e também do relatório do inspetor das minas sobre a necessidade de alguns reparos...

- Dirija-se a José. Você sabe que confiei a ele todos os negócios - interrompeu-o dom Fernando, impaciente.

- Dom José está ausente e não se sabe quando voltará; no entanto, há assuntos importantes que exigem soluções imediatas.

- Nesse caso, fale com ele amanhã de manhã. Hoje, dom Bartolomeu, sinto-me terrivelmente cansado e incapaz de me ocupar com os negócios.

---

1 - Havana - Capital de Cuba, situada no golfo do México, foi fundada em 1519 por Diego Velásquez. No século XVIII foi um dos primeiros portos de escala dos galeões espanhóis.

Dom Bartolomeu reverenciou-o, desceu a escada e seguiu por uma alameda ensombrada até o pavilhão onde morava.

- Velho preguiçoso! Burro! Tem medo de mexer um dedo e dar ordens sem o consentimento desse patife, desse satanás! - resmungava ele, batendo com sua bengala nas flores e folhas das árvores que beiravam a vereda.

Bartolomeu Janto era o filho mais novo de uma nobre família espanhola que vivia em Cádiz[2]. Recebeu uma excelente educação, mas, não tendo recursos, precisava ganhar o pão de cada dia; por isso, foi trabalhar como o primeiro gerente de dom Fernando.

Naquela época, quando o senhor Janto assumiu a fazenda, José tinha apenas sete anos. Era uma criança altiva, reservada e insolente. A admiração desmedida do pai já havia feito dele um pequeno tirano, que fazia os escravos pagarem caro por cada demora ou mau jeito no cumprimento de seus caprichos. Desde o primeiro dia, dom Bartolomeu entendeu que José era uma força a ser considerada e começou a se comportar de acordo. Odiando, como todo espanhol, as pessoas de cor, ele conseguiu insinuar a José que era seu amigo sincero.

O pavilhão que Bartolomeu ocupava era uma bonita casinha branca, que tinha uma grande varanda com marquise listrada. Bufando alto, o gerente subiu a escada. Ao jogar o chapéu no banco, sentou-se numa cadeira de junco,
enxugando a testa suada.

Um minuto depois, apareceu na varanda uma mulher gorda de saia listrada com um lenço amarelo na cabeça e perguntou se dom Bartolomeu não gostaria de almoçar. Ao receber resposta positiva, ela se retirou e voltou acompanhada por uma negra, que o ajudou a preparar a mesa e pôr pratos refinados.

Sentando-se à frente de dom Bartolomeu, que comia com raro apetite, Gilda passou a servi-lo, ao mesmo tempo em que começava infindáveis queixas e reclamações sobre o
desleixo e a má vontade da criadagem que ela supervisava.

---

2 - Cádiz - Cidade portuária na Andaluzia, sudoeste da Espanha, fundada pelos fenícios em 1100 a.C. É parcialmente cercada de muralhas e situa-se sobre uma ilhota rochosa ligada à terra por laguna arenosa.

Quando jovem, ela fora uma beldade e dom Fernando cedeu-a como concubina para dois vizinhos seus. Depois, o jovem José também se sentiu atraído por ela e entregou-lhe o ardor de sua primeira paixão, o que destacou a mulata entre os escravos de dom Fernando. Mesmo agora, ao perder sua beleza e tomar-se uma gorducha rabugenta, ela tinha enorme ascendência sobre José.

Ao ficar só, dom Fernando entregou-se novamente aos seus pensamentos. Ele aparentava mais idade do que tinha. Sua figura alta havia-se encurvado, o cabelo preto estava quase todo branco e havia nele sinais de fraqueza e cansaço. Alguns anos atrás tivera febre amarela que, por pouco, não o levara ao túmulo. Desde então, dom Fernando não conseguia se recuperar totalmente. Sua saúde estava abalada e, por isso, ele caiu sob a influência absoluta de seu filho.

Passos firmes, bem conhecidos, obrigaram o fazendeiro a levantar a cabeça. Seu olhar, com amor e orgulho, dirigiu-se a um alto e esbelto jovem, que se aproximava da varanda, assobiando um tema de caçador. Era um jovem de vinte e quatro anos, bonito, com traços finos e regulares, cabelo preto espesso e grandes olhos escuros e frios. Sua pequena boca com lábios finos expressava altivez e desdém; seu rosto era levemente amorenado. Em geral, era um homem elegante e encantador, com maneiras aristocráticas. Apenas a pele escura em tomo das unhas revelava o sangue mestiço que corria em suas veias.

O jovem fazendeiro era seguido, pacificamente, por um enorme tigre, que deitou-se dócil aos seus pés, quando ele, ao beijar o pai, sentou-se à sua frente.

- Alguém esteve aqui, papai? - perguntou José, acendendo um cigarro.

- Sim, visitou-me dom Gonzalez.

- Contou-lhe alguma coisa desagradável? Você parece estar perturbado.

- Imagine só, ele me trouxe um carta de Pedro! Ele descreve todas as desgraças que caíram em cima dele, sobre as coisas que nós já ouvimos e...

- Pedindo dinheiro? - interrompeu José.

- Sim pede trezentos mil reais[3] para se reerguer, prometendo devolvê-los aos poucos.

- E você está disposto a lhe prestar essa ajuda? Nesse caso, não foi capaz de guardar rancor!

Dom Fernando parecia constrangido. Seu olhar vagou indeciso pelo rosto sombrio do filho. Depois, respondeu com uma leve hesitação.

- Confesso que, pela memória de Dolores, ser-me-ia muito penoso se seus filhos afundassem na miséria. Por isso, quase me decidi a atender seu pedido. Mas, quero colocar uma condição a Pedro, que o castigaria um pouco pelo seu orgulho anticristão. Mas, espero que isso não desagrade a você. A condição é a seguinte: ele deve oferecer a você a mão de sua filha Dolores em casamento. Se ela se tornar minha nora, não apenas pagarei todas as dívidas dele, como ainda lhe darei um capital com o qual ele conseguirá restabelecer todo o brilho anterior de seu nome e garantir o futuro de seus filhos. Mas, antes de escrever a Pedro, preciso saber o que você pensa do meu plano e se aceita a aliança que eu lhe proponho.

Dom Fernando calou-se e viu, contente, que o rubor cobria o rosto de seu filho.

José parecia estar relutando consigo mesmo. Mas, depois de um minuto, respondeu em voz baixa:

- Será um partido brilhante, uma alegria para você e uma enorme satisfação para mim. Por que me oporia a algo tão vantajoso para todos? Escreva, pai! Outrora, você não pretendeu oferecer-lhe um milhão para que ele lhe cedesse sua noiva? Então, dê-lhe agora como pagamento pela filha.

Visivelmente surpreso, dom Fernando olhou para José. Ele sabia como seu filho era parcimonioso, até avaro às vezes, e como gostava do ouro.

- Está bem! - disse ele, depois de um certo silêncio. - Escreverei ao meu irmão hoje mesmo. Mas, não gostaria de levar essa carta você mesmo? Conheceria a jovem e poderia trazê-la para cá, já como sua esposa, pois você não dizia que queria conhecer a Europa?

---

3 - Trezentos mil reais - Por incrível que pareça o "real" a que se refere o personagem era a denominação da antiga moeda espanhola, cunhada em prata, que na época valia 1/4 de peseta; cerca de 40 réis de Portugal e 9 kopeques da Rússia. A moeda acima citada, portanto, nada tem a ver com a moeda brasileira.

O rubor no rosto de José, em seguida, trocou-se por uma palidez mortal e seus traços adquiriram uma expressão de crueldade gélida.

- Quando tive a idéia de visitar Toledo, não sabia a que ponto me desprezavam os nobres condes de Mornos. Nunca mais pisarei na casa deles! Não nego que estou pronto para me casar com uma mulher parecida com a falecida Condessa. No entanto, meu matrimônio com Dolores deve, em primeiro lugar, servir de satisfação a mim pela ofensa desmerecida e de castigo ao pai dela por seu tolo orgulho.

- Entendo! Quer se vingar de dom Pedro, mas você se esquece que uma moça de dezesseis ou dezessete anos não pode fazer uma viagem dessas sozinha, mesmo que Pedro consinta em deixá-la vir para cá - alegou dom Fernando.

- Mas eu não pensei em obrigá-la a viajar sozinha. Apenas não quero ir buscá-la. Eu proponho o seguinte: mande com Janto a carta e, pelo menos, cinqüenta mil reais para entregar ao Conde, porque, pelo visto, ele não tem um tostão. Janto poderá trazer a jovem, se deixarem-na sair. Dom Bartolomeu é um empregado confiável e, pela sua idade e origem nobre, ele é a pessoa mais indicada para cumprir essa missão tão delicada. Além disso, será um acompanhante muito cortês - explicou José, tentando convencer o pai.

Dom Fernando, com ar cansado, balançou a cabeça. Muitas coisas no plano do filho não lhe agradaram. Mas, acostumou-se a obedecer ao jovem em tudo e sua doença refletiu tanto no seu caráter, já fraco, que ele, como sempre, concordou.

Meia hora depois apareceu dom Bartolomeu, estranhando ser chamado fora de hora. Quando o gerente soube que tarefa melindrosa queriam lhe incumbir, franziu a testa. Além do mais, uma viagem longa e perigosa não o seduzia nem um pouco. Tentou fazer algumas objeções, assim como dom Fernando, mas ao notar o tom com o qual José as refutou, entendeu que qualquer tipo de discussão não levaria a nada. Então, parou de opor-se e demonstrou grande afinco. Decidiu ir a Havana para pegar o dinheiro, fazer as compras necessárias e saber se algum navio partiria em breve para a Europa.

Para a grande decepção de dom Bartolomeu, verificou-se que o único navio com destino a Cádiz tinha sido avariado e estava sendo reparado. Portanto, embarcaria somente dentro de três semanas. Ele já pretendia voltar à fazenda com a notícia, que não correspondia à impaciência de dom Fernando, quando sou-

be, por acaso, que no anteporto um outro navio levantaria âncora em dois dias e rumaria à Espanha.

- Mas, duvido que o senhor consiga viajar nele, acrescentou o banqueiro que lhe deu a informação.

- Por quê?! - perguntou Janto, novamente decepcionado.

- Porque o capitão da "Sílfide" não aceita passageiros.

Sem perder tempo, dom Bartolomeu foi ao cais, alugou um barco e mandou que o levassem à "Sílfide". Ao subir no convés, pediu que um marinheiro o conduzisse ao capitão, que estava em seu camarote e recebeu Janto com certa frieza. Quando este lhe expôs o pedido, no rosto expressivo do capitão via-se claramente a recusa. O gerente perdeu sua coragem, porém não desistiu. Sabendo que o capitão dom Alfonso de Vasconcellos também pertencia à aristocracia espanhola, dom Bartolomeu deu-lhe a entender, com habilidade, que a viagem tinha como propósito levar uma carta muito importante que dom Fernando Martinez mandava ao Conde de Mornos e que ela devia chegar às mãos daquele nobre o quanto antes.

Quando ouviu o nome do Conde de Mornos, o severo rosto de Alfonso iluminou-se. Ao perguntar sobre o Conde e saber que ele vivia em Toledo, o capitão contou que conhecia dom Pedro e tinha morado cerca de dois anos em sua casa. Então, para agradar o padrinho, aceitava Janto a bordo. Vasconcellos pediu apenas que ele fosse pontual, pois no dia seguinte bem cedo içaria as velas.

Eufórico com seu sucesso, Janto voltou para casa e ocupou-se com os últimos preparativos.

Uma hora antes da partida, chegou correndo um escravo chamado Scipión e disse que dom Bartolomeu deveria ir imediatamente falar com José.

Irritado com aquela perda de tempo, Janto foi ao quarto de seu jovem senhor. José estava na rede e dois escravos o abanavam.

- Quero lhe entregar pessoalmente duas encomendas que você levará a dona Dolores, uma em meu nome e a outra em nome de meu pai - disse ele, pegando com negligência dois estojos, que entregou a Bartolomeu.

- Este - apontou ele para o estojo maior - meu pai manda para sua sobrinha; e este é meu retrato. Anexei a ele uma carta endereçada à minha linda prima, que contém um pequeno programa sobre como conquistar meu coração acrescentou ele com um sorriso meio altivo, meio malicioso.

Janto, então, prometeu cumprir a incumbência com rigor e retirou-se.

Capítulo 4

Com muita impaciência, aliás bem compreensível, dom Pedro esperava resposta de Cuba. Nunca antes precisou tanto de uma ajuda substancial. Como sempre acontecia, os gastos ultrapassavam os rendimentos e para pagar uma dívida contraía outra. Os negócios de dom Pedro complicaram-se tanto que ele já não sabia mais o que fazer. Além disso, ultimamente o azar o perseguia com tenacidade. Sofrera fracassos um após o outro e os agiotas mostravam-se cada vez mais implacáveis. O Conde não tinha saída e não conseguia fazer empréstimo em lugar nenhum. Parecia que todos os agiotas de Toledo haviam feito um complô contra ele.

A situação agravou-se mais ainda depois que dom Pedro, indignado, negou a mão de sua filha a um rico banqueiro local, que imaginava, visto a situação difícil do Conde, poder tornar-se parente dele. O banqueiro rejeitado comprou todas as letras promissórias do Conde e não lhe dava trégua.

Bartolomeu, que chegou à Espanha depois de uma viagem feliz e bastante rápida, encontrou o Conde exatamente nessa situação. Ele alojou-se num pequeno hotel. Ao trocar de roupa, mandou que o levassem ao palácio dos Mornos.

A criadagem examinou Janto com desconfiança, mas ao saber que ele vinha de Cuba como enviado de dom Fernando de Martinez em seus rostos surgiu uma expressão de surpresa agradável. Todos eles, com solicitude incomum, correram para levar a notícia. Percebia-se que a criadagem também depositava suas esperanças no irmão milionário do patrão.

Dois minutos depois, dom Bartolomeu entrou no gabinete de dom Pedro, prestou reverência ao velho aristocrata, cujo ar majestoso e elegante impressionou-o fortemente.

- Sente-se, senhor - disse o Conde -, e transmita-me a mensagem de meu irmão.

- Senhor Conde, trago uma carta de dom Fernando e estou encarregado de conversar com vossa excelência a respeito de um acordo familiar, cujos detalhes o senhor encontrará nesta carta que tenho a honra de passar às suas mãos.

- Nesse caso, conversaremos sobre o assunto hoje à noite ou amanhã de manhã. Antes, preciso ler a carta de meu irmão, examinar e pesar sua proposta e tomar uma decisão. Enquanto isso, dom Bartolomeu, peço-lhe que seja meu hóspede. Meu filho cuidará de seu alojamento.

Janto levantou-se, em seguida, e saiu acompanhado por Ramiro, que deu as ordens necessárias ao serviçal.
Este o levou através de salas, outrora luxuosas, até um pequeno quarto confortável. Lá mesmo serviram-lhe um lanche. Depois, dom Bartolomeu mandou trazer do hotel suas malas.

Quando Ramiro voltou ao gabinete, encontrou o pai sombrio e pensativo.

- E então, pai? - perguntou o jovem com impaciência.

- Dom Fernando vende-me sua ajuda por um preço tão incrível, que se Janto não fosse um simples enviado, mereceria ser simplesmente enxotado daqui da forma mais humilhante - revelou-lhe dom Pedro.

Ramiro empalideceu, mas não teve tempo de responder, porque a porta lateral se abriu, de repente, e no gabinete entrou Dolores, animada e corada.

- O que se passa, papai? Que notícias recebeu do tio?
Ele mandou uma pessoa que, sem dúvida, trouxe a soma de dinheiro que você pediu.

- Oh! Ele mandou muitas coisas boas! Dom Fernando continua fiel ao seu mercantilismo - respondeu dom Pedro com um riso amargo e sarcástico. - Outrora, ele quis me vender sua ajuda pelo preço da mão de sua querida mamãe; agora, ele negocia você, Dolores, e exige que eu lha conceda para tornar-se esposa de seu bastardo José.

- Não é possível! - exclamou Ramiro, enrubescendo de raiva.

- Ouçam e julguem vocês mesmos! - disse dom Pedro, pegando a carta.

E leu em voz alta a longa mensagem do irmão.

- Essa resposta é uma verdadeira zombaria! Para nos seduzir, ele joga uma esmola como jogam um osso ao cachorro faminto e estabelece, de antemão, o preço de sua ajuda, exigindo a Condessa de Mornos para seu ilegítimo filho mulato. Ele nem mesmo mandou para cá esse pretendente, mas exige que uma

jovem faça sozinha essa viagem para tentar conquistar aquele mulato...

A voz do Conde tremia de ira, mas ele fez esforço para se controlar e acrescentou:

- Não vamos mais falar nisso!

Tentando mudar de assunto, o Conde passou a falar sobre a situação.

Dolores não pronunciou uma palavra. Acotovelada no "bureau", ela ouvia as deliberações dos homens. Estes, acostumados a deixar Dolores a par de todos os assuntos, falavam com toda a franqueza, sem esconder seu medo do banqueiro que realmente criara uma situação desesperadora.

- Nesse momento, temos apenas um meio de sair dessa: minha viagem a Cuba. E é o que pretendo fazer – intrometeu-se, inesperadamente, Dolores.

- Sua maluquinha! Não sabe o que diz! - interrompeu dom Pedro, zangado.

- Por acaso prefere que o banqueiro apareça aqui, venda tudo, até as nossas roupas, e que isso se torne um escândalo em toda Toledo? Escute, papai, permita-me ir! A sociedade não encontrará nada de vergonhoso no fato de eu ir visitar meu parente adoentado sob a guarda de seu empregado de confiança. O dinheiro que dom Fernando mandou o tirará dos apuros por algum tempo. Chegando em Cuba, vejo o que pode ser feito.

- Oh! Deus! Por que pecado me castiga e me precipita a um abismo de desgraças?! - balbuciou o Conde, pondo as mãos na cabeça.

- Vão, crianças, me deixem só! Eu preciso refletir a fundo sobre tudo isso.

Os jovens, então, se retiraram preocupados.

A necessidade é uma conselheira persistente. Na mesma noite, depois da última reunião familiar tempestuosa, ficou decidido que Dolores iria a Cuba. Terrivelmente transtornado, dom Pedro não conseguiria conversar pessoalmente com Janto. Por isso, foi Ramiro quem discutiu com ele as condições da proposta que o enviado de dom Fernando chamou, cortesmente, de "acordo familiar".

Como resultado da conversa, dom Bartolomeu expressou o desejo de ser apresentado a dona Dolores. Ramiro respondeulhe, então, que sua irmã o receberia no dia seguinte pela manhã.

Na hora marcada, Bartolomeu Janto chegou aos aposentos da jovem com a carta e os dois estojos nas mãos. Uma arrumadeira idosa levou-o ao "boudoir" de Dolores, muito luxuoso e outrora mobiliado para ela pelo Duque de Suzá. Naquele ambiente de esplendor, que combinava com sua beleza e ternura, a jovem pareceu-lhe encantadora. Com frieza e segurança, ela começou a fazer perguntas ao gerente sobre Cuba, sobre a duração e as condições da viagem e, finalmente, sobre dom Fernando. Nenhuma vez ela mencionou o nome de José. No entanto, dom Bartolomeu achou conveniente, naquela oportunidade, entregar-lhe as encomendas de seus senhores.

Delicadamente, ele pediu à moça que aceitasse o presente do tio e entregou-lhe o estojo aberto, no qual, sobre veludo negro, brilhava uma jóia de rubi e pérolas. Dolores ficou vermelha e empurrou o estojo sem nem olhar para ele.

- Isso é ridículo! Não posso acreditar que meu tio queira me ofender mandando-me isso como presente. Está enganado, senhor Janto! A jóia, com certeza, faz parte da soma que ele está pagando pela minha ida a Cuba. Então, devolva este estojo a seu patrão. Eu usarei as jóias somente quando me tornar a dona da fazenda.

Bartolomeu fez reverência e fechou o estojo. Não encontrando resposta a dar, apenas pensou: "Opa, a senhorita não é das mais dóceis! Dom José faria melhor se tivesse vindo para cá pessoalmente". Depois, em voz alta, disse:

- Nesse caso, Condessa, permita-me entregar-lhe a carta de dom José de Martinez e este estojo com seu retrato.

Dolores, com desprezo fulminante, olhou para o estojo.

- Será que além de suas virtudes, dom José sofre de uma vaidade baixa, achando que basta olhar para seu retrato para eu me conciliar com sua grosseira falta de cortesia? - disse ela com ironia cáustica. - Peço-lhe, senhor Janto, que devolva-lhe isto. Para mim basta a imagem que fiz dentro de minh'alma. Não demorarei a ver o original. Mas, que papel é este? Seria uma carta?

- Sim, senhora, é a carta de dom José. Ele disse que nela expôs um pequeno programa de como conquistar seu coração.

Uma expressão de ódio e desdém chamejou nos olhos azuis de Dolores.

- Sim, dom José possui virtudes tão fidalgas que não me permitem duvidar de sua origem. Devolva-lhe esta carta também. Quando chegar a Cuba e ver tudo eu mesma, farei meu

próprio programa. Dom Fernando é um verdadeiro "gentleman" e me colocarei sob sua proteção.

Dolores levantou-se, dando a entender que a audiência havia terminado. Janto retirou-se em seguida. Estava intrigado e sentiu profundo respeito por Dolores. Aquela altiva e inacessível aristocrata, como se fosse de propósito, fora criada para governar fortunas. Bartolomeu podia jurar que o irresistível dom José teria muitos momentos desagradáveis, porque se apaixonaria loucamente e lamentaria muito não ter simplesmente ajudado seus primos.

A partida de Dolores fora marcada para três semanas depois, pois Janto disse que se a jovem estivesse pronta para aquele dia, eles poderiam fazer a viagem no navio de dom Alfonso de Vasconcellos, que voltaria para as Antilhas[1].

O nome do capitão da "Sílfide" produziu uma impressão agradável aos condes de Mornos. Ramiro, então, escreveu a seu companheiro de infância, avisando que sua irmã iria a Cuba para visitar o tio doente e pediu que ele a tomasse sob sua proteção. Para responder à carta, Vasconcellos preferiu ir pessoalmente a Toledo, pois ficaria muito contente em ver dom Pedro e seus amigos de infância. Jurou ao Conde levar Dolores sã e segura ao seu lugar de destino.

Dolores impressionou profundamente Vasconcellos. E, cada vez que os grandes olhos negros do capitão a fitavam com admiração mal dissimulada, um leve rubor aparecia nas faces de Dolores e um sorriso iluminava seu rosto tristonho.

Aparentemente, a moça continuava tranqüila e corajosa. Aliás, as circunstâncias a obrigavam a isso, porque nem Vasconcellos, nem qualquer outro em Toledo, podiam saber do verdadeiro motivo de sua viagem. Todos achavam muito natural que dom Pedro se apressasse em atender o pedido do irmão, o que significava uma reconciliação. Se o velho milionário tinha mandado uma pessoa de confiança buscar sua sobrinha, era prova de seu desejo sincero de fazer as pazes e pressupunha-se que isso logo levaria a uma ajuda financeira.

Apenas à noite, quando ficava sozinha e ninguém podia ver suas lágrimas, Dolores entregava-se ao desespero. A separação próxima de seus parentes, a solidão que a esperava num país distante e a iminente batalha com uma pessoa vaidosa e indeli-

1 - Antilhas - Arquipélago da América Central situado entre o mar das Antilhas e o oceano Atlântico, do qual fazem parte: Cuba, Haiti, Jamaica, Porto Rico, República Dominicana, Trinidad e Tobago, entre outros países.

cada, que nunca tinha visto na vida, mas que já a tratava como um objeto comprado, enchiam sua alma de uma indizível aflição. Apenas da prece e do seu amor filial, ela tirava forças para fazer aquele sacrifício.

Na véspera do embarque, Ramiro convidou Bartolomeu para uma conversa íntima. Um plano monstruoso surgiu na cabeça daquele inescrupuloso jovem homem e ficando a sós, ele disse:

- Dom Bartolomeu, o senhor conhece o grau de parentesco que liga meu pai a dom Fernando? - perguntou Ramiro com voz surda.

- Parece que são irmãos por parte de mãe - respondeu Janto.

- Sim! Mas, além disso, devo lhe explicar os laços de parentesco que ligam as famílias Mornos e Martinez.

O jovem fez um rápido esboço da árvore genealógica das duas famí1ias.

- Então, se dom Fernando morrer solteiro, quem, na sua opinião, deve ser seu herdeiro?

- Sem dúvida o Conde, seu pai. Mas, devo observar que mesmo sendo solteiro, dom Fernando tem um filho legitimado, que é dom José.

- Sei disso. Mas, sua mãe escrava foi alforriada?

- Não posso lhe dizer com certeza. Não ouvi nada sobre isso - respondeu Janto, olhando com desconfiança.

- O senhor disse-me também que meu tio está muito doente e que, segundo os médicos, não viverá muito tempo.

Dom Bartolomeu ergueu-se na poltrona e lançou um olhar frio e penetrante a seu interlocutor.

- Sim, disse isso! Mas, doença ainda não é morte, os médicos podem estar enganados. Devo acrescentar, senhor Conde, que não entendo qual vantagem lhe dará a morte de seu tio.

- Logo, o senhor entenderá. É muito próximo de meu tio? - perguntou Ramiro.

- Orgulho-me de gozar da plena confiança de meus patrões - respondeu com dignidade Bartolomeu.

- Fico feliz em ouvir isso. Então, o senhor entende que se dom Fernando morrer sem testamento toda a sua fortuna passará para meu pai?

Bartolomeu pulou da cadeira. Estava muito nervoso. - Ah! Senhor Conde, repito que existe um testamento e todos os documentos legando a herança ao filho.

Ramiro apoiou fortemente sua mão no ombro de Bartolomeu. Depois, inclinou-se e, olhando com fervor nos olhos do gerente, em voz baixa, pronunciou nitidamente cada palavra:

- Então, não é tão próximo dele quanto pensei! Caso contrário, poderia facilmente se apoderar do testamento e de outros papéis.

Janto objetou, ofendido:

- Eu entendo, mas o senhor está profundamente enganado, procurando em mim o cúmplice de um crime. Sou um homem honesto!

- Nunca duvidei disso! Apenas quero saber o que responderá esse homem honesto se lhe dermos meio milhão no dia em que meu pai e eu tivermos a posse da herança.

O efeito foi fulminante! Janto, sem fôlego, sentou-se na poltrona. Queria falar, mas faltava-lhe ar. Só depois de um minuto ele balbuciou com voz entrecortada:

- Meio milhão... meio milhão!

Os olhos de Ramiro acenderam-se triunfantes. Janto cedera à tentação e, aproveitando aquele momento de fraqueza, ele continuou:

- Sim, meio milhão, ou seja, riqueza e independência. Tudo isso apenas por algumas folhas de papel rasgadas que, provavelmente, estão guardadas no "bureau" de dom Fernando e, se quiser, a gerência total de todas as terras. Eu acho que é mais agradável ser o primeiro empregado do Conde de Mornos, que de algum negrinho bastardo.

Bartolomeu estava calado como se tivesse perdido todos os sentidos. Fechou os olhos, mas, pela mímica nervosa de sua fisionomia, percebia-se que estava ponderando e que as pálpebras abaixadas deveriam esconder do interlocutor os resultados de seus pensamentos.

Ramiro sorriu. Estava certo de que tinha Janto em suas mãos.

- E, então, dom Bartolomeu? Posso contar com sua colaboração? - perguntou ele, depois de um certo silêncio.

Janto ergueu-se. Estava pálido, seus lábios tremiam e nos pequenos olhos cinzas transparecia uma ganância desmedida.

- Estou de acordo, Conde! O senhor receberá os papéis. Posso confiar em sua promessa?

Sem responder uma palavra, Ramiro pegou uma folha de papel e com a mão firme escreveu que ele, Ramiro de Mornos, herdeiro de seu pai e de dom Fernando, comprometia-se a pagar a dom Bartolomeu de Janto quinhentos mil reais no dia em

que ele e seu pai tomassem posse das propriedades de dom Fernando de Martinez.

Uma hora depois, a "Sílfide" levantava âncora e a toda a vela saiu de Cádiz.

No convés estava Dolores, mortalmente pálida. Pesadas lágrimas corriam por suas faces, enquanto seu olhar não separava-se da costa até ela sumir na neblina.

Então, a jovem foi ao seu camarote e entregou-se ao desespero. Pobre criança, que viveu sempre cercada de amor em companhia de seus próximos, acostumada à constante proteção! Sentia-se perdida, solitária e abandonada no meio do oceano por um Bartolomeu "não-sei-de-quê", em quem ela, instintivamente, não confiava.

A moça não podia dizer o porquê, mas seu único consolo era a idéia de que estava sob a proteção de Vasconcellos. Ele não era próximo, nem poderia ser; no entanto, em seus tormentos, a alma de Dolores voltava-se à imagem do jovem capitão. Um momento perigoso para ela e fatal para José, pois exatamente por isso ele perdera para sempre o coração da moça que havia escolhido como companheira de sua vida.

Naquele tempo, a viagem para as Antilhas durava meses inteiros. As pequenas dimensões do navio e os encontros diários entre os dois criavam uma intimidade perigosa. Portanto, seria muito natural que entre duas criaturas jovens e bonitas, como Alfonso e Dolores, cujos temperamentos e gostos combinavam, a simpatia inicial se transformasse em amor. Com uma satisfação maldosa, dom Bartolomeu pensava em José, vendo que dom Alfonso conquistava o coração da moça:

"Faria melhor, seu burro, se tivesse vindo pessoalmente à Europa, ao invés de bancar o sultão! Juro pela minha honra que se apaixonará perdidamente por essa criatura inteligente e bela, tão diferente das nossas tolas e sensuais senhoras. Mas, agora, já é tarde demais! Por sua própria culpa, perdeu o primeiro e o melhor movimento de amor desse jovem coração!"

O tempo passava com monotonia e não trazia nenhuma mudança no relacionamento entre os jovens. O final da viagem aproximava-se, quando aconteceu o inesperado: uma tempestade estava para cair e, a pedido do capitão, os passageiros desceram para a sala de refeições. Mal havia passado quinze minutos de alerta, quando um ziguezague de fogo cortou o céu e uma luz sinistra iluminou a sala. No mesmo instante, uma rajada de vento adernou a embarcação. Foi o sinal do começo de uma

tempestade que se desencadeou com uma força terrível. Raios e trovoadas seguiam-se sem parar.

Encolhida nas almofadas do sofá, calada, Dolores prestava atenção aos ruídos da tormenta, ao assobio do vento no cordame e aos gritos dos marinheiros que manobravam o navio. Mas, seu pensamento estava no convés, junto ao capitão que, corajosamente, defendia aquele frágil abrigo contra a fúria da natureza.

Dolores não conseguiu se conter e, cambaleando, dirigiu-se à porta. Leve como uma gazela, num instante chegou até o mastro e agarrou-se ao cordame, procurando com os olhos por Vasconcellos. Todo encharcado, com a cabeça descoberta, tranqüilo e decidido, o capitão dava ordens através do megafone.

Os apaixonados têm ouvidos muito apurados. Alfonso percebeu a presença de Dolores e seus olhos de águia logo encontraram a silhueta branca perto do mastro principal. A tempestade amainou-se por alguns instantes. Aproveitando a serenidade, o jovem correu até o mastro:

- Dona Dolores... a senhora aqui!

A jovem dirigiu a ele um olhar suplicante:

- Não quero morrer sozinha lá embaixo! Permita-me ficar aqui, dom Alfonso!

- Está bem! Já que não tem medo e não quer descer para a sala, venha comigo! - disse ele, após uma hesitação momentânea. - Vou segurá-la. Se morrermos, será pela vontade de Deus!

Abraçando-a pela cintura para dar-lhe equilíbrio, Afonso levou-a até seu posto de comando. Feliz, sem pensar no perigo e sem notar que estava encharcada dos pés à cabeça, a jovem apertou-se contra seu acompanhante. Os sentimentos que emocionavam sua alma inocente refletiam-se tão claramente em seus olhos que o coração de Vasconcellos bateu forte. Inclinando-se a ela, balbuciou com paixão:

- Dolores!

Ela, então, estremeceu. Ele continuou:

- Dolores, eu a amo. Imploro que me permita amar e defender você pelo resto de minha vida.

Feliz e desesperada ao mesmo tempo, ela ouvia aquela confissão em meio aos estrondos da tempestade.

- Oh! Alfonso, também o amo mais que a minha vida. No entanto, não espero nada de meu futuro. Acharia o auge de felicidade dar aquele passo que nos separa do abismo e morrer apoi-

ando-me em seus braços; apertando-me contra seu coração - respondeu ela, quase inaudível.

- Ah! Que terrível tentação tomou conta de você, Dolores! Será que não sabe que o capitão de um navio só tem direito de morrer em terra firme? Com você quero viver, não morrer. Quero que me explique a causa de seus pensamentos sombrios. Agora, vá até a sala!

Ele levou a moça até a escada. Depois, alegre e cheio de energia, voltou ao seu posto.

Uma hora depois, a tormenta se acalmou. Os dois passageiros jantavam no camarote do capitão, que estava em ótimo estado de espírito. Servia ponche quente aos hóspedes e cercava Dolores com toda a atenção possível. Em seu tom de voz e no olhar notava-se a terna intimidade de um noivo.

Janto fingia estar surpreso e dirigiu para a moça um olhar de interrogação. Esta ficou rubra. Quando eles se levantaram da mesa, ela disse para o gerente:

- Peço-lhe, dom Bartolomeu, que deixe-me sozinha com o capitão Vasconcellos. Preciso conversar com ele sobre assuntos sérios.

Quando Bartolomeu retirou-se humildemente, Vasconcellos levou a moça até o sofá e, pegando em sua mão, disse emocionado:

- Dolores, revele-me esse mistério que a cerca! Você anseia morrer, não respondeu diretamente à minha proposta e fala com o gerente como se estivesse se desculpando perante esse palhaço. O que significa tudo isso? Tenho o direito de saber.

Dolores empalideceu, balbuciou algo incompreensível e, de repente, desatou a chorar. Nunca o sacrifício lhe parecera tão penoso e odioso como naquele instante. Recusar o amor de Alfonso, uma felicidade tranqüila, para se casar com um mulato grosseiro, que ousara ofendê-la, mesmo sem conhecê-la, parecia-lhe estar acima de suas forças. Mas, ela tinha de contar a verdade à pessoa amada.

Com voz entrecortada de emoção, Dolores contou-lhe sobre a ruína e a vida miserável de sua família, sobre seu noivado com os dois duques de Suzá, as condições nas quais dom Fernando concordava em ajudá-los, e sobre o escândalo inevitável e a vergonha que aguardavam seu pai e seus irmãos, caso não recebessem aquela ajuda.

À medida que ela falava, uma palidez terrível cobria o bonito rosto de Vasconcellos. Triste e abatido, ele abaixou a cabeça.

- Se eu, pessoalmente, tivesse a possibilidade de livrar dom Pedro dessa situação, lhe diria: vamos voltar à Espanha e pedir a bênção de seu pai. Infelizmente, os bens de meu pai foram desperdiçados por minha mãe. Tudo o que tenho, incluindo este navio, não dá nem metade da soma que vocês precisam. Será que tenho o direito de impedir que você faça seu nobre sacrifício e torne-se responsável pela desgraça de seus próximos? Não, não ouso fazer isso. Melhor tentar me esquecer, Dolores!

- Como? Você, Alfonso, me aconselha a esquecê-lo? Não posso amar José, aquele bastardo rude, que se vangloria de sua fortuna! Tanto melhor que não me ame. O que, além de nojo, pode me insinuar o amor de um negro?

Ela calou-se e fechou os olhos com as mãos. Um ciúme intenso apertou seu coração. Enquanto ela estaria se sacrificando, sufocada nos laços de um matrimônio odioso, ele, livre, bonito e amado, continuaria seu caminho pelo mundo e a esqueceria por outra mulher e se sentiria feliz.

Vasconcellos entendeu os sentimentos que torturavam a moça, percebidos claramente em seu rostinho infantil. Um sorriso bondoso, que não ofenderia a mulher mais sensível, iluminou seu rosto.

- Eu - disse ele, inclinando-se a Dolores - continuo sendo marinheiro e nunca mais amarei ninguém além de você, de "Sílfide" e do mar. Juro, Dolores, que nunca outra mulher ocupará em meu coração o lugar que lhe pertence! Que nenhuma dúvida perturbe seu penoso, mas nobre, sacrifício, se Deus não quiser nos unir, apesar de todas as barreiras.

Capítulo 5

Tudo corria como de costume na fazenda de dom Fernando durante os longos meses da ausência de Bartolomeu. Dom José caçava e visitava propriedades longínquas. Além disso, ele gostava de ciências ocultas e estudava-as com um velho hindu, que havia-se apegado muito a ele. Parecia que tinha esquecido completamente o motivo da ausência do gerente e do importante resultado, caso as negociações tivessem êxito. Mas, o esquecimento era apenas aparente. Na realidade, uma impaciência febril freqüentemente tomava conta do jovem. Apenas o sentimento de orgulho ferido, misturado com raiva e um vago receio, cerrava seus lábios quando o pai começava a falar sobre a possível chegada de Dolores ou sobre como ele ficaria desgostoso se o irmão, ofendido por sua proposta, recusasse sua ajuda e, com isso, a possibilidade de reconciliação.

Finalmente, chegou a carta de Janto, onde ele comunicava o sucesso das negociações e o dia de sua partida com a jovem Condessa. Ao ler a correspondência, um leve rubor deslizou pelas faces morenas de José. Já dom Fernando ficou muito contente e concluiu que, se nada atrasasse a partida e a viagem fosse tranqüila, Dolores deveria chegar em Cuba dentro de umas três semanas.

- Terei tempo de preparar tudo para recebê-la! exclamou o velho, animado.

Em seguida, mandou chamar o segundo gerente e ocupou-se com a escolha dos quartos, dos móveis e da criadagem pessoal para sua sobrinha. Com afinco e interesse incomuns, o velho cavalheiro supervisava a decoração dos cinco

quartos destinados a Dolores: uma varanda com colunas, bastante espaçosa, levava a um grande salão, no meio do qual, de uma piscina de mármore, saía um jato d'água prateada quase até o teto; sofás baixos e estofados com cetim branco acompanhavam as paredes. As janelas e as portas fechavam-se com cortinas do mesmo tecido. Uma verdadeira floresta de plantas cítricas, mitras e amêndoas, em vasos chineses e japoneses, enchia a sala. No meio daqueles conjuntos aromáticos havia uma rede de seda com almofadas da mesma cor. Em frente estava o enorme espelho que deveria refletir a imagem graciosa daquela que iria se balançar naquele ambiente de luxo requintado.

Mais adiante havia uma sala de visitas não muito grande, que servia de biblioteca; depois o "boudoir", forrado de seda com um espelho em cada parede e com um pequeno "bureau", perto do qual estendia-se no chão uma pele de tigre. Finalmente, chegava-se ao dormitório, todo branco, um verdadeiro ninho de seda e musselina com uma penteadeira coberta de rendas e uma cama acortinada, onde, por uma irônica proposta de José, colocaram o brasão da família de Mornos, representando uma coroa de nove dentes.

José não participava dos preparativos, mas a imagem de sua prima ocupava cada vez mais seus pensamentos. À medida que aproximava-se o dia da chegada da jovem tomava conta dele uma impaciência misturada com aflição e desassossego estranhos. Quando José perguntou ao hindu Kakhla-Sarma que conseqüências traria a chegada de sua parente, este pareceu ter ficado espantado pela previsão dos astros. Fitando o jovem com um olhar esquisito, declarou que a chegada daquela moça causaria acontecimentos que mudariam totalmente a sua vida, mas omitiu os detalhes, dizendo que eles ainda estavam ocultos pelas nuvens. Aliás, o próprio José achava aquela previsão natural, porque o casamento, sem dúvida, iria mudar profundamente o seu modo de vida.

Passaram-se quatro dias desde que o palanquim destinado a carregar Dolores fora mandado para a cidade. E quando José voltava do pomar, depois de vistoriar as plantações, chegou correndo um negro, mandado de Havana por dom Bartolomeu, trazendo notícias de que a Condessa e o gerente já haviam chegado e que ele antecipava-se apenas duas ou três horas na frente deles.

A notícia causou uma forte emoção em dom Fernando. Sentindo-se indisposto, propôs a José que saísse ao encontro da prima, mas este, alegando cansaço e uma forte dor de cabeça, foi para seus aposentos. A janela de seu gabinete dava para a grande alameda de palmeiras. Dolores deveria passar por ali para chegar aos aposentos destinados a ela. José sentou-se junto à janela e abaixou as venezianas. Para enganar sua impaciência, tentou ocupar-se com a leitura e, depois, cochilar, mas não conseguiu nem uma coisa nem outra. Seus olhos e seus pensamentos estavam presos à ensombrada e deserta alameda.

Finalmente, depois de uma longa espera que lhe pareceu uma eternidade, José viu aparecer na alameda o palanquim trazido pelos carregadores, os negros que o escoltavam e Bartolomeu a cavalo, visivelmente cansado.

José não tirava os olhos curiosos do pequeno cortejo que passava a poucos passos de sua janela. Mas, sua curiosidade não foi satisfeita. As cortinas verdes de seda do palanquim estavam totalmente fechadas. Furioso por dentro, o jovem abandonou seu posto de vigia.

"Ela deve estar dormindo. Do contrário, por vaidade feminina, não resistiria ao desejo de se mostrar", pensou.

Depois, passando por um terraço, José deitou-se na rede e mandou os criados abanarem-no.

Logo foi a ele dom Bartolomeu.

Ao saber por um criado que dom Fernando desde de manhã não se sentia bem, e que tinha tomado calmantes e estava dormindo, dom Bartolomeu procurou por José. No fundo, ele estava terrivelmente revoltado com a falta de cortesia do jovem casquilho que, mesmo ali, em sua própria casa, não se preocupara em receber a mulher como anfitrião que era.

"Espere só, canalha! Ela vai ensiná-lo a se mexer, enquanto o próprio destino não o coloca em seu devido lugar!", pensou o gerente.

Dom José continuava na rede com ar de tédio e cansaço. Ao responder com um aceno de cabeça à reverência de Janto, perguntou rapidamente:

- E então, dom Bartolomeu? Para que cercar de tanto mistério sua fada? Vi pela janela que todas as cortinas estavam fechadas.

- Isso foi feito por ordem da Condessa.

- Por ordem? Ela até dá ordens, de vez em quando? - perguntou, ironicamente, o jovem.

- Sempre!

José apoiou-se sobre o cotovelo e em seus olhos entreabertos surgiram faíscas maliciosas.

- É verdade? Conte-me, por favor, os detalhes de sua viagem e de suas negociações. Acredito que não foram muito complicadas - quis saber o jovem.

Dom Bartolomeu, breve, mas detalhadamente, relatou tudo o que aconteceu em Toledo. Para concluir, tirou do bolso a jóia enviada por dom Fernando e colocou-a na mesa.

- É isto e mais uma coisa que devo lhe devolver.

- Por que não entregou essa jóia à minha prima? perguntou José, franzindo as sobrancelhas.

- Dona Dolores recusou-se a aceitá-la. Ela afirma que entendi mal as instruções e que essa jóia faz parte da soma paga por sua vinda - respondeu Janto, fingindo constrangimento. - Dom Pedro tampouco a aceitou, dizendo: "Já fui pago com a soma que o senhor me entregou. Portanto, devolva a dom Fernando essa peça excedente."

Dom José caiu nas almofadas. Seu rosto bronzeado ficou vermelho.

- Miseráveis! - balbuciou ele.

- E mesmo assim continuam sendo os orgulhosos condes de Mornos, o que ninguém lhes pode proibir observou o gerente, entregando ao jovem outro estojo e a carta dele.

- Ah! Uma carta! De quem é? Do Conde ou de Ramiro? - perguntou ansioso.

- Não, sua excelência! Estou lhe devolvendo sua própria carta e o medalhão com seu retrato.

- Minha carta! E sem ser aberta! O que significa isso?

Hesitante e constrangido, Janto transmitiu as palavras pouco agradáveis com que Dolores acompanhara sua recusa ao ler o programa da conquista do coração do futuro marido.

Dessa vez, os escuros olhos de José abriram-se largamente e um rubor de ira cobriu suas faces. Com um forte golpe, ele jogou longe o livro que o negro continuava a segurar, estando de joelhos à sua frente.

- Animal! Não vê que estou conversando e não lendo?! Por que me põe esse livro estúpido debaixo de meu nariz?! - vociferou o jovem mestiço.

Desconcertado, o negro apressou-se em levantar o livro, mas José já havia-se acalmado.

- Continue, dom Bartolomeu! Tudo isso é muito engraçado. Mas, ainda vejo em suas mãos um pequeno pacote. Espero que os orgulhosos de Mornos não estejam devolvendo o dinheiro da viagem.

- Devo confessar que foi dom Ramiro quem pagou a viagem ao capitão Vasconcellos.

- Vasconcellos?! - sua testa franziu-se. - Me parece que já encontrei esse senhor na casa de Olivero. É meio marinheiro, meio flibusteiro. Você poderia escolher uma embarcação mais segura para o transporte de minha prima e um capitão com reputação mais sólida. Aliás, o que está feito não pode ser corrigido.

- "Sílfide" é um barco excelente. Nenhum outro poderia oferecer a dona Dolores tanto luxo e conforto. Mas, permita-me, dom José, terminar meu relatório, entregando-lhe mais este estojo que, como já tive a honra de lhe comunicar, contém seu retrato.

- Estranho não tê-lo deixado com a prima. Aliás, o que foi que ela disse quando viu o retrato?

- Ela não o viu, senhor.

- Como, não viu? Você estragou o medalhão? Isso seria lamentável!

- Ela não quis vê-lo, senhor. Em palavras secas e desdenhosas, ela disse coisas que prefiro não lhe transmitir.

- Não, não, fale! É muito interessante saber a opinião dessa Cinderela orgulhosa.

Quando Janto repetiu as palavras de desprezo de Dolores, um tremor de ira passou pelo corpo de José.

- Que atrevida! - exclamou ele, furioso. Mas, ao encontrar o olhar malicioso de Bartolomeu, calou-se, tomado por uma desconfiança.

Bartolomeu retirou-se. Ao se ver sozinho na alameda que levava à sua casa, não precisou esconder sua expressão cáustica e gozadora.

"José nem viu ainda Dolores e já tem ciúmes de Vasconcellos. Engraçado! Mas, que instinto de rivalidade! Vejo que vamos ter boas histórias por aqui. Só receio que seja difícil impedir o casamento se o velho não se apressar em morrer."

Absorto em seus pensamentos e nos planos que arquitetava, o gerente foi para casa. Após a saída de Bartolomeu, José mandou os escravos embora e proibiu que o incomodassem até que ele mesmo os chamasse. Numa agitação nervosa, começou a andar pelo terraço. Tudo o que ouvira o irritava e intrigava ao

mesmo tempo. A raiva impelia-o a humilhar Dolores e seus parentes. Apesar da proposta, ele desprezava Dolores pela rapidez com a qual concordara em ir conquistar seu coração. Agora, sabendo que ela não tinha lido sua carta e não se dignara a olhar o retrato, convicta de sua beleza, sem dúvida estaria com a intenção de encantá-lo e, depois, responder a ofensa com ofensa.

A curiosidade de José era tão grande que abafou a ira e o amor-próprio ferido. Ele pegou o chapéu de palha, chamou Rex e, decidido, dirigiu-se aos aposentos de Dolores.

No caminho encontrou a camareira que, com ar preocupado, corria com um monte de coisas nas mãos.

- Onde está sua senhora, Sara? - perguntou José.

- A senhora Condessa trocou de roupa e encontra-se agora em seu "boudoir" - respondeu a moça, reverenciando o patrão.

José dispensou a criada com um gesto de mão e ela sumiu rapidamente.

"Vou cumprimentá-la e a levarei para ver papai. Estou muito curioso para dar uma olhada nessa Condessa", pensava José, subindo a escada do terraço dos aposentos de Dolores.

Não havia ninguém no terraço, nem na galeria envidraçada. Na grande sala de visitas, onde a fonte borbulhava suavemente, José viu a silhueta feminina deitada na rede.

O jovem parou e fez um sinal para Rex não rosnar. Depois, aproximou-se silenciosamente sem tirar os olhos da desconhecida, imóvel, de olhos fechados na rede.

"Está dormindo. Significa que ao acordar, não poderá fingir", foi o primeiro pensamento de José.

Quanto mais José olhava para a desconhecida, mais forte batia seu coração. Então, era assim aquela que deveria conquistar seu coração! Não parecia nem um pouco com as lindas cubanas, suas compatriotas. Se Dolores soubesse que saíra vencedora, ela o faria pagar cruelmente pela ofensa que sofreu.

José virou-se e, ao sair do terraço, caiu sentado no banco. Um sentimento estranho de aflição e tristeza apoderou-se dele novamente. Parecia ser o presságio de alguma desgraça. Mas, seria possível que aquela criança encantadora representasse aquela previsão fatal?

Um grito estridente interrompeu os pensamentos do jovem. Dolores, mortalmente pálida, corria pelo terraço, perseguida pelo tigre. Rex imaginava que seu dono levara-o para guardar a adormecida e, então, colocou a pata no peito da jovem. Ao sen-

tir o peso no peito e a respiração ruidosa do animal, Dolores quis levantar-se. Mas, quando viu o olhos verdes e a fuça da fera sangüinária a dois dedos de seu rosto, ficou apavorada. Deslizando da rede, ela correu para o terraço como um gamo perseguido. A emoção foi forte demais para ela. Deu alguns passos vacilantes e seu olhar passou pela figura de um homem desconhecido. Depois, cambaleou e teria caído no chão se José não a amparasse.

"Se acreditar nas previsões, o que deve significar isso?", pensou José, carregando a moça para o banco.

O desmaio de Dolores não foi profundo. Em alguns minutos ela voltou a si e abriu os olhos. Primeiro, seu olhar perdido passou pelo rosto do homem inclinado sobre ela. De repente, entendeu que estava no colo de um homem desconhecido. Corando de vergonha e de indignação, ela se libertou dos braços de José.

- Quem é você?! Um simples atrevido ou um selvagem?! - perguntou ela com olhar ardente.

O jovem também levantou-se.

- Permita-me que me apresente, dona Dolores. Sou seu humilde servidor e primo, José de Martinez - disse ele com profunda reverência.

Dolores empalideceu. Com um olhar rápido e bravo, ela mediu aquele homem que deveria conquistar e do qual dependia a salvação de seus próximos. Sem dúvida era um homem bonito, alto, de corpo bem feito. Seu rosto, levemente bronzeado, tinha traços regulares e finos. Os lábios delicados, vermelhos e os olhos castanhos escuros e frios, indicavam temperamento cruel e orgulhoso. Vestia um terno de seda, cingido com um fular vermelho. Reverenciando a prima, levantou de leve o chapéu de palha que cobria seu cabelo curto.

"Sendo herdeiro de tantos milhões, provavelmente considera desnecessário tirar o chapéu diante de uma mulher", pensou Dolores.

A primeira impressão que José produziu em Dolores não lhe foi favorável.

- Ah!... é você? Esperava delicadeza maior de sua parte, senhor de Martinez.

O tom com que foram pronunciadas aquelas palavras fez José corar. Mas, a moça já estava olhando para o tigre que, pacificamente, espreguiçava-se no tapete.

- É um tigre domesticado? Pena que não soube disso antes. Ele me deixou apavorada!

Dolores fez um gesto carinhoso, o tigre entendeu, aproximou-se da jovem e começou a se encostar nela como um gato. No entanto, percebia-se que o terrível animal lhe inspirava pouca confiança, porque ela estremeceu quando o tigre lambeu sua mão.

José ficou surpreso com aquele bom relacionamento. Normalmente Rex expressava sua disposição a poucas pessoas e nunca à primeira vista. O jovem sentia-se constrangido e não sabia o que falar. Com raiva de si mesmo, ele propôs a Dolores que visitasse dom Fernando, que estava ansioso para vê-la.

- Seu pai está doente? - perguntou ela.

- Não, teve uma leve indisposição.

- Então, por que não satisfez ainda seu desejo de me ver? Mas... vamos! Sempre esqueço que estou num país onde as noções de cortesia são inversas.

Dom Fernando já estava para ir ver a sobrinha, quando esta apareceu, acompanhada de José. Ao ver um membro da famí1ia que ele abandonou, a imagem viva de uma mulher que amou loucamente provocou uma forte emoção no velho fazendeiro. Pálido e tremendo, ele encostou na poltrona. Depois, abriu os braços e abraçou Dolores, balbuciando com ternura:

- Seja bem-vinda, minha querida criança! Sinta-se em casa sob o teto de seu velho tio.

Quando viu o fraco e sofrido velho, que falava tão sentido e sincero, o olhar de Dolores perdeu sua expressão fria e hostil. Um sorriso bondoso e alegre, que combinava tão bem com seus traços infantis, iluminou o rosto da jovem. Oferecendo o rosto ao beijo de dom Fernando, ela respondeu:

- Agradeço, tio, sua cordial recepção. Espero que Deus queira nosso bem-estar.

Com aquelas últimas palavras, seus olhos encheram-se de lágrimas; mas envolvido por tamanha felicidade dom Fernando não notou a emoção de Dolores.

José estava um pouco afastado e começou a brincar com um macaquinho, puxando seu rabo para fazê-lo gritar. Um sentimento penoso e amargo apertava seu coração. Por dentro ele sofria, vendo a cordialidade filial de Dolores e ouvindo a conversa animada e amigável entre ela e seu pai. Irritava-lhe a idéia de que em seu pai ela via não apenas um parente, mas um aristocrata de berço. Todos aqueles condes, duques e marqueses

eram alheios a ele e, certamente, cada um deles poderia lhe jogar na cara as palavras de desprezo do Conde de Mornos: "Em nossa sala de visitas não há lugar para um bastardo de cor."

Entregue àqueles sentimentos, o jovem não entrou na conversa.

No dia seguinte, Dolores sentia-se mais forte e mais tranqüila. Como todos deveriam se reunir apenas para a segunda refeição, a jovem resolveu se ocupar de sua instalação na nova moradia e ordenou a Sara que arrumasse seu guarda-roupa. Enquanto observava como ela desdobrava os vestidos e os casacos e separava a roupa de cama, os tecidos e as rendas, Dolores conversava com a pequena criada negra, pois gostou muito dela e agradou-lhe seu esmero e benevolência.

Sara era muito comunicativa. Feliz com a bondade de sua nova senhora, ela tagarelava sem parar e comunicava à jovem Condessa todas as novidades, não só de sua fazenda como das fazendas vizinhas também.

Dolores ria de todo o coração. Depois, animada, pegou sua mantilha e dirigiu-se ao grande terraço, onde, segundo Sara, já estava servido o lanche.

A jovem notou que dom Fernando olhava com impaciência para a porta pela qual ela deveria entrar. José, um tanto afastado, estava lendo. Dolores cumprimentou-o, mas ele a tal ponto estava distraído com a leitura que nada viu, nem ouviu.

- José! - chamou-o em voz alta o pai, todo corado.

- Pelo amor de Deus, tio, não perturbe o senhor José, já que ele tem essa rara capacidade de se abstrair. Deve imaginar-se numa floresta virgem - disse Dolores com ironia, querendo descobrir, pela reação do jovem, se ele realmente estava tão absorto na leitura.

Pelo leve tremor dos lábios e das mãos do primo, Dolores entendeu que a falta de cortesia tinha sido proposital. Isso lhe pareceu tão ridículo, que ela caiu em gargalhadas. O riso foi tão inesperado que José levantou a cabeça e corou. Dom Fernando observou com bonomia:

- Mas, que criança é você ainda, Dolores!

Durante o lanche, Dolores pediu permissão para ver as cabanas; e dom Fernando, com um sorriso, consentiu. Além disso, pediu a ela que visitasse, de vez em quando, a galeria feminina e assumisse a supervisão dos trabalhos artesanais, pois contava com seu bom gosto na escolha de novos desenhos. A jovem, feliz em ter uma ocupação, agradeceu calorosamente ao

tio. Ela reparou que aquela proposta não tinha agradado José, mas como ele não fizera nenhuma objeção, alegrou-se com seu descontentamento.

Logo que o lanche terminou, Dolores mandou Sara levá-la à galeria feminina, um prédio comprido onde mais de duzentas negras e mulatas, sentadas em fileiras, faziam trabalhos de tecelagem, bordado, costura e renda. No fim da comprida sala, num pequeno tablado, estava sentada a supervisora que Dolores tinha visto durante o almoço, no dia anterior.

Naquela oportunidade, ela usava uma roupa brilhante e muito chamativa e agora estava de roupa íntima, suja e indecente. Apesar de sua aversão, Dolores tratou-a com gentileza. A mulata chamava-se Gilda. Quando esta soube que dom Fernando passara à recém-chegada a supervisão de todos os trabalhos femininos, sua atitude tornou-se exageradamente lisonjeira, até desagradável. Cedeu a Dolores sua poltrona e começou a lhe servir frutas exóticas. Cantou hinos à beleza, à bondade e à virtude de Dolores que, ouvindo aqueles elogios, mal segurava o riso.

Dolores visitou também as aldeias dos escravos, que ficavam em volta da fazenda. Entrava nas cabanas, conversava com as mulheres e os velhos e tratava os doentes, pois aprendera medicina popular com dona Ximena. Distribuía frutas e doces entre as crianças. Até tornou-se madrinha de algumas delas. Ela procurava usar sua crescente influência sobre dom Fernando a favor de seus protegidos. Todos a adoravam.

Já havia-se passado um mês desde a chegada de Dolores e em toda a fazenda não havia um negro, cujo rosto não se iluminasse com um sorriso feliz e agradecido ao vê-la. Todos viam nela um gênio do bem.

Cada vez mais dom Fernando apegava-se à sua sobrinha, cuja personalidade encantadora e inteligência o animava e o distraía. Dolores havia trazido consigo livros recentes da Europa e, depois do jantar, quando todos se reuniam, ela e José revezavam-se na leitura em voz alta.

O relacionamento entre os jovens era muito tenso e ainda nenhuma palavra tinha sido dita a respeito do casamento. José sentia a antipatia da prima, apesar da gentileza e cortesia com os quais ela o tratava. Este sentimento tornava-se mais penoso, porque Dolores, a cada hora, o encantava mais e mais. Ele mesmo não se dava conta da medida de seu envolvimento, inflamado ainda mais pelas alusões de Bartolomeu à grande ami-

zade entre sua prima e o bonito capitão durante a viagem. Por mais vagas que fossem, era o suficiente para provocar toda uma tempestade de ciúmes na alma do jovem.

Vaidoso e orgulhoso de sua riqueza, no íntimo, era sempre humilhado e torturado amargamente por sua desprezível origem. Constantes atritos entre os jovens agravavam o clima que fora criado. Um dia, José mandou de presente para Dolores algumas peças de tecidos caros e ela as devolveu por intermédio de Sara, José ficou tão furioso que, por pouco, não matou a camareira.

- Ai, como fiquei assustada! - dizia Sara ao voltar, tremendo de pavor. - Mas, por sorte, tudo acabou bem. Agora ele pode entregar essa cesta a sua querida Gilda.

- Por que a Gilda? - perguntou Dolores, surpresa.

Sara corou, balbuciou algo incompreensível, mas acabou confessando que Gilda era amante de dom José e de dom Janto também.

- Meus Deus! Por que eles têm a mesma amante? Parece que mulheres na fazenda não faltam! E como dom José pode gostar de uma criatura tão suja e velha? - disse Dolores, ficando pálida de nojo e de espanto.

- Isso é um mistério para todos. A ligação já dura cinco anos - contou Sara.

- Quer dizer que dom José ainda era adolescente quando caiu em seus encantos - observou, ironicamente, Dolores.

- Sim! Mas, devo lhe dizer, minha bondosa senhora, que Gilda é uma bruxa e tanto. Ela sabe tanto encantar quanto botar olho gordo. Na fazenda ninguém duvida que ela tenha enfeitiçado dom José e dom Bartolomeu, porque os dois obedecem-na e perdoam todas as suas faltas. Ela é má como um demônio e ciumenta como um tigre. Azar daquela de quem dom José gostar.

- O que acontece com aquelas que caírem nessa desgraça? - perguntou a jovem, tomada por um sentimento desagradável.

- Elas morrem! - respondeu Sara em voz baixa.

A conversa causou uma impressão forte em Dolores. À antipatia que José lhe inspirava acrescentaram-se desconfiança e nojo. Tornar-se-ia ela rival e vítima daquela criatura imunda e criminosa ao casar-se com o jovem fazendeiro?

José nem suspeitava dos novos sentimentos que ele provocava em sua prima, apenas intrigou-o o olhar estranho com o qual ela o fitara, quando o surpreendeu conversando com Gilda. O jovem ficava cada vez mais nervoso, sua frieza e impassibili-

dade deram lugar à agitação e tornara-se mais difícil conservar a máscara de indiferença altiva na frente das pessoas. Ele nem percebia o quanto seu estado de espírito e suas atitudes refletiam no seu relacionamento com Dolores.

Certa manhã, José precisava transmitir algo para Janto. Então, ao voltar das plantações foi à casa do gerente, amarrou o cavalo à coluna da varanda e, sem cerimônia, entrou em seu quarto. Em lugar de Bartolomeu, encontrou Gilda. Ela estava sentada ao "bureau" e examinava um envelope meio rasgado com tanta atenção, que nem reparou na chegada de seu senhor.

- O que faz aqui? - perguntou José.

A mulata estremeceu. Seu olhar penetrante e desconfiado passou pelo interlocutor. Depois, ela respondeu:

- Este envelope foi rasgado por acaso e estou tentando consertá-lo. É uma pena, porque a carta é de dona Dolores. Ela mandou Sara entregá-la a Janto para que, junto com outra correspondência, fosse levada ao porto. Se dona Dolores souber disso, ficará brava e pode imaginar Deus sabe o quê.

Dando uma bofetada em Gilda, José pegou a carta com a intenção de colocá-la num novo envelope. Porém, a tentação de ler o que Dolores tinha escrito venceu e ele a abriu.

Era uma correspondência de Dolores ao pai, onde, detalhadamente, ela descrevia José, seu temperamento e seu caráter. Não poupou tintas e o retrato de José saiu muito vivo, porém repugnante, ainda que muito próximo do original. A descrição era impregnada de um ultrajante desprezo a José, desprezo de uma aristocrata altiva a um homem de sangue misto.

Sufocando-se de fúria, José leu a carta até o fim.

- Espere só, linda Dolores! - exclamou ele. – Você ajustou as contas sem o patrão. Se não se tornar minha esposa, não receberá nem um dobrão[1] de meu pai! Isso eu lhe garanto! Quanto a mim, mais do que nunca quero possuí-la; mas farei você, mendiga orgulhosa, suplicar meu amor. E esta carta nunca chegará a Toledo. Eu a guardarei como prova, como escudo contra a fraqueza, se um dia seus olhos de safira tiverem poder demasiado sobre mim.

O ataque de fúria demente deixou José sem forças. Ele deitou-se e mandou avisar que não iria almoçar. Dom Fernando, em seguida, chegou apressado para saber o que havia aconteci-

---

1 - Dobrão - Moeda de ouro que circulou nas antigas colônias da Espanha.

do com seu xodó, mas ao ver que não havia nada de grave, deixou-o sozinho. Apesar de José não aparecer durante três dias consecutivos, ninguém o perturbava.

Finalmente, no quarto dia de manhã o jovem saiu de seus aposentos. Dolores tinha ido à igreja e, aproveitando sua ausência, José decidiu ir ao seu quarto. Achava que encontraria lá mais cartas com referências a ele.

Passou pela sala de visitas e pela biblioteca sem se encontrar com ninguém; parou no "boudoir" e revirou toda a escrivaninha, sem resultado. As buscas no dormitório foram mais felizes: na pequena mesa, sobre um livro aberto, estava um caderno grosso de capa dura com a inscrição "Meu Diário".

O achado deixou José tão empolgado que ele esqueceu-se que estava em território alheio. Ao sentar-se na poltrona, abriu o caderno e começou a ler. Ficou absorto e não reparou que a porta do vestiário abrira-se e ali estava Sara, parada, estranhando a presença do patrão. De repente, a camareira entendeu o que estava se passando e, correndo à mesa, gritou:

- O que está fazendo, dom José?! Não posso permitir que toque no diário de dona Dolores.

José, surpreso, levantou a cabeça e olhou para ela com desprezo.

- É você, sua idiota, quem vai decidir o que permitir ou proibir para mim? Fora daqui! Se você ousar dizer uma palavra a minha prima sobre o que viu, vai pagar por essa língua solta com suas costas!

Mas, o desespero deu coragem a Sara.

- Não, não! Dê-me esse caderno! É o diário de dona Dolores! Ela ficará muito brava se souber que o senhor leu-o! - gritava ela.

- Não é de sua conta, imbecil! Fico com o caderno aqui e vou continuar lendo! Se você se atrever a fazer mais um movimento, eu a estrangulo!

- Pode estrangular! Socorro, me ajudem, um ladrão! - gritava ela, ao sair correndo do quarto.

Enfurecido e espantado, José jogou o caderno e foi embora.

- Espere só, animal! Pagará caro por essa ousadia - resmungava ele, indo depressa para seu quarto.

Apesar da raiva contra a negra, o jovem não tinha como castigá-la por ela não ter-lhe deixado cometer aquela indiscrição imperdoável. José entendia isso e, apesar de sua irritação, deveria manter silêncio, por enquanto.

Capítulo 6

Passaram-se cerca de três semanas. O relacionamento entre José e sua prima continuava frio e tenso como antes. Sentimentos conturbados como ira, ciúme e paixão tempestuavam na alma do jovem, mas ele mantinha a aparência gélida.

Pelo profundo amor que lhe inspirava sua sobrinha, dom Fernando resolveu mandar imediatamente a soma necessária ao irmão e convidá-lo a conhecer Cuba para presenciar o casamento de seus filhos. Para a grande surpresa do velho, seu plano encontrou furiosa oposição da parte de José. Com uma amargura que dom Fernando não conseguia entender, o jovem implorava ao pai que não mandasse nada ao Conde de Mornos enquanto o casamento não se realizasse ou, pelo menos, não fosse decidido.

A causa da fúria de José era a infeliz carta de Dolores que estava sempre com ele e cujo farfalhar era suficiente para fazer seu sangue ferver. Além do mais, naquela carta ela falava de sua ligação com Gilda. O conhecimento daquele fato fazia-o desprezível e miserável aos olhos de Dolores. Ele entendia isso e se roía por dentro. Quem ousara contar a Dolores que Gilda era sua amante? Então, resolveu falar sobre o assunto com a mulata.

- Você certamente gaba-se para todo mundo que é minha amante - disse ele. - De outra maneira, como Dolores pôde saber disso? Se eu souber que foi você quem se atreveu a espalhar isso, mandarei açoitá-la e de suas costas gordas vai escorrer banha! - ameaçou.

A mulata caiu em prantos e fechou o rosto com o avental. Mas, por entre os dedos, ela fitava o jovem com seu olhar cáustico.

- Coitada, infeliz de mim! Outros pecam e sou eu quem deve pagar! - uivava ela.

- Outros?! Quem são esses outros? - perguntou José, inquietando-se.

- Quem? Evidente que é Sara. Essa fofoqueira sem vergonha, a camareira de dona Dolores, que lhe conta tudo. Através de seu namorado Scipión, ela fica sabendo de qualquer coisinha que acontece na casa.

José acalmou-se. As astutas palavras da megera deram nova direção aos seus pensamentos. Era uma ocasião excelente para ajustar as contas com a camareira por não lhe ter deixado ler o diário de Dolores e, com isso, vingar-se da prima por seus olhares de desdém, pelos sorrisos irônicos e pela indiferença altiva para com ele.

José voltou para os seus aposentos tranqüilizado e chamou Sara. Pode-se imaginar o pavor da moça quando ele, severo e zangado, começou a censurá-la por ter espionado o patrão e, além disso, ter ousado macular os ouvidos de dona Dolores com aquela fofoca escandalosa, cuja veracidade ela não podia provar. Por mais que ela jurasse sua inocência e que não tinha dito nenhuma palavra a sua patroa sobre ele e Gilda, José não quis nem ouvir.

- Eu vou-lhe ensinar a usar sua língua solta e mentirosa com mais discrição e cuidado - disse ele. – Amanhã receberá vinte e cinco chibatadas. Aposto que depois dessa lição, você ficará muda como um túmulo.

Com um grito de pavor, Sara caiu de joelhos. Em vão, ela rolava pelo chão suplicando misericórdia, beijava seus pés e banhava-se em lágrimas. José continuou implacável e mandou-a sair.

Quando Sara, cambaleando, levantou-se, ele acrescentou com um ar muito significativo:

- Não se esqueça, se disser a sua patroa que está sendo castigada mandarei dobrar as chicotadas. Portando, seja prudente em seu desespero.

Dolores ficou terrivelmente revoltada ao saber do vergonhoso e cruel castigo aplicado a sua camareira. A primeira idéia da jovem foi correr ao tio e conseguir perdão para Sara. Mas, para seu grande desgosto, dom Fernando, que sentia-se mal desde

de manhã, havia tomado calmantes e estava de cama. Ela sabia que, nesses casos, ele acordava só no dia seguinte e já seria tarde demais, porque a camareira seria levada ainda à noite e castigada bem cedo na presença do próprio José.

Enérgica como sempre, Dolores decidiu apelar diretamente ao primo. Apesar de sua aversão a ele, ela correu para os aposentos de José, que encontrava-se no terraço. Por mais leves que fossem os seus passos, ele os ouviu e, surpreso, perguntou:

- Como, é você, prima?

- Sim, sou eu. Vim perguntar por que motivo me tiram a camareira para torturá-la e me deixam sem empregada? - disse Dolores, vermelha de indignação.

- Ela é levada e será castigada porque tem a língua muito comprida e os ouvidos curiosos demais - respondeu José.

Vendo o espanto da jovem que provavelmente não o tinha entendido, ele acrescentou, querendo evitar esclarecimentos desagradáveis:

- Se leva castigo, é porque merece. Não se irrite por tais ninharias. Amanhã ela lhe será devolvida.

- Sim, desfigurada e doente! Eu não admito essa crueldade! Não posso acreditar que ela tenha feito algo que mereça um castigo tão terrível. Eu lhe imploro, José - ela aproximou-se dele e pegou sua mão -, tenha bondade, perdoe a pobre moça!

Ao encontrar o úmido e suplicante olhar daqueles olhos azuis, José sentia seu coração amolecer e encher-se de um novo sentimento, desconhecido para ele. E quase abriu a boca para dar o perdão a Sara quando, de repente, em sua cabeça, rápido como um relâmpago, passou a lembrança da infeliz carta e o severo julgamento nela expresso pela solicitante.

Ele ergueu-se como se fosse mordido por uma serpente. Envergonhando-se com sua fraqueza àquela mulher que o desprezava, respondeu em tom severo:

- Lamento muito ter de recusar seu pedido, prima. Essa moça merece o castigo e será castigada. Aliás, ser-lhe-ei muito grato, Dolores, se não se meter nos assuntos que eu já resolvi.

Um forte rubor cobriu as faces de Dolores. Sem dizer uma palavra, ela virou-se e foi embora do terraço. Estava indignada e surpresa ao mesmo tempo. Era muito mulher para não ter lido nos olhos de José o quanto estava próxima da vitória. Ela quebrava a cabeça, tentando descobrir o que provocara aquela hostilidade repentina. Mas, todos os seus raciocínios não levaram a

nada. Como poderia adivinhar que sua carta, da qual já nem se lembrava, estava nas mãos de seu primo?

Dolores, desgostosa, não conseguiu dormir a noite toda. De manhã, ela mandou selar o cavalo e foi voando à aldeia, onde Sara seria castigada. Na praça, cercada de cabanas, estava uma multidão de negros, os capatazes, José e Janto. Atrás deles, de joelhos, Scipión batia a cabeça contra o chão, o que, é claro, só o crânio de um negro poderia suportar. Seu rosto estava inchado, cheio de lágrimas, suplicando em vão ao seu senhor para que ele levasse as vinte e cinco chibatadas no lugar de sua noiva.

Então, trouxeram Sara, aos prantos; tiraram suas roupas e amarraram-na ao poste. Naquele instante, ouviu-se o galopar de um cavalo e Sara e Scipión deram um grito de alegria. José virou-se rapidamente. Ao ver Dolores, ficou vermelho e seus olhos não desgrudavam da moça, que nunca lhe parecera tão encantadora como naquele momento. Seu acompanhante, Eleazar, pulou do cavalo e ajudou sua senhora a descer da sela. José notou nos olhos do jovem mulato uma grande adoração e uma enorme raiva e ciúme tomaram conta de todo o seu ser.

- O que quer aqui, prima? - perguntou ele, zangado.

- Quero lhe implorar mais uma vez misericórdia e perdão a essa moça! - respondeu Dolores com lágrimas nos olhos, estendendo-lhe as mãos unidas.

Então, instalou-se um silêncio mortal. Os olhos de todos dirigiam-se à jovem, a quem os negros da fazenda já adoravam há tempos como sua protetora e gênio do bem. José sentiu novamente que estava fraquejando. Resistindo àquele sentimento, ele gritou com voz rouca a um negro que estava perto do poste com um chicote levantado:

-Vai!

Este hesitou por um instante, depois, a primeira chicotada foi desferida à camareira, que gritou desesperadamente. Dolores empalideceu e fechou os olhos. Scipión lançou-se à ela e, beijando seus joelhos, suplicou que não abandonasse Sara. A jovem, instintivamente, colocou a mão sobre a cabeça encaracolada do negro. Nesse mesmo instante, um outro grito, mais terrível ainda, estremeceu todo seu corpo. Um ciúme inconsciente tomou conta de José, quando viu que alguém ousava tocar Dolores. Ele levantou o açoite e correu a Scipión gritando, fora de si:

- Animal! Como ousa importunar a Condessa e perturbar a execução do castigo?

Dolores viu o açoite levantado e o rosto do fazendeiro desfigurado de ira. Instintivamente, ela avançou para segurar o braço dele e assim protegeu as costas de Scipión. Uma forte chibatada caiu em cima dela, arrancando o lenço de rendas, fazendo um sulco sangrento em seu ombro delicado.

Ao ver o sangue que tingiu o vestido branco de Dolores, José caiu em si. Por um minuto ele ficou paralisado, olhando para a moça, terrivelmente pálida. Seus olhos estavam fechados e ela parecia estar prestes a cair. O único grito de Dolores deixou todos petrificados. O incidente não durou mais de um segundo. Vendo que Dolores cambaleava e caía sem sentidos, José esqueceu-se de tudo. Num piscar de olhos ele já estava ao lado dela, segurando-a.

- Desamarrem aquela idiota! E que vá para o inferno! - gritou ele, pegando Dolores nos braços e levando-a até um banco. - Água e gaze! - ordenou ele.

José lavou imediatamente a ferida, fez uma bandagem e, do lenço que usava como cinto, fez uma tipóia para o braço ferido de Dolores. Mal terminou aquela operação, Dolores abriu os olhos. Em seus lábios, lia-se desprezo e ódio. Ao empurrar o jovem, ela tentou levantar-se, mas estava fraca e não conseguiu. Naquele instante, Sara, banhada em lágrimas, aproximou-se dela.

- Fora daqui, miserável! E esteja em casa antes de chegarmos! - disse José. - E você, minha prima, permita-me que eu a coloque na sela. Infelizmente aqui não há palanquim e, se mandar buscá-lo, levará muito tempo. Cavalgaremos devagar e eu a segurarei.

Para chegar aos aposentos de Dolores, era preciso passar ao lado do terraço de dom Fernando. O velho fazendeiro já havia-se levantado e estava tomando café. Ao ver um estranho cortejo, ele chamou José. Este teve de parar e ajudar a prima a descer do cavalo.

- Dolores, minha querida criança! O que aconteceu?! - gritou ele, apavorado, vendo que a jovem subia as escadas cambaleando e ao notar uma bandagem ensangüentada em seu ombro.

- Nada, tio. Tive o descuido de proteger perante dom José minha camareira Sara, que ele havia mandado chicotear. Então, para variar, ele me castigou também por minha inconveniente intromissão. Ele foi grosseiro comigo e...

Ela não terminou sua brincadeira maldosa. Sua cabeça girava e, de fraqueza e emoção, perdeu os sentidos. Dom Fernando lançou ao filho um olhar que dom José nunca tinha visto em sua vida.

- O quê?! Você enlouqueceu a tal ponto?! - perguntou dom Fernando, segurando a sobrinha e olhando para o filho com espanto e ira.

Este, cuidando de Dolores, tentava se justificar e explicar o acidente. Por fim, a jovem, ainda inconsciente, foi levada ao seu dormitório. O hindu foi chamado para fazer companhia à Condessa. Este caso, evidentemente, não podia favorecer o relacionamento entre os jovens e deu muito desgosto a dom Fernando.

Por duas semanas Dolores não abandonou seus aposentos até que, completamente curada, apareceu na hora do almoço. Então, a vida tomou seu rumo habitual. Porém, mais do que nunca ela demonstrava frieza e altivez para com o primo, mal escondendo sua hostilidade. Havia duas causas para aquele comportamento: a primeira era a carta de seu pai, na qual este descrevia uma série de aborrecimentos e dificuldades financeiras que lhe arranjava o banqueiro rejeitado que, no desejo de se vingar, uniu contra ele todos os agiotas. A segunda era a iniciativa de dom Fernando que com um correr de pena poderia pôr fim àquela desonra e miséria e que poderia ter-lhes ajudado há muito tempo, mas que continuava se prorrogando por causa de seu filho. Tal impasse enchia de raiva o coração da jovem mulher por José.

Assim, passaram-se dez dias. Atormentado por cólera, pelo ciúme e por sua paixão secreta, José ora procurava se encontrar com a prima, ora a evitava.

Num dia, pouco antes do almoço, ele entrou na sala de visitas e Dolores estava lá sentada num sofá, brincando com seu macaquinho de estimação. A jovem respondeu ao cumprimento do primo com um aceno de cabeça. Quase em seguida, levantou-se e saiu. José, mal contendo sua raiva e amargura, caiu na poltrona que estava perto da janela e tentou ler. Estava tão absorto em seus pensamentos que não apenas se esqueceu do livro aberto em suas mãos, como não viu, nem ouviu Dolores retornar à sala. De repente, um grito rouco da jovem trouxe-o de volta à realidade. Ele virou-se rapidamente e ficou imóvel, como se estivesse paralisado. O sangue subiu-lhe à cabeça com tanta rapidez que sua vista escureceu.

Não se sabe se José tinha perdido a carteira ou se o macaco a retirara de seu bolso. O fato é que o maldito animal estava sentado no sofá com uma carteira no colo e segurava nas patas uma carta como se estivesse lendo-a, imitando José. Era a fatal carta de Dolores!

Pálida, a jovem olhava para o macaco. Depois, com um gesto rápido, arrancou a carta do bicho. Ao correr a vista pelo papel e tremendo de corpo inteiro, ela virou-se ao imóvel e emudecido José.

- Eu não estava enganada! - disse ela, fulminando o primo com um olhar desdenhoso. - Só um bruto enriquecido pode cometer um ato desses, digno de um lacaio.

José ergueu-se como um boneco de mola. O tom e o olhar da moça produziram nele o efeito de uma bofetada. Irritadiço, arrogante, acostumado à adoração de todos, excedendo-se na raiva, que apagara sua razão, ele não se lembrou que a culpa era só dele. Com o rosto ardente, avançou para a prima:

- Está esquecendo do conteúdo dessa maldita carta que caiu em minhas mãos por acaso? - perguntou ele com voz rouca. - A zombaria e a opinião "muito lisonjeira" que você revelou provam sua gratidão à família que a acolheu.

- Gratidão?! - repetiu Dolores com uma expressão indescritível. - Não tenho nenhum motivo para ter esse sentimento por você!

- A resposta é muito cômoda. Não menos genial é seu plano de me isolar no nosso trato. Sabe muito bem do que estou falando. Mas, permita-me aproveitar a ocasião e tirá-la do equívoco. Enquanto eu viver, não conseguirá conquistar meu pai e não receberá dele o dinheiro que o Conde de Mornos precisa. Não fomos nós quem os procurou em Toledo. Foram vocês quem se dirigiram a nós pedindo ajuda. Eu não consenti esse trato familiar com a condição de nosso casamento para ser brinquedo de seus caprichos e sofrer com sua revolta e seu orgulho. Portanto, tenha cuidado, Condessa, e tente não me ofender demais, pois pode acontecer que eu me recuse a me casar com uma mulher atrevida, cujo dote eu mesmo devo pagar.

Cego pela fúria, José entregou-se ao desabafo. A palidez de Dolores, encostada na mesa mal se apoiando, fê-lo voltar a si. Lamentando suas palavras impensadas, ele correu para amparar a moça, mas Dolores deu um passo atrás, como se encarasse uma cobra.

- Tem razão, dom José! Realmente nos dirigimos a vocês ao esquecer quem são e recebemos o que merecemos. Reconheço minha ingratidão por todos os favores com que me cercaram. Você me golpeou e agora me liberta também como a uma escrava, que pode ser vendida ou comprada à vontade. Deus me livre de esperar por novas provas de sua magnanimidade e me sujeitar à sua recusa nesse acordo familiar. Eu mesma me recuso a ele e à sua hospitalidade também. No primeiro navio eu deixo Cuba.

A voz de Dolores tornou-se firme e a palidez trocou-se por uma face corada. José ficou calado. Ele não esperava um resultado daqueles e a idéia da partida da jovem atingiu-o diretamente no coração. No entanto, ele preferiria morrer a reconhecer sua fraqueza.

Naquele momento crítico, ouviram-se os passos pesados de dom Fernando e o velho entrou, apoiando-se na bengala. Bastava olhar para o rosto dos jovens para entender que entre eles houvera uma tempestade.

- O que aconteceu? O que há com você, Dolores? Por que está tão agitado, José? - perguntou dom Fernando, inquieto.

- Nada de importante, tio! Dom José apenas declarou-me que nunca permitirá que eu ganhe a simpatia do senhor para lhe arrancar a ajuda necessária a meu pai. Cansada de tantas ofensas, deixo imediatamente sua casa e mudo-me para a de dona Ana, onde estarei até a partida do primeiro navio, que me levará à Espanha.

Dom Fernando sentou-se na cadeira, tremendo de corpo inteiro. Ele ansiava casar José com sua sobrinha. Além do mais, tinha certeza que seu filho estava loucamente apaixonado por ela e receava que sua estranha teimosia lhe custasse a felicidade de toda uma vida.

- Acalme-se, Dolores, e conte-me o que aconteceu! Não posso permitir que você mantenha sua decisão tão precipitada sem antes analisá-la a fundo, porque você foi-me confiada por Pedro. E você, José, saia. Deixe-nos a sós.

Docilmente, José obedeceu. Ele sabia que o assunto estava em boas mãos e suspirou aliviado.

Dom Fernando, com ternura, tentou dissuadir Dolores e suplicou-lhe que não o abandonasse. Após uma longa resistência, a jovem acabou cedendo e prometeu ficar. Apesar do ódio ao primo, ela tinha medo de perder a última possibilidade de salvar seus próximos.

Ciente de que sua ausência era o melhor meio de fazer esquecer o escândalo, José declarou que na manhã seguinte visitaria as plantações e as minas distantes, onde passaria alguns dias, porque era preciso fazer alguns reparos sérios por lá.

Dias depois, o fazendeiro vizinho, dom Olivero, deu um grande baile. Martinez e Dolores foram à festa. Mas, para sua enorme surpresa, a jovem encontrou entre os convidados Alfonso de Vasconcellos, que aproximou-se dela e logo já estavam sentados juntos, conversando.

"Ele está mais bonito ainda", pensava Dolores, que nunca o havia visto num rico traje de gala.

De repente, um desgosto tomou conta dela.

"Para que ele veio? Não seria para ser admirado pelas mulheres, cujos olhos não desgrudam dele?"

Como se confirmando aquele pensamento, Vasconcellos, após alguns minutos, levantou-se, fez-lhe reverência e misturou-se às pessoas. Depois de ter dançado com muitas damas, Vasconcellos chegou a Dolores e convidou-a para o próximo minueto, mas ela se recusou, alegando que já tinha sido convidada. Para deixá-lo bem irritado, foi dançar o minueto com José.

O ciúme a havia perturbado tanto que ela mal se controlava e resolveu isolar-se num dos gabinetes em volta da sala, cheio de flores e de folhagens. Acabava de sentar-se, abanando a face ardente, e ouviu por trás das plantas a voz de Vasconcellos.

- Que pensamentos ruins, Dolores, emocionam sua alma? Será que se esqueceu de minha promessa? Por acaso, posso me comportar de outra maneira na sociedade, sem provocar a atenção geral? E, por isso, está tão zangada que nem quer dançar comigo?

A raiva de Dolores passou em seguida.

- Onde você está? Não estou vendo você. Venha, vamos dançar! - disse ela, levantando-se e voltou para a sala.

Minutos depois, Vasconcellos apareceu e ofereceu-lhe a mão. Durante a dança, ele perguntou em voz baixa:

- E, então, como é seu relacionamento com José? Espera ter uma vida mais ou menos tolerável?

Todas as emoções daquela noite deixaram Dolores muito nervosa. Com aquela pergunta, grande aflição e amargura se apoderaram de tal maneira da jovem que ela mal segurava o pranto. Alfonso percebeu sua terrível emoção e apertou fortemente a mão dela.

- Pelo amor de Deus, Dolores, acalme-se! - balbuciou ele. - Precisamos conversar. Arranjarei nosso encontro de uma maneira ou de outra.

Capítulo 7

Depois da partida de Dolores, reinava no antigo palácio dos condes de Mornos uma sinistra tristeza. A ausência da jovem encantadora e corajosa formou um vazio que nada podia preencher. A primeira carta de Dolores consolou o velho Conde. A recepção cordial de dom Fernando a sua filha deu uma nova esperança à família. Mas, aquela alegria não durou muito. Uma tempestade que se formava no escuro desabou inesperadamente sobre as cabeças do Conde e de seus filhos.

O banqueiro Levisón, tão severamente posto para fora do castelo por dom Ramiro, depois da infeliz tentativa de receber a mão da filha do orgulhoso senhor, não conseguia esquecer aquela ofensa feita.

Ele comprava as letras promissórias dos condes de Mornos e as passava para seus patrícios. Choveram aborrecimentos de todo o tipo sobre os Mornos: ora recebiam recusa de empréstimo da forma mais grosseira, ora cobranças de dívidas inesperadas que eles não tinham possibilidade alguma de pagar e, por fim, ameaças dos agiotas de vender tudo em leilão, junto com os móveis do palácio.

Passaram-se meses e de Cuba não vinha ajuda, nem esperança de salvação próxima. Então, uma enorme impaciência e grande desespero começaram a atormentar o jovem Conde, quando, finalmente, recebeu uma carta que deu nova direção aos seus pensamentos e seus planos.

A correspondência vinha de Janto. Em poucas palavras, o gerente comunicava o que havia acontecido na fazenda e acrescentava:

"O negócio que é de seu conhecimento está encaminhado. Já sei onde estão as coisas que lhe são necessárias. Chegando o momento da ação, será fácil tomar posse delas. Dom Fernando está doente. Sua saúde piora tão rapidamente que não teremos de esperar muito por sua morte. A esse respeito, devo lhe dizer,

senhor Conde, que, na minha opinião, o senhor e seu pai precisam vir a Cuba. Deverão estar aqui para tomar as medidas necessárias e apresentar seus direitos. Poderão viver incógnitos em Havana e aparecerão no momento apropriado. Por favor, senhor Conde, comunique-me sua decisão e o dia de sua partida, se resolver seguir meu conselho."

Aquela carta deixou Ramiro aceso. Os resultados da arrojada intriga que o desespero fizera surgir em sua cabeça superava todas as expectativas. Por fim, ela lhe traria riqueza, livrá-lo-ia de todos os aborrecimentos e, além disso, daria a possibilidade de se vingar do desprezível mulato, que caçoava de sua desgraça e se divertia com os tormentos e a humilhação de toda a sua família. O pai dele insistia no casamento com a moça tão encantadora que fora cortejada humildemente por aristocratas como os duques de Suzá, e aquele filho de uma escrava nem se apressava a contrair o matrimônio tão brilhante.

- Espere só, cachorro! Quando me tornar dono da fazenda, você me pagará por todos os nossos infortúnios e por cada lágrima de Dolores - resmungou ele, apertando os punhos.

Ramiro decidiu deixar Toledo logo, porque sua vida na cidade natal havia-se tornado odiosa para ele. Achou mais prudente não dizer nada ao pai, aristocrata severo e escrupuloso, sobre seu acordo com Bartolomeu. Ao vender secretamente tudo o que pôde e juntando a soma necessária para a viagem, Ramiro aproveitou uma das cenas mais pesadas entre o pai e um agiota e convenceu-o a ir para Cuba.

Muito a contragosto, dom Pedro concordou com a partida, que mais parecia uma fuga vergonhosa. Tiveram de viajar às escondidas e o amor-próprio do orgulhoso Conde se ofendia com aquilo.

Ramiro tinha preparado tudo. Sem dificuldades, eles chegaram ao porto e entraram num navio. Era uma caravela pesada e velha que, por ironia, chamava-se "O Fugitivo".

- Vamos esperar que não nos persigam agora, apesar disto aqui ser um verdadeiro delato - observou dom Pedro, ao ler o nome da embarcação.

A viagem foi demorada, mas feliz. Dois meses depois, os Mornos estavam em Havana e comunicaram sua chegada a Dolores e a Bartolomeu.

Logo receberam duas cartas: uma de Dolores a dom Pedro, outra de Janto a Ramiro. Um vergonhoso amargor pela fuga dos parentes de Toledo e por sua situação desesperadora transpa-

recia em cada palavra de Dolores. A jovem enviou algumas jóias e comunicou que dom Fernando, a pedido dela, ordenou a Janto que lhes mandasse dinheiro e os convidasse para ir à fazenda, mas José expressou seu descontentamento tão abertamente que ela aconselhou o pai e os irmãos a não aparecerem e aguardarem até que o destino dela se resolvesse. Isso não iria demorar, porque o tio, cada vez com maior insistência, expressava seu desejo de ver o matrimônio realizado.

A carta de Janto também estava acompanhada de dinheiro. O gerente escrevia que dom José, entregando-o aquela soma, mandava-lhe dar a entender ao tio e aos primos que lhe dariam grande satisfação se não fossem à fazenda. Após o casamento, eles receberiam o combinado e, então, poderiam voltar à Espanha.

Lendo aquela insolência, Ramiro tremia de cólera, mas a continuação da carta acalmou-o um pouco. Bartolomeu comunicava que dom Fernando estava muito mal e que sua morte se aproximava.

Alguns dias depois, apareceu o próprio Janto para visitá-los. Ele disse a dom Pedro que seu irmão ficara gravemente doente depois da rebelião nas minas, o que por pouco não custou a vida de José. O gerente acrescentou que não podia entender porque o velho, apesar de seu louco amor pelo filho, não pensava em garantir seu futuro com um testamento e uma adoção. Sendo filho de uma escrava não libertada, José continuaria sendo escravo, se dom Fernando morresse sem legalizar a situação dele.

- Se o orgulho nato de um homem branco ou algum outro motivo impede dom Fernando de fazer isso, eu não sei. Mas, se ele morrer sem deixar os documentos necessários, posso apenas cumprimentar vossa excelência.

Sorrindo, Bartolomeu fez reverência aos condes.

- É pouco provável! Meu irmão não deixaria seu xodó em nosso poder sem garantir seu futuro - observou o velho Conde.

- Na verdade, fui incumbido de avisar o juiz e o tabelião que estejam prontos para vir até a fazenda à primeira chamada, mas dom Fernando está protelando demais respondeu o gerente, dando de ombros.

Depois, numa conversa secreta com Ramiro, Janto disse-lhe que sabia onde estavam os documentos e que já havia tomado todas as providências para liquidá-los na hora certa.

Capítulo 8

Dolores e José continuavam evitando um ao outro. Porém, a briga não diminuiu a paixão de José, mas inflamou-a ainda mais. Se o orgulho e a teimosia davam-lhe forças de esconder seus sentimentos na presença de Dolores, quando ficava só eles vinham à tona com força maior. O jovem rondava seus aposentos, espiava Dolores sem ela perceber e deliciava-se de longe com sua beleza, vendo-a se balançar na rede ou brincar com alguma criança negra.

José não notava o sinistro ciúme de Gilda. Aquela megera entendia que escapava dela um jovem e rico amante e sentia por Dolores um ódio tão profundo que decidira envenená-la.

Um dia, depois do almoço, Dolores voltou ao quarto terrivelmente pálida e cansada. Ao ler um pouco, deitou-se e tocou a campainha para chamar Sara.

- Traga-me algum refresco. Tenho muita sede, estou queimando por dentro.

A camareira correu para cumprir a ordem. O aspecto fraco da jovem, as olheiras enormes, a preocuparam muito. Quando voltou com um copo de limonada gelada numa pequena bandeja, viu com pavor sua senhora pular da cama e correr até a janela.

- Ar! Preciso de ar! Estou me sufocando!

Dolores queria arrancar a cortina, mas sentiu tontura e caiu de joelhos perto da janela. Parecia estar morta. Seus olhos abertos ficaram parados, o rosto e as mãos cobriram-se de manchas negras e em seus lábios apareceu uma espuma esverdeada. Sara gritou por socorro. Por sorte, o hindu estava por perto e apressou-se em socorrer a desfalecida.

Ele diagnosticou envenenamento e deu-lhe um antídoto, graças ao qual Dolores foi salva. José entendeu que tinha sido obra de Gilda. No começo, quis enforcá-la, mas Janto implorou para que ele a deixasse viver. Então, José, com suas próprias mãos, açoitou a canalha. A mulata suportou o castigo com ar de vítima e continuou insistindo em sua inocência.

- Provavelmente, dona Dolores comeu algumas frutas venenosas e eu, mulher inocente e indefesa, devo pagar por sua imprudência! - dizia ela.

Depois, começou a lamentar a cegueira de José, que tratava com tanta grosseria a pessoa profundamente fiel a ele por causa da mulher que não dava valor algum à bondade dele e cujo coração pertencia a outro.

Aquelas alusões surtiram enorme efeito. Sem reparar nos cáusticos olhares da megera, o jovem objetou, furioso:

- Cale-se, serpente! O que pode saber dos sentimentos de dona Dolores?

- Mais do que o senhor pensa! Se, em lugar de procurar brigas com o coitado do Olivero, vigiasse melhor sua futura esposa, notaria certamente que ela está apaixonada pelo bonitão Vasconcellos.

Vendo a fúria e a surpresa de José, ela lhe contou tudo o que soube por Bartolomeu sobre o amor dos jovens e a conversa deles durante a tempestade no navio.

Aquelas revelações provocaram uma verdadeira revolta na alma de José. Há muito tempo, seu amor próprio ferido soprava-lhe que a causa da indiferença de Dolores era o amor a outro homem.

Neste ínterim, dom Fernando estava se apagando. Um dia, seu estado agravou-se bruscamente e ele sentiu-se tão mal que pediu a José que mandasse buscar o padre para lhe dar a extrema-unção. O jovem, em seguida, mandou ao abade Linier um mensageiro. Este voltou comunicando que o abade havia sido chamado a outra fazenda e quando voltasse seria avisado que estavam esperando por ele na fazenda de Martinez.

Foi uma noite difícil. Exausta, Dolores foi ao seu quarto para descansar um pouco. José ficou sozinho com o doente, que estava tendo um sono pesado. Acotovelando-se sobre a escrivaninha, o jovem entregou-se aos seus tristes e revoltosos pensamentos. De repente, dom Fernando abriu os olhos. Com tristeza, olhou para o rosto sombrio do filho e tocou sua mão.

- José, para que faz sua própria infelicidade? Você ama Dolores, não negue isso - acrescentou ele, vendo o jovem estremecer e balançar a cabeça. - A mim você não engana. Para que mentir? Vejo que está sendo consumido pela paixão. Por que não se casa e põe fim a essa falsa e insuportável situação?

- Porque Dolores ama outro. Por mim sente apenas ódio e desdém - disse José com amargura.

O doente suspirou.

- Se é assim, é lamentável. Mas, será que é verdade?

Em todo caso, suas deduções são injustas. Dolores, essa criança pura e orgulhosa, não trairá nunca seu dever e não o difamará com a infidelidade. Quando se casarem, nenhum mal-entendido injustificado irá separar vocês. Case-se enquanto estou vivo. Um pressentimento me diz que tudo acabará mal se continuar protelando. Mas, se vocês se casarem enquanto estou vivo, morrerei tranqüilo.

Por um momento, a paixão e o orgulho lutaram na alma do jovem, mas o amor finalmente triunfou.

- Está bem, papai! Sua vontade é sagrada para mim e corresponde ao desejo de meu coração. Amanhã de manhã falarei com Dolores e marcaremos o dia de nosso casamento.

Depois, ao discutir com o pai todos os detalhes, o jovem, com impaciência, ficou esperando o dia nascer para conversar com a prima.

Dolores sabia que mais ceda ou mais tarde teria de se casar com aquele homem odioso para ela. Os assuntos do pai exigiam aquele sacrifício; então, aceitou a proposta de José. Sua honestidade lembrou à sua consciência que ela tinha mau conceito do rapaz e provavelmente por isso José tivesse raiva dela, que não o amava. Uma palavra calorosa naquele momento poderia ser a salvação para os dois, além de aliviar sua vida conjugal, já que deveriam se unir pelos laços do matrimônio. Todos aqueles pensamentos, que duraram poucos segundos, provocaram na alma da jovem uma reação inesperada.

- Dom José - disse ela, dirigindo a ele um olhar luminoso - confesse-me, diga-me francamente, de todo coração, se me ama. Acredite que quero essa confissão não por vaidade, mas preciso dela como uma base, na qual possa construir minha vida e dar a ela uma finalidade: fazer sua felicidade e aliviar o destino dos pobres negros. É verdade que meu coração está morto. Mas, ofereço-lhe minha amizade por toda a vida.

Aquele olhar caloroso e bondoso e aquela voz acariciante fizeram o coração de José bater forte. O amor fê-lo esquecer-se de tudo e os lábios já iam se abrir para pronunciar: "Amo você mais que minha vida! Dê-me, pela menos, um pouco de amor", quando, de repente, a última frase de Dolores estragou tudo. Seu coração morreu para José, é claro, mas batia por Vasconcellos. Para ele restava apenas a amizade, que ela lhe jogava como esmola.

- Agradeço, bela prima, sua magnanimidade - respondeu ele com um sorriso irônico. - Amizade é o mínimo que uma mulher pode dar a seu marido, enquanto eu coloco a seus pés tudo o que posso lhe dar: minha admiração pela sua incomparável beleza.

O tom foi gentil, mas o olhar cínico e insolente revoltou Dolores. Aquela resposta ao seu franco e nobre apelo pareceu-lhe duplamente ofensiva. Num segundo seu rosto mudou e o olhar flamejante e severo que lançou a José, fê-la lamentar por ter ofendida-a. Ele inclinou-se e quis pegar a mão dela, mas Dolores levantou-se e recuou.

- Concordo com o senhor, dom José. Que seja feita a vontade do tio e que ele veja antes de morrer a realização do acordo pelo qual vocês se ligam à família de Mornos. Estarei pronta na hora que o senhor quiser marcar. Apenas quero que, antes da cerimônia matrimonial, seja-me entregue o capital combinado. Espero que ache justa essa minha vontade.

- Sem dúvida! - respondeu José, também levantando-se. - Os papéis, no valor de quinhentos mil reais, serão entregues por meu pai. Por enquanto, ele lhe manda isto aqui - José tirou do bolso dois documentos dobrados e os entregou à jovem. - São as cartas de alforria de Scipión e Sara. Há tempos você queria tê-los, mas ficaram prontos apenas ontem à noite.

Os noivos se despediram trocando reverências frias.

Descontente consigo mesmo e com tudo, José foi para os seus aposentos com o coração pesado. Na alameda que levava ao seu terraço, ele encontrou Bartolomeu conversando com Kakhla Sarma. O hindu estava triste e o gerente preocupado e aflito. Juntando-se a eles, José disse a Janto que iria se casar naquele mesmo dia e deu-lhe algumas ordens referentes à cerimônia.

O abade Linier chegou bem mais tarde que o previsto e, em seguida, começou a unção do moribundo. Ao receber a extrema-

unção, dom Fernando ficou tão fraco que todos pensaram que seria seu fim. Mas, ele melhorou e sussurrou:

- Que comecem logo a cerimônia!

No quarto do doente, improvisaram rapidamente um altar. Depois, José foi buscar a noiva. Dolores estava lívida, mas com ar tranqüilo e decidido.

Com aflição, o moribundo olhava ora para o filho, ora para a sobrinha. Seus lábios tremiam, mostrando seu nervosismo. José levou Dolores à mesa, na qual estava o registro do casamento, preparado às pressas. A jovem não fez nenhuma objeção. Com indiferença e frieza ela escreveu seu nome abaixo do nome de José. Dom Bartolomeu e um dos velhos gerentes assinaram o documento como testemunhas. Janto entregou à jovem uma pasta com a soma combinada. Depois, os noivos aproximaram-se do altar. Os dois estavam sombrios e visivelmente emocionados.

Ao término da cerimônia, José se dirigiu com a noiva até o pai. Este, com lágrimas de alegria, deu-lhes sua bênção. Quando eles se levantaram, José atraiu Dolores para si, querendo beijá-la, mas ela recuou. Com o olhar frio e hostil, ela disse severamente:

- Para que essa comédia?

José não respondeu e sentou-se à cabeceira de dom Fernando. O doente, cansado daquela agitação, fechou os olhos e mergulhou num profundo sono. Junto ao moribundo ficaram também Bartolomeu, Dolores e Sara. O abade retirou-se, alegando ter um assunto inadiável.

Mais de uma hora se passou em absoluto silêncio, rompido apenas pela respiração rouca e entrecortada do doente. Subitamente, dom Fernando solevantou-se. Com um olhar imóvel para o espaço, ele exclamou:

- Vá buscar, José! Vá buscar, enquanto estou vivo! Ali, ali! Oh!... minha infeliz criança, salve-se!

- O que quer dizer, pai? - perguntou José, apoiando o moribundo, que caiu para trás, sem forças.

Naquele momento, dom Bartolomeu chegou correndo até a cama, gritando com voz dilacerante:

- Ele está morrendo! Chamem o hindu! Depressa! Depressa!

- Eles estão chegando... Oh! Meu filho! – sussurrou dom Fernando.

O corpo dele estremeceu, ele suspirou pesado e estirou-se. Tudo estava terminado.

Instalou-se um silêncio solene no ambiente. Depois, dom José, com a mão trêmula, fechou os olhos do pai e Sara cobriu seu corpo. Janto, nesse meio tempo, respirava pesado e enxugava o suor abundante de seu rosto. Estava tão agitado que não podia ficar parado, mal ouvia o jovem fazendeiro e lhe respondia fora de propósito. Ao tomar alguns copos de vinho, disse que sentia-se mal por causa do calor e da emoção.

Estranhando, José deixou-o ir e trancou-se no quarto do pai. Uma grande inquietude e uma tristeza profunda oprimiam o jovem. Ao tirar a coberta, ele inclinou-se sobre o corpo e olhou longamente para o homem que a vida toda pensou apenas em fazê-lo feliz e satisfazer todos os seus desejos e caprichos.

Agora, ele estava sozinho no mundo. A única criatura que o amava sem interesse havia morrido. Um sentimento de solidão terrível tomou conta de José e ele, com um gemido abafado, apertou seus lábios contra a mão fria do pai. Depois, sentou-se sem forças na cadeira, fechou o rosto com as mãos e por suas faces correram lágrimas quentes.

Quando José saiu do quarto, pesaroso pela perda do pai que ele amava tão sinceramente, encontrou Sara. Seu rosto estava banhado em lágrimas. Ao ver o fazendeiro, ela correu a ele, gritando com voz entrecortada:

- Graças a Deus! Ainda bem que o senhor chegou, dom José. Rezava a Deus para que trouxesse o senhor aqui! É que a senhora estava tão esquisita!

- Esquisita como? O que está dizendo? – perguntou o jovem, empalidecendo.

- Ela distribuiu todas as suas coisas e mandou entregar este bilhete ao senhor.

Com aquelas palavras, Sara entregou-lhe o papel. José arrancou-o das mãos da camareira. Mal olhou para ele, deu um grito e correu para o dormitório como louco.

A última conversa com José deixou Dolores com uma impressão muito ruim. Quando ele disse que amava nela apenas a mulher bonita, tamanha ira e ânsia por vingança tomaram conta da jovem e, num instante, surgiu e amadureceu em sua mente uma decisão ousada. Foi aquela decisão que lhe devolveu a calma.

Pensando nisso, ela foi para o seu quarto e começou a andar de um lado para outro febrilmente. Sim! Ela castigaria aquele insolente que se atrevia a ofendê-la e igualá-la a uma amante. Ela se vingaria dele, castigando sua avareza e frustrando todos os seus desejos. Um dia seu pai lhe disse: "Morreremos todos juntos!" e ela respondeu, na ocasião: "Para que todos? Basta sacrificar uma vida e, se for preciso, pode ter certeza, pai, que eu saberei morrer".

Chegara o momento de realizar aquela orgulhosa decisão. Ela queria e precisava salvar os seus, mas sua honra feminina não lhe permitia viver com José. Afinal, o que ela estava perdendo? Uma existência sem amor nem esperança. Uma vida com a ferida sempre aberta: a lembrança de Vasconcellos. Ao pensar que naquele mesmo dia deveria esquecer Alfonso para sempre, pertencer a José e suportar a presença daquele homem odioso, uma dor tão terrível apertou o coração de Dolores que até o suicídio lhe pareceu uma libertação.

A partir de então, começou a agir resolutamente. Escreveu cartas de despedida ao pai e ao irmão, entregou a Scipión a pasta com o dinheiro para que ele a levasse ao Conde de Mornos e, a José, deixou o seguinte bilhete:

"*Seu egoísmo* e *sua crueldade, que não reservaram para mim um lugar decente em seu coração nem nesta casa, mandam-me embora daqui. Morro deixando-lhe aquilo que você comprou* e o *que queria possuir: meu corpo,* e *apenas o corpo. Você desprezou minha alma* e, *hoje de manhã, recusou tudo aquilo que ela poderia lhe dar. Por isso, eu a levo comigo. Espero que, ao me ver morta, seu coração cruel esteja livre de qualquer lamentação* e *remorso. Aliás, resta-lhe aquilo que ama mais do que tudo no mundo:* o *orgulho,* o *egoísmo* e o *ouro. Dolores de Mornos.*"

Depois de dobrar a carta, ela a deixou num lugar visível; passou um olhar meio triste, meio irônico, pelo quarto que um dia viu por acaso. Nada havia sido mudado ali, pois não houve tempo para grandes preparativos. Fora colocada apenas mais uma penteadeira coberta com rendas e, na larga cama, uma colcha branca de seda e novas almofadas.

"Nestas almofadas descansará apenas meu cadáver", pensou ela, aproximando-se da penteadeira de José.

Ao ver um estojo, ela abriu-o. Nele, como esperava, estavam as navalhas. Era isso o que ela precisava, porque resolvera cortar as veias, tendo lido em algum lugar que era a morte mais fácil. Deveria apressar-se, pois se José passasse por aquela por-

ta estaria perdida. Mas, no momento crítico, a coragem a abandonou. As forças vitais de seu jovem corpo revoltavam-se contra a destruição. O medo do desconhecido e do sofrimento físico apoderou-se da jovem.

Lívida, Dolores fechou os olhos e recostou a cabeça na poltrona. Sentia vergonha de si mesma. Em vão, ela tentava recuperar a coragem. Mas, naquele instante, parecia que estava ouvindo passos masculinos no quarto ao lado. Ela ergueu-se, como se levasse um choque e, com súbita decisão, passou a navalha por ambos os pulsos.

Foi um alarme falso. José não apareceu. Excitada, Dolores quase não sentiu dor. Com uma sensação estranha ela olhava para os dois fios de sangue que escorriam de seus pulsos, tingindo as flores e as rendas de seu vestido. A dor acalmou-se. Sentiu apenas uma terrível fraqueza. Seus ouvidos começaram a zunir e seus olhos fecharam-se com uma nuvem escura. Ela queria orar pela última vez, mas sua mente estava confusa. A voz de alguém, que chegou ao seu ouvido como uma trovoada longínqua, por um instante, tirou-a do torpor. Como que através de uma neblina, ela viu o rosto de José, inclinado sobre ela, mas não entendeu sua,s palavras. Quase em seguida, tudo sumiu e sentiu como se estivesse voando sobre um abismo negro.

Dolores perdeu os sentidos.

Capítulo 9

A carta de Dolores passada por Sara teve o efeito de um golpe de marreta em José. Nunca lhe havia passado pela cabeça que a jovem poderia atentar contra a própria vida. Acusando-se amargamente por ter demorado tanto para socorrer a esposa, José correu para o dormitório. Ao ver Dolores toda ensangüentada quase perdeu a razão. Ele a chacoalhava, chamava-a pelos nomes mais carinhosos e tentava trazê-la a si. Os gritos dilacerantes de Sara, que entrou atrás dele no quarto, devolveram a José a presença de espírito. Jogando-se sobre a cama, ele arrancou o lençol, cortou-o e amarrou fortemente os pulsos de Dolores. Colocando-a na cama, gritou alto:

- Chamem Kakhla Sarma!

Os prantos e lamentações de Sara atraíram outros criados e, junto com eles, Bartolomeu. Este, ao ver o corpo imóvel de Dolores, começou a arrancar os cabelos.

- Ela morreu! Morreu! - repetia ele.

Minutos depois, chegou o hindu conduzido pelos negros, pois caminhava muito devagar. Por ordem dele, todos saíram do quarto, exceto José e Sara. Então, tiraram a roupa manchada de Dolores. Kakhla Sarma inclinou-se sobre ela e pingou em sua boca gotas de um fortificante.

- Ela vai viver? - perguntou José, que ajudava Sara a limpar o sangue das compridas tranças de Dolores.

Ele estava quase tão pálido quanto a moça e por todo o seu corpo passava um tremor nervoso.

- Nesse exato momento não posso dizer nada. Ela perdeu muito sangue - respondeu o hindu. - Dei-lhe um remédio forte que vai causar um delírio. Amanhã verei se há possibilidade de salvá-la. A cada hora é preciso dar-lhe cinco gotas de um medicamento que enviarei. De madrugada é que vou ver que efeito ele produziu. Agora, não posso fazer mais nada.

José, abatido, sentou-se na cabeceira de sua mulher. Ao pé da cama, num banquinho, sentou-se Sara. Novamente um terrível sentimento de solidão apoderou-se dele. Com amargor pensava na triste noite de núpcias que lhe preparara o destino: a morte do pai, a mulher morrendo e nenhum amigo verdadeiro para ajudá-lo nem apoiá-lo.

Naquele instante, uma cabeça peluda encostou em sua mão e tirou-o de seus pensamentos. Era Rex. Vindo do quarto ao lado, fitava José com seus olhos verdes.

"Eis o amigo do qual me esqueci", pensou José, acariciando o tigre, deitado tranqüilamente em seus pés.

Subitamente, Dolores mexeu-se e abriu os olhos. Seu rosto tinha manchas vermelhas e seus olhos brilhavam febrilmente. Ela não reconheceu José que, timidamente, inclinou-se sobre ela. Tomando-o por Vasconcellos, a jovem murmurou com um sorriso alegre:

- Alfonso, querido!

Apenas um rubor escuro delatou a emoção do fazendeiro, causada por aquelas palavras.

Mordendo os lábios, José apoiava Dolores e dava-lhe o remédio prescrito.

Passaram-se cerca de duas horas. Dolores estava num sono profundo, que parecia um desmaio. Sara acomodou-se num outro canto do dormitório. Terrivelmente cansado, José recostou a cabeça na almofada e fechou os olhos.

De repente, o rugido de Rex fê-lo estremecer. José levantou-se com espanto e viu um jovem desconhecido à porta do quarto. O visitante inesperado examinava o quarto com um olhar sombrio, cheio de ódio. Ao ver na cama a roupa ensangüentada, o homem jogou-se a Dolores.

- Ah! Canalha! Você a matou! - gritou ele.

Rex rugiu e pulou. Ele era muito apegado à jovem e a seguia por toda a parte. Percebendo o perigo por parte de um desconhecido, correu para a cama querendo defender Dolores. Mas, o jovem senhor, com a rapidez de um relâmpago, tirou da cintura uma pistola e atirou rápido na cabeça da fera. O tigre, então, caiu morto no chão.

Indignado com aquela atitude atrevida do desconhecido e totalmente fora de si, José pulou da cadeira e correu furioso para cima dele.

- Quem é você?! Como ousa entrar aqui e ir agindo como bem deseja?! - gritou ele. - Fora criatura insolente! Como se atreve, bandido!

Um sorriso altivo e irônico deslizou pelos lábios do jovem desconhecido.

- Sou Ramiro de Mornos! Eu é que tenho o direito de lhe perguntar o que significa o estado em que minha irmã se encontra e essa roupa toda ensangüentada. Mas agora chega de tanta conversa e siga-me imediatamente. No gabinete de seu pai as autoridades estão o aguardando para resolver um assunto muito sério e da maior urgência.

Enfurecido e descontente com aquela invasão, José achou melhor se desfazer logo daquela visita intempestiva e indesejada que chegara para entristecê-lo ainda mais, matando num repente o único companheiro que lhe restava.

No dia anterior, dom Pedro e seus filhos estavam sentados à mesa no jardim de uma pequena casa em Havana com uma garrafa de vinho velho. De repente, apareceu um negro a cavalo e bateu no portão. O corpo do cavalo estava todo coberto de espuma. Era um mensageiro enviado pela manhã por Bartolomeu Janto, trazendo uma carta a dom Pedro. O gerente escrevia:

"Meu senhor. Venha sem perder tempo. Seu irmão está agonizando e não passará de hoje. Ele não fez o testamento. Tragam consigo autoridades para constatar o falecimento de dom Fernando e confirmar seus direitos à herança."

Outro bilhete fora endereçado a Ramiro e continha apenas as seguintes palavras:

"Está tudo arranjado!"

Mas, isso foi o suficiente para deixar o jovem Conde elétrico. Rápido e enérgico, ele reuniu todas as pessoas necessárias. Uma hora e meia depois, todos cavalgavam pelo caminho até a fazenda dos Martinez.

Eram quase sete horas da manhã quando o Conde de Mornos, um juiz, um tabelião e um advogado chegaram à fazenda. Desmontando dos cavalos, eles perceberam a agitação que reinava entre os numerosos escravos e, evidentemente, atribuíram o movimento à morte de dom Fernando. Mas, pode-se imaginar o terror e o desespero de dom Pedro, quando o pálido e aflito

Bartolomeu, que chegou correndo para recebê-los, comunicou em voz baixa ao Conde que Dolores, no dia anterior, casara-se inesperadamente com José.

- É claro que esse matrimônio fica inválido se o jovem não apresentar o documento legal sobre sua adoção acrescentou o gerente. - Infelizmente, dona Dolores levou isso muito a sério e tentou tirar a própria vida.

- Mas, ela não morreu?! Quero vê-la! - gritou o Conde louco de desespero.

- Não fale nada sobre o casamento, senhor. Na fazenda corre o boato de que ele não foi realizado. Assim é melhor. Mas, permita-me levá-lo ao gabinete do falecido. Logo que a situação dos senhores e a de dom José for esclarecida, levarei o senhor à Condessa que, no momento, está dormindo, como me disse o médico.

Embora estivesse profundamente emocionado, dom Pedro entendeu que o gerente tinha razão. Sem objeção alguma, deixou que seus acompanhantes e ele fossem conduzidos ao gabinete do falecido irmão. Ramiro pediu a Janto que mandasse alguém levá-lo ao quarto da irmã. À ordem de Bartolomeu, Scipión conduziu o jovem Conde até os aposentos de José.

Pálido, com os lábios apertados, cheio de ódio e amargura, dom Pedro andava pelo gabinete. Por isso, quando a porta se abriu e José entrou, acompanhado por Ramiro, o coração do velho senhor encheu-se de tanta cólera e ódio, que apagaram-se toda a sua magnanimidade fidalga, condescendência e senso de justiça. O jovem fazendeiro olhou para as visitas indesejadas fria e hostilmente. Depois, fez uma leve reverência. Para sua grande surpresa, ela foi respondida apenas pelo juiz, que José conhecia de vista, e pelo advogado. Já os Mornos pareciam não tê-lo notado.

Dom Pedro continuava a andar pelo quarto e Ramiro, em meio-tom, conversava com Bartolomeu que, muito nervoso, procurava não olhar para o lado de José. Essa insolência fez José explodir. Ele abriu a boca para fazer uma observação não muito gentil, mas o juiz adiantou-se:

- Senhor, a morte de dom Fernando impõe-me a obrigação de lhe perguntar se tem o testamento de seu pai e o documento legal sobre sua adoção. Caso os tenha, apresente-os ou indique onde se encontram.

- Os documentos dos quais fala estão aqui no "bureau" de meu pai e eu lhos entregarei agora. Mas, acho que o senhor juiz

poderia esperar e revogar essa exigência até que o corpo de dom Fernando seja sepultado. Confesso que me é estranha essa pressa de vossa parte - contestou.

José tirou a chave do bolso, sentou-se ao "bureau" e abriu uma gaveta secreta. De repente, ele empalideceu e febrilmente começou a revirar os papéis. Infelizmente em vão. Um volumoso pacote selado havia desaparecido sem deixar vestígios. José revirou mais uma vez os papéis e examinou cada canto da gaveta. Ramiro, com o coração palpitante, observava o primo, temendo que ele tirasse de algum esconderijo as duplicatas dos documentos. Mas, o pálido e assustado rosto de José, que tremia de corpo inteiro, convenceu-o logo de que Bartolomeu havia cumprido a missão com maestria, aniquilando os únicos documentos que poderiam livrar o filho do tio de seu ódio e de sua vingança.

A cabeça de José girava; sentia-se à beira de um abismo.

- Dom Bartolomeu - disse ele com voz rouca -, você deve saber onde estão esses documentos. Não passou nem um mês desde que você os viu aqui, na minha presença e na presença de meu falecido pai.

O gerente deu de ombros e balbuciou algo, mas ninguém conseguiu entender.

- Senhor Juiz, meu pai formalizou minha adoção. Ele me reconheceu como seu filho e herdeiro. Por alguma casualidade incompreensível, os papéis sumiram desse "bureau". Provavelmente, estão escondidos em algum outro lugar. Em todo caso, deve haver cópias deles...

Ele calou-se de repente. Ao encontrar olhares irônicos e desconfiados, sentiu um aperto na garganta.

- Que tabelião testemunhou esses documentos e quem os assinou como testemunhas? - perguntou friamente o juiz.

- O tabelião chamava-se dom Pablo Henriquez e as testemunhas foram o velho senhor Gonzalez e o abade dom Gomez.

- Todos os três morreram - observou o juiz desdenhosamente.

Dom Pedro parou e, medindo José com o olhar cheio de ódio e desdém, disse:

- Senhor Juiz, tenha a bondade de ler o artigo da Lei que confirma meus direitos sobre a herança deixada por meu falecido irmão dom Fernando, caso não haja documentos provando que ele passou seu nome e sua fortuna a seu filho ilegítimo José, nascido da mulata Eva.

O Juiz pegou um livro que havia trazido consigo e leu o artigo da Lei que dizia:

"Filho fora do casamento não legitimado e nascido de escrava não alforriada, não apenas não tem nenhum direito a herança, como torna-se escravo do novo proprietário."

Era indescritível o que acontecia naquele instante dentro do infeliz José. As palavras da Lei, como um vago zumbido, chegavam até seus ouvidos. Ele conhecia perfeitamente aquele artigo, mas nunca pensou que poderia ser aplicado a ele. Estava perfeitamente consciente apenas de que estava sendo privado de todos os direitos humanos, que tiravam-lhe tudo e que o homem que tanto o amou e deu-lhe tudo, profetizou a aproximação dos inimigos, apressados em acabar com ele.

De repente, teve um tremendo acesso de fúria contra os ladrões que armaram contra ele aquele terrível complô.

- Não encontro os documentos, é verdade! E eu não consigo imaginar de que maneira conseguiram roubá-los! - gritou ele, espumando. - Mas os documentos existem e aparecerão! Até lá, provarei a vocês que o dono aqui sou eu! Fora!

Ao tirar do cinto um apito de prata, deu um silvo estridente. Só que daquela vez ninguém se apressou em atender sua chamada.

Dom Pedro apenas observou com desprezo:

- Deve-se fazer cópias de documentos tão importantes, precavendo-se contra o roubo. Mas, basta sobre isso! Como único herdeiro de meu irmão, tomo posse de todas as suas propriedades. Quanto ao filho da escrava não alforriada, será escravo como os outros. Que se ponha novamente no lugar que nunca deveria ter deixado. Dom Sebastião, prepare as atas necessárias e o senhor, dom Bartolomeu, dê ordens a todos os negros da fazenda para se reunirem na praça da aldeia. Irei falar com eles. E mandem também para cá alguns criados, antes que este escravo desaforado, que tanto abusou da fraqueza de meu irmão e que se passava por senhor, tente aprontar alguma coisa.

O juiz, o tabelião e o advogado saíram do gabinete. Janto seguiu-os apressado. Contra sua vontade, tinha um sentimento penoso ao ver seu antigo patrão que, pálido e com o rosto transfigurado, privado de nome, fortuna e liberdade, repudiado por todos, convulsivamente agarrava o encosto da cadeira que estava perto dele.

Dom Bartolomeu procurava evitar o olhar de sua vítima que, naquele momento, lembrava-lhe de modo estranho o moribundo dom Fernando. Com ar preocupado, ele correu do gabinete.

Quase no mesmo instante, José ergueu-se. Em sua mente perturbada surgiu uma nova idéia: não era ele marido de Dolores? Com a mão trêmula, ele tirou do bolso a certidão de casamento e entregou-a ao velho Conde.

- Sou seu genro, dom Pedro de Mornos. O senhor não vai querer aplicar o artigo da Lei, aqui lido, ao marido de sua única filha.

Dom Pedro, sem ler, rasgou o papel e jogou os pedaços aos pés do miserável.

- Este documento teria valor se você fosse filho legitimado de meu irmão e não escravo sem nome nem direitos. Perante a Lei, seu matrimônio não tem valor algum - disse ele com desprezo.

- Mas, ele tem perante Deus! Dolores tornou-se minha esposa por livre e espontânea vontade!

- Sua tentativa de suicídio prova o quanto sua decisão foi espontânea e o quanto o seu amor trouxe-lhe felicidade - observou Ramiro em tom cáustico.

- A questão entre nós era o dinheiro, não o amor. Vocês mandaram sua filha para cá a fim de que ela conquistasse meu coração ou talvez algo mais importante para vocês, disse José com amargor. - Talvez ela mesma, a meiga sobrinha, a quem meu pai adorava e para a qual não tinha segredos, tenha levado do "bureau" os documentos que garantiam meus direitos e entregue seu marido legítimo a um destino insólito. O falecido fez tudo para garantir minha felicidade e minha independência. Pobre do meu pai! Ele não sabia que sobre seu leito de morte já pairavam urubus que preparavam, muito habilmente, um golpe.

- Cachorro desaforado! Como ousa sujar o nome de Dolores com tal suspeita?! - exclamou o velho Conde, tremendo de raiva. - Peguem-no e levem-no à praça da aldeia! - ordenou aos negros que acabavam de chegar e, respeitosamente, esperavam na porta.

Eles obedeceram. Ao ver que fora agarrado pelos braços dos mesmos escravos que desde seu nascimento obedeciam suas ordens, José caiu numa verdadeira cólera. Ele se debatia como um demente e apenas com grande esforço conseguiram amarrá-lo e levá-lo até a praça.

Lá já se reuniam centenas de negros e seus capatazes. Os ajudantes do gerente estavam um pouco afastados.

Os olhos de todos dirigiam-se com curiosidade e medo a José, pálido, desgrenhado, com a roupa rasgada. Quatro homens fortes o seguravam. Depois de uma curta espera, que à multidão parecia uma eternidade, chegou dom Pedro acompanhado por seus filhos e por dom Janto. Em poucas e benévolas palavras, o velho senhor anunciou aos escravos reunidos que agora tinham um novo senhor e prometeu-lhes facilidades e uma vida melhor.

As últimas palavras do Conde foram respondidas por gritos de alegria. Aquela multidão com esperança e euforia recebia o pai e os irmãos de Dolores, sua boa e incansável protetora. Nenhum olhar de pena ou condolência foi lançado ao severo e cruel homem que tão impiedosamente exercia sobre eles seu poder. Ele voltava à escravidão, da qual o acaso lhe tirara, e isso nada mais era que a justiça.

- Levem o escravo José! Troquem sua roupa, tranquem-no numa cabana e não tirem os olhos dele - ordenou Ramiro, a quem o pai deu toda a liberdade na gerência das propriedades.

- Scipión, você será o guarda desse preguiçoso e irá vigiá-lo para que trabalhe na roça como os outros. Há tempos o trabalho deveria fortalecer essas costas, delicadas demais para suportar o cansaço de uma viagem à Europa.

Vendo José cair no chão como um corpo sem vida, Ramiro virou a cara com um sorriso sarcástico e dirigiu-se para casa, seguido por dom Janto.

- Dom Bartolomeu, venha me ver à noite. Espero que nossa conversa deixe-o satisfeito - acrescentou ele, amigavelmente.

Sem sentidos, José foi levado da praça. Enquanto estava inconsciente, colocaram nele roupas de escravo: uma camisa e calças de pano rústico. Depois, jogaram-no em cima da palha.

Já era dia quando o infeliz voltou a si. Estava tão acabado moralmente, que nem viu onde se encontrava. Indiferente, sem pensar em nada nem se desesperar, José fechou os olhos. Não ouviu quando a porta se abriu e na cabana entrou Scipión com um chicote na mão.

Por um minuto, o negro com ares de suficiência rude ficou olhando para seu antigo senhor, diante do qual tremeu durante tantos anos e que um acontecimento incrível acabou entregando-o em suas mãos.

- Levanta, seu preguiçoso, e vai para a plantação de cana! - gritou Scipión, dando um forte chute nele.

José estremeceu e, ao ver seu antigo escravo, ficou furioso. Levantou-se de um pulo para avançar em Scipión, mas este deu um passo atrás, chicoteou-o e gritou:

- Ah! Canalha! Ainda se atreve a se revoltar contra seu capataz! Será que esqueceu que seu poder acabou e agora nós aqui somos mais importantes do que você?!

José parou, petrificado. Em sua camisa surgiu uma faixa de sangue e uma terrível dor, sentida por ele pela primeira vez, incapacitou-o de raciocinar e de se movimentar. Scipión aproveitou o momento e chamou os escravos. José foi agarrado e levado à força para a plantação de cana. Lá já estavam Ramiro e Janto. Montado em Baobdil, o cavalo preferido do dono destituído, o jovem Conde fazia perguntas sobre o tamanho da plantação de cana-de-açúcar, quando José chegou conduzido, ou melhor, arrastado.

- Escravo José - disse Ramiro, olhando para ele -, vá trabalhar e com seu esmero tente justificar os anos que passou na mordomia. Se for diligente, recompensarei você e talvez o liberte.

José levantou a cabeça e os jovens trocaram olhares cheios de ódio.

- Seu ladrão! Pode me matar, mas não vou trabalhar em minhas próprias terras. O que significa para você um crime a mais?

Ramiro sorriu.

- Scipión, seu subalterno trabalha mais com a língua do que com as mãos.

Com ar feroz, Scipión agarrou o jovem infeliz pela gola e, dando-lhe chicotadas, empurrou-o para a multidão de negros. Ao ouvir os gemidos do coitado, dom Bartolomeu, emocionado, virou-se e começou a conversar com um de seus ajudantes.

Neste ínterim, colocaram um facão na mão de José para que ele começasse a cortar a cana. Scipión não largou seu chicote enquanto o infeliz, vencido pela dor física, não se submetesse à severa necessidade e não começasse logo a trabalhar.

Quantas vezes, montado em seu fogoso corcel, o altivo José via calmamente os mesmos espetáculos e apenas gritava: "Façam esse vagabundo se mexer!" Agora, quando ele mesmo experimentava aquele tratamento humilhante, ninguém tinha pena dele. Ninguém olhava para o desfigurado rosto e as costas

ensangüentadas do homem, cuja imagem, durante muitos anos, fez tremer a todos e cuja presença significava mais trabalho para os escravos.

Ramiro notou a perturbação de Janto. Quando o gerente quis sumir sob o pretexto de ter algumas ordens a dar o jovem Conde parou-o e perguntou-lhe com ironia:

- Aquilo que vimos agora é desagradável para você, dom Bartolomeu?

- Confesso, Conde, que não esperava vê-lo aplicando todo o rigor da Lei ao filho de seu tio. Se dona Dolores estivesse bem de saúde ela, certamente, protegeria o homem que por algumas horas foi seu marido.

- E ela não teria razão! Esse famigerado marido não se acanhou em deixá-la ser envenenada pela mulher que também é sua concubina, como eu soube, dom Bartolomeu.

- Há muito tempo Gilda deixou de representar tal papel para mim, dom Ramiro. Apenas o estranho amor de dom José por ela obrigava-me a ser condescendente com todas as malfeitorias dessa megera - respondeu o gerente.

- Ah! Excelente! É preciso unir esses dois amantes dignos um do outro e obrigar Gilda a trabalhar também. Ela não serve como supervisora. Depois, pode-se casá-los. Isso, pelo menos, acabará com as fofocas sobre a tola história do casamento dele com Dolores - concluiu Ramiro, rindo de todo o coração.

Na noite anterior, Scipión entregou a dom Pedro a pasta e a carta de Dolores. Terrivelmente desesperado, o velho senhor ficou à cabeceira da cama da filha, deixando todos os negócios para Ramiro.

Capítulo 10

Através de Bartolomeu, Ramiro ficou sabendo do amor de Dolores por Alfonso e resolveu unir os jovens. Informou-se sobre o capitão e soube por um de seus amigos que ele vivia em Havana e que a "Sílfide" e seu comandante logo chegariam a Cuba.

Aquela notícia estimulou Ramiro e convencido de que o melhor remédio para Dolores seria a presença do homem amado e a certeza de pertencer a ele, o jovem Conde resolveu eliminar todos os obstáculos e a nebulosa lembrança do infeliz casamento da irmã com José, o que, aliás, não deveria chegar aos ouvidos de Vasconcellos.

Ramiro conhecia a índole franca, magnânima e escrupulosa de seu amigo de infância, que não apenas insistiria no divórcio formal, como protestaria contra o tratamento desumano dado a José. E Ramiro não tinha a menor vontade de mudar suas atitudes, pois não podia esquecer nem perdoar o primo pelas inúmeras humilhações que o fizera sofrer. Ele não podia esquecer também que os constantes adiamentos e a ironia desdenhosa de José foram a única causa das desgraças da família.

Convencer o pai e a irmã não seria difícil. Restava apenas assegurar o silêncio da testemunha mais perigosa, o abade Linier, e destruir o registro do casamento feito no livro da igreja. Mas, ao pesquisar sobre o caráter do jovem padre, Ramiro não duvidava que iria conseguir um acordo com ele.

Finalmente, a "Sílfide" ancorou em Havana. Sabendo disso, Ramiro dirigiu-se para a cidade e facilmente encontrou o amigo. O relato sobre os acontecimentos alegraram Vasconcellos; apenas a notícia sobre a tentativa de suicídio de Dolores causou-lhe uma forte dor.

- Acalme-se! Agora ela já está se recuperando. Acho que se você a visitasse na fazenda seria o melhor remédio à minha pequena irmã maluquinha - observou Ramiro com vivacidade.

- Duvido que dona Dolores vá gostar de sua brincadeira - disse o capitão, corando.

Ramiro riu alto.

- Venha e pergunte a ela! Durante o delírio Dolores só falava em você e até lhe deixou uma carta de despedida. Como vê, não estou abrindo nenhum segredo especial. Se você não a esqueceu, venha receber a bênção de meu pai e o beijo de noivado - respondeu o Conde, já em tom sério.

Em lugar de uma resposta, Alfonso apenas deu-lhe um forte abraço.

A convalescença de Dolores era lenta, mas ajudava-lhe a alegria de ver seus parentes. Porém, ela ainda estava muito fraca e parecia ter perdido a memória, pois nunca falava do que havia acontecido, não perguntava sobre José e não ficou nem um pouco surpresa com o fato de ver seu pai fazendo o papel de dono da fazenda.

Receando emocionar a filha, dom Pedro procurava evitar alusões aos tristes acontecimentos que tinham causado sua doença.

O velho Conde recebeu Vasconcellos como um filho. Sem a menor hesitação, ele consentiu com o casamento e, com ar alegre, levou-o até a enferma.

Dolores estava dormindo na rede. Sua lividez e a terrível fraqueza partiram o coração de Alfonso. Ele já havia lido a carta de despedida da jovem e estava cheio de ternura e amor. Ao se inclinar sobre ela, o jovem tocou com os lábios a pequena diáfana mão de Dolores. Ela, em seguida, abriu os olhos. Por um minuto, olhou confusa para ele. Depois, estremeceu, ruborizou e balbuciou:

- Você aqui, dom Alfonso?

- Sim, minha querida, ele está aqui para nunca mais se separar de você - disse dom Pedro, pegando na mão de Vasconcellos. - Sare logo para que eu possa celebrar suas bodas. E agora, meu filho, beije sua noiva e divirta-a. Eu confio minha filha a você.

Feliz e emocionada, Dolores permitiu ser beijada. Mas, de repente, seu rosto ficou triste e o olhar passava do pai para Ramiro. Os dois sorriam alegremente. Logo, uma conversa ani-

mada e interessante do capitão distraiu-a e ela parecia ter esquecido o que oprimia seu coração.

O dia passou rápido. Às sete horas da noite, dom Pedro, que receava cansar demais a filha, disse que por aquele dia já tinham falado muito em amor e que Dolores deveria dormir. Então, todos saíram e Ramiro conduziu Vasconcellos ao seu quarto. Durante a conversa, Alfonso perguntou:

- Onde está José?

- Acontece que pela Lei ele tornou-se escravo. Eu o mandei à plantação para que experimente a agradável vida dos negros, com os quais era tão severo. É claro que ele trabalha moderadamente. Meu pai decidiu lhe dar a liberdade logo depois que vocês se casarem e viajarem. Ele lhe dará também uma boa soma em dinheiro e o mandará para a Europa. Que viva lá como quiser! - contou Ramiro.

- Reconheço a generosidade de dom Pedro. Mas, o castigo, aquele miserável mereceu! Como deve ter torturado nossa pobre Dolores, se ela decidiu atentar contra a própria vida!? Graças a Deus, vocês chegaram a tempo de impedir o casamento com José.

A chegada de um criado interrompeu a conversa dos amigos. O escravo disse que dona Dolores pedia que Ramiro fosse vê-la imediatamente. O jovem Conde atendeu o pedido da irmã e encontrou Dolores já na cama, preocupada e emocionada.

- O que você quer, Dolores? - perguntou Ramiro, sentando-se ao lado dela na cama.

A jovem soergueu-se e, ao pegar a mão de Ramiro, disse, desanimada:

- Quero lhe perguntar sobre uma coisa que me atormenta desde cedo, embora tivesse esquecido disso conversando com Alfonso. É que minha cabeça ainda está muito fraca. Diga-me, você sabe que estou casada com José? Onde ele está? Por que não aparece? Como papai pôde nos noivar se já estou comprometida com outro e minha felicidade está destruída para sempre?

- Acalme-se, minha querida, você está livre! Será que papai admitiria isso se você não tivesse o direito de se casar? O tio não legitimou José, portanto, ele, como filho de escrava, tornou-se escravo e perdeu todos os direitos. Seu casamento com ele não tem valor nenhum perante a Lei. Mas, como ele está enfurecido e poderia atacar Vasconcellos e até matá-lo, nós o mantemos recluso, tratando-o com toda a condescendência, é claro!

Quando vocês se casarem e forem embora, ele terá a liberdade, um capital razoável e poderá ir para onde bem entender - tranqüilizou a irmã.

- Mas, do ponto de vista moral, não posso me considerar livre, pois nossa união foi consagrada pela Igreja! exclamou Dolores com desconfiança e inquietude.

O Conde, por um minuto, bateu os dedos na cama. Depois, fitou a irmã com olhar perscrutador.

- Diga-me a verdade! Você chegou a ser sua esposa de fato? Sim ou não?

- É claro que não! - respondeu Dolores, corando.

- Nesse caso, a cerimônia foi uma simples formalidade sem nenhuma conseqüência. Além disso, a seu favor está o fato de quase ninguém saber dessa história. O abade Linier viajou para a Europa e a Igreja, com todos os livros onde poderia estar registrado seu casamento, pegou fogo. Portanto, não há nenhuma prova dessa história.

- Em todo caso, devo contar toda a verdade a Alfonso. Não posso omitir dele essa circunstância tão importante.

- Pois isso é que seria totalmente inconveniente. Criaria apenas uma série de aborrecimentos - interrompeu Ramiro. - Para que contar que durante algumas horas você foi esposa desse miserável só no papel? Alfonso é, às vezes, insuportavelmente formalista e exigiria o divórcio. O caso se prolongaria, chegaria até o bispo e cairia na boca do povo, o que não seria bom para você. Mas, se não contar, pode-se evitar todo esse falatório. Meu pai, dom Bartolomeu e eu decidimos não lhe dizer nada sobre esse caso desagradável. Se dizemos que pode se casar com seu capitão bonitão de consciência tranqüila, acho que pode acreditar em nós. E mais: José também foi comunicado de que seu casamento não tem validade. Ele recebeu isso muito tranqüilamente e declarou que gostaria de se casar com Gilda.

- Será que ele a ama realmente? - perguntou Dolores, corando fortemente.

- Pelo visto, ele a ama de paixão. E você, acredito, não vai querer impedir sua felicidade, não é Dolores?

- Claro que não! Eu aceito seus argumentos e vou ficar calada, embora a mim seja muito desgostoso ter segredos para Alfonso.

O tempo que se seguiu foi de muita felicidade para a jovem. A companhia de Alfonso já não era um fruto proibido para ela. Abertamente Vasconcellos cercava-a de amor e de cuidados. Ela

deliciava-se com o luxo que amava tanto. Seu querido pai e seus irmãos, junto com ela, gozavam da riqueza e seu futuro estava livre de qualquer amargor.

Entretanto, a vida de José era uma tortura. Espancamentos, ofensas, trabalho pesado sob o chicote de seu antigo lacaio, levavam-no a um desespero inerte e à submissão. Não reparava em nada do que acontecia à sua volta.

Mas, o boato sobre as bodas de Dolores tirou-o daquele torpor espiritual. A revolta levantou-se em seu coração e a fúria cegou sua mente. Gilda, que foi colocada na cabana dele, instigava esse seu estado mental, contando-lhe detalhes daquilo que se passava na casa grande.

Ramiro inventou para José mais um escárnio requintado: mandou-o arrumar a casa, onde os recém-casados passariam seus primeiros dias juntos, um pavilhão isolado na ilha do parque. É impossível descrever os sentimentos do jovem infeliz naquelas longas horas de tortura refinada. Aparentemente, ele parecia uma máquina, mas dentro de si acumulava-se algo infernal, amadurecia um furacão avassalador, precedido por uma calmaria, como acontece com os mais terríveis ciclones.

Com funesta indiferença, ele ouvia as conversas de Scipión com os trabalhadores e assim ficou sabendo a data do casamento. Soube também que a festa começaria com um grande baile e terminaria à meia-noite com a cerimônia matrimonial. Depois, os convidados acompanhariam os recém-casados, através do parque iluminado, até a beira do açude. De lá, uma gôndola dourada os levaria ao pequeno paraíso.

No dia do casamento, Ramiro mandou casar José e Gilda. José resistia àquela chacota, mas foi espancado impiedosamente e, ensurdecido, apresentou-se diante do altar com a horrenda mulata. Ramiro, com sorriso diabólico, presenciou a cerimônia sacrílega. José foi tomado pela cólera.

- Ladrão sórdido! O que mais você ousou inventar?! Já sou casado com sua irmã! - gritou ele, fora de si. - Prefiro a morte a essa comédia!

- Seu negócio é obedecer, não falar - respondeu Ramiro, fazendo um sinal a Scipión.

Em seguida, uma chuva de chibatadas caiu sobre o infeliz. Aliás, uma delas acertou a cabeça e foi tão forte que ele perdeu a consciência. Ramiro mandou jogar um balde de água fria nele. Depois, começou aquela terrível farsa do casamento.

Quando tudo estava terminado, Ramiro, ironicamente, mandou deixar os recém-casados gozarem de sua felicidade e foi ver Dolores. A moça estava perto da janela, pálida e distraída. Ramiro fingiu não notar aquilo e começou a falar alegremente da festa e da felicidade e impaciência de Alfonso. Depois, acrescentou:

- Aliás, acabei de presenciar uma cerimônia. que é de seu interesse, Dolores. José acaba de se casar com Gilda.

A jovem reagiu.

- Ah! Quer dizer que é um amor verdadeiro?

- Sem dúvida! Ele parecia muito feliz. Logo que você partir, nós libertaremos a ele e a esposa. Que vivam aonde quiserem!

- E ele não expressou nenhum desejo de me ver? - perguntou Dolores com certa insegurança.

- Ah! Não! Ele entende que o encontro com você não tem nenhum propósito e seria inconveniente. Desde que José voltou ao seu meio, tornou-se um jovem muito prudente.

Ficando só, Dolores começou a andar pelo quarto, agitada. Num primeiro instante, ao receber a notícia do casamento de José, ela sentiu um verdadeiro alívio: se ele se casou, ela poderia tranqüilamente sentir-se feliz. Porém, aquela tranqüilidade não durou muito. Uma dúvida estranha e um vago pressentimento apertaram novamente seu coração. Era completamente incompreensível para ela que José, sem protestar nem lamentar, tenha abdicado dela. Por mais que a jovem tentasse afugentar aquela insistente dúvida, ela continuava a atormentá-la.

Mas, a chegada de um grupo de jovens para vestir a noiva distraiu Dolores de seus pensamentos sombrios. Então, quando ela entrou na sala iluminada, vestida como uma rainha e linda como num sonho, esqueceu-se de tudo além da felicidade que preenchia todo o seu ser.

Neste ínterim, na aldeia dos escravos, ao ficar a sós com a esposa imposta, José caiu sem forças na palha e ficou imóvel numa espécie de torpor. Incapaz de pensar, sentia apenas um terrível peso no coração. A dor aguda das chibatadas, fazia-o gemer de vez em quando. E assim, passou-se o dia.

À noite, quando o barulho da festa, a música, o canto e os gritos dos negros chegaram até a prisão do fazendeiro deposto, José acordou de sua apatia, que cedeu lugar a uma tempestade de raiva e de ciúme. Como tigre na jaula, ele corria pela cabana, rangendo os dentes e apertando os punhos.

Em sua imaginação inflamada surgia a resplandecente imagem da traidora Dolores, que se casava com Alfonso, contrariando todas as leis divinas, rejeitando a ele e aos seus direitos de marido. Dentro de algumas horas, ela pertenceria ao belo marinheiro, enquanto ele, José, atreveram-se a casá-lo com uma escrava repugnante.

De repente, surgiu-lhe uma idéia. Já devia ser meia-noite e, provavelmente, os guardas tinham saído para participar da festança. Então, ele deveria aproveitar aquele momento e escapar dali. No canto da cabana, onde passou sua primeira noite como escravo, José escondeu a aliança que esqueceram de lhe tirar: nela estava gravado o nome de Dolores e o dia de seu casamento. Depois de uma rápida busca, José a encontrou. Com nojo, ele tirou de seu dedo o anel de prata que haviam-lhe colocado pela manhã, pôs o de ouro e sentiu-se forte e seguro de seus direitos.

Depois, levantou-se e olhou ao redor. Como sairia dali? A janela era muito pequena e a porta estava trancada. Então, ele chegou até a porta e a forçou.

Todo o tempo, Gilda não tirava os olhos de José. Ao adivinhar sua intenção, ela começou a protestar:

- O que você pretende fazer, seu maluco? Não tem dó de suas costas? Sua presença é dispensável na festa. Além disso, você não tem o direito de me deixar aqui. Afinal, você é meu marido!

- Fique quieta, sua idiota! - resmungou José.

- Idiota?! Oh! Não! Sou a única amiga que lhe restou! Deus o castigou por ter rido na minha cara, dizendo que sou velha e gorda e que só sirvo como amante, quando falei da possibilidade de nos casar. Não respondi às suas ofensas, achando que você não queria provocar ciúmes em Bartolomeu. Agora, quando é abandonado por todos, quando ninguém mais quer saber de você e todos o desprezam por seu mau-caráter e sua miséria, sou a única que ficou fiel a você.

Ah! A porta está rangendo, José! Seu burro! Proíbo-o de me largar aqui por causa da festa, está ouvindo?! Ou vou abrir tamanho berreiro que todos virão correndo para cá!

A última frase foi imprudente demais da parte de Gilda. Se, na penumbra, ela pudesse ver o feroz e alterado rosto de seu companheiro, estremeceria de pavor. José enxergou uma corda com um laço na ponta, que pendia do teto e servia para pendurar coisas. Com um rápido movimento, ele pegou a me-

gera pela nuca e, antes que ela adivinhasse sua intenção, pôs sua cabeça no laço. Depois, amarrou-lhe os braços e correu para a porta. A incrível excitação duplicou suas forças e com um só golpe de ombro ele arrombou a porta.

Ele não se enganou: os dois guardas haviam deixado seus postos perto da cabana. Com a rapidez de um cervo perseguido por cães, José chegou até o parque e dirigiu-se à ilha.

Ele precisava dar uma grande volta para evitar as alamedas iluminadas, cheias de pessoas. Mas, conhecia cada árvore, cada vereda, e sem nenhuma dificuldade chegou até o açude e se escondeu entre os arbustos. Depois, arrastou-se até um lugar mais escuro e pretendia chegar à ilha a nado, quando notou um pequeno barco que os criados usavam. Querendo manter-se seco, José entrou no barco e, em poucas remadas, já estava na ilha.

Quando chegou, novamente se escondeu nos arbustos e ficou observando a beira oposta. Logo os gritos, exclamações alegres e a música anunciaram a aproximação do cortejo. À frente, vinham os recém-casados. Ao trocar os últimos beijos e as reverências, eles entraram na gôndola dourada com dois remadores à sua espera. Por um segundo, o olhar ardente de José ficou preso ao casal. Depois, ele virou-se e, como uma sombra, penetrou na casa.

Alfonso e Dolores, alegres e emocionados, olhavam para a casa luxuosamente iluminada que se refletia nas serenas águas do açude. Quando a gôndola chegou à beira, Vasconcellos saiu do barco primeiro e ajudou a mulher. Enquanto ele pagava os remadores, Dolores entrou na casa e foi diretamente ao dormitório. Ela parou, admirando-se no espelho que estava na penteadeira. Queria chamar Sara para que a livrasse do vestido pesado, mas, naquele momento, entrou seu marido e ela, esquecendo-se de sua intenção e sorrindo, virou-se para ele.

Alfonso tirou a espada da cintura e jogou-a na cadeira. Em seguida, aproximou-se da esposa e abraçou-a, apertando-a contra seu peito.

- Graças a Deus, finalmente você me pertence por toda a vida. Uma vida cheia de felicidade que, espero, fará você esquecer de tudo o que sofreu.

- Oh! Como estou feliz! Poderia um dia esperar que tudo se arranjasse tão bem? - respondeu a jovem mulher, deliciando-se com as palavras de amor que ele lhe sussurrava.

De repente, ela estremeceu e ergueu-se. Parecia ter ouvido alguns passos e uma respiração pesada com chiado.

"Será que entrou aqui algum dos cães de caça de Ramiro?", pensou ela e, de repente, deu um grito.

Por trás da pesada cortina da cama saiu um homem vestido como escravo. Naquele pálido, magro e mudado rosto, que lançou para ela um olhar sinistro, Dolores reconheceu José. Alfonso também ouviu. Ao pular do sofá, ele gritou, enrubescendo de ira:

- Insolente! Como se atreve a entrar aqui?!

- Estou aqui em minha casa! Vim defender meus direitos e exigir minha esposa! O senhor pode ser apenas seu amante. Eu sou José de Martinez!

Dolores fechou o rosto com as mãos. Espantado e emocionado, Alfonso olhava para o antigo fazendeiro, que mal reconheceu naquela infeliz criatura que estava diante dele.

- Explique-se com clareza! - disse ele, após uma curta hesitação.

- Não sou um louco, como o senhor pode achar - respondeu José com amargor.

Então, em poucas palavras, contou sobre o desaparecimento de todos os seus documentos, o que atribuía a um roubo premeditado. Depois, descreveu o vergonhoso e desumano tratamento que estava recebendo e, finalmente, mencionou seu casamento com Dolores.

- Eis aqui a irrefutável prova de nossa união sagrada! - acrescentou ele, tirando a aliança e entregando-a a Vasconcellos.

À medida que José falava, uma palidez cobria o rosto do capitão.

- Diga! - com voz sufocada gritava ele, apertando fortemente a mão da jovem mulher. - Responda! É verdade o que conta esse homem?

- Que negue se tiver coragem! Aliás, a culpa está escrita em seu rosto! - observou José com desdém.

Com aquelas palavras, Dolores ergueu-se. Estava pálida, mas com ar resoluto.

- É verdade! - disse ela. - Explorando a infelicidade de meus parentes, ele me obrigou ao casamento, que durou algumas horas e foi apenas formal. Meus parentes me asseguraram que esse casamento não tem validade, porque José é um escravo e não tem direitos civis. Portanto, pela Lei, sou sua esposa, e ele não tem sobre mim nenhum direito.

- E é assim que vai responder a Deus? - perguntou severamente Vasconcellos. - A cerimônia sagrada é sagrada para sempre! E como você, que eu adorava como um ideal feminino, pôde me enganar dessa maneira? Como pôde omitir essa circunstância tão importante? Se me confessasse tudo, conseguiríamos um divórcio e você estaria livre! Dom José tem razão, ele é seu legítimo marido. E eu, para você, sou nada...

Por um momento, ele calou-se. Depois, virando-se, acrescentou com a voz trêmula de raiva e amargor:

- Então, fique com ele! Eu vou embora, porque a amo demais para ser seu amante.

Dolores cambaleou. Depois, lançando-se a Vasconcellos, ela gritou com a voz aflita:

- Alfonso! Eu decidi me matar para me livrar de José. E você, você agora quer me deixar ao arbítrio de sua brutalidade? É esse o amor que me jurou? Fique, se você me ama! Eu prefiro ser sua amante a ser esposa dele.

Vasconcellos parou. Seu olhar não se separava de Dolores, que caiu de joelhos e com súplica estendia-lhe as mãos. Nunca estivera tão bela como naquele momento de emoção e de desespero. José também não tirava os olhos dela. Toda a sua selvagem paixão, tão longamente contida, surgiu nele com nova força. Parecia que em suas veias, em lugar de sangue, corria metal fundido. Pode-se imaginar sua loucura e sua fúria quando Alfonso, com olhar fulminante, jogou-se a Dolores, levantou-a e gritou:

- Que Deus seja nosso juiz! Eu fico com você!

- Covarde! Traidor! Morra antes de possuí-la! – chiou José e correu até a cadeira, onde estava a espada do capitão.

Antes que Alfonso pudesse adivinhar sua intenção, José agarrou a espada e enfiou-a no abdômen de Vasconcellos, que cambaleou, estendeu as mãos e caiu no tapete, banhando-se em sangue.

Dolores, petrificada, muda de pavor, olhava para aquele aterrorizante espetáculo. Quando José passou por cima do corpo de Alfonso e estendeu a mão para pegá-la, o instinto feminino fê-la reagir. Ela pulou para trás e agarrou o fio da campainha, mas ele havia sido previamente cortado. Sabendo que ninguém a ajudaria, a jovem mulher, sem forças, sentou-se no leito. Como uma fera selvagem, José correu até ela e, quebrando sua resistência, possuiu-a como sua esposa.

Aquela foi a satisfação de sua paixão e de sua vingança: fazer Dolores para sempre indigna de Vasconcellos, fidalgo altivo e escrupuloso, se ainda continuasse vivo. E com um gesto rude, ele fez a jovem mulher voltar a si só para que ela ficasse realmente ciente daquela grosseira vingança e desonra.

Sara aguardava no vestiário a chegada de sua jovem patroa. Quando ouviu os recém-casados entrarem não conseguiu conter sua curiosidade e olhou pela fresta das cortinas. Viu Alfonso e sua esposa sentados no sofá como dois pombinhos. A moça sorriu contente e foi embora.

Quando voltou para casa, chegou aos seus ouvidos um gemido fraco, acompanhado de um suspiro rouco. Sara estremeceu e seu coração gelou. O suspiro repetiu-se, ela correu para o dormitório e parou na porta imóvel. Viu Vasconcellos, gemendo numa poça de sangue e a alguns passos dele Dolores, estirada, com o vestido totalmente rasgado, parecendo estar morta. O candelabro no chão evidenciava uma luta.

Horrorizada, Sara olhava para aquela atrocidade.

Depois, saiu correndo e gritou fora de si:

- Socorro!... Assassinos!

A sala de jantar da casa grande não comportava todos os convidados. Por isso, improvisaram outra numa grande área do lado de fora, colocando uma tenda fortemente iluminada sobre um tablado de vários degraus. À mesa, onde brilhava prata e cristal, reuniam-se todos os jovens. Ramiro havia acabado de brindar aos convidados, quando irrompeu um escravo que, agitando os braços, gritou:

- Socorro! Ajudem! Estão matando os recém-casados!

Um silêncio mortal durou alguns instantes e logo começou um alvoroço. Todos pulavam, derrubando as cadeiras. Depois, o tropel de convidados correu pelo parque até o açude.

Ramiro e Janto estavam na frente. Foram os primeiros a alcançar a beira e pular na gôndola. Mas, a multidão estava a tal ponto excitada e curiosa, que alguns homens pularam junto, correndo o risco de virá-la. Outros jogaram-se no açude e foram nadando. Porém, ninguém além de Ramiro ousou entrar na casa. Todos agruparam-se em volta de Sara. Mas, esta parecia tão transtornada que nada conseguiu-se saber dela.

Um minuto depois, Ramiro saiu da casa. O jovem Conde estava terrivelmente pálido, seu rosto transfigurado.

Chamou por Janto, Sara e alguns criados. Depois de algum tempo, saiu o gerente. Atrás deles, num tapete, carregavam Vasconcellos e, numa maca improvisada, Dolores. A fiel camareira, chorando, a seguia. De repente, ela gritou:

- Foi dom José quem esteve na casa! Oh! Canalha! Foi ele!

Com aquelas palavras, Ramiro, que ajudava a colocar a irmã na gôndola, parou e, batendo com a mão na cabeça, falou com fúria:

- Oh! Cachorro! Como não me lembrei dele?!

Quando chegaram à beira, Scipión lançou-se ao Conde e gritou com voz entrecortada:

- José desapareceu!

- Soltem a matilha atrás dele! Cem dobrões a quem o trouxer vivo ou morto! - disse o jovem Conde, enxugando a espuma de seus lábios.

Mas, as desgraças daquela noite ainda não haviam terminado. Quando dom Pedro soube do acontecido teve um derrame, e Kakhla Sarma precisou cuidar dos três. Todos os convidados, incrivelmente agitados, foram embora.

Os condes de Mornos já haviam conquistado a simpatia dos vizinhos, que lamentavam sinceramente a desgraça desabada sobre a família. Na opinião geral, o culpado era José, que para vingar-se de sua situação matara perfidamente o marido e violentara a mulher, penetrando na casa deles. Ninguém sabia sobre o casamento; portanto, não havia nenhum atenuante para José e todos, unanimemente, achavam que ele merecia ser executado da maneira mais cruel.

A partir daí, vieram tempos difíceis. O Conde recuperava-se devagar de seu derrame que, por pouco, não o matara; Vasconcellos estava entre a vida e a morte; mas, o pior de tudo era o estado de Dolores: ela tinha perdido a razão.

Quando acordou, depois das longas horas do desmaio, seu olhar sombrio não expressava nada. A jovem mulher estava apática e não reconhecia nem os seus próximos. Alimentava-se apenas quando lhe davam comida na boca e não deixava ninguém tocá-la, além do hindu e de Sara. Qualquer outro, ela empurrava e saía correndo com gritos estridentes: - É ele!... É ele!

Ramiro estava fora de si. Com lágrimas de desespero ele beijava a irmã, tentava fazer com que ela o reconhecesse, preten-

dendo despertar sua memória. Mas, todos os esforços eram em vão. Tremendo de corpo inteiro, Dolores se arrancava dos braços dele, apertava-se em algum canto e gritava, empurrando com os braços o inimigo invisível:

- É ele! Não toque em mim!

José sumiu sem deixar vestígios. Os cachorros não conseguiram rastreá-lo por causa da água, pois ele atravessou o açude a nado.

Ramiro estava colérico. O futuro de sua irmã e a impossibilidade de vingá-la, quase o levaram à loucura. Alfonso recuperou-se, finalmente. Difícil de descrever sua desolação, quando soube que Dolores havia enlouquecido. O jovem resolveu, então, abandonar Cuba para sempre e logo partiu na "Sílfide".

Um novo golpe estava à espera dos orgulhosos condes de Mornos. Logo, verificou-se que Dolores seria mãe. A notícia de sua gravidez atingiu a Ramiro mais que aos outros; talvez porque ele se sentisse culpado por aquela desgraça. Tomado por verdadeira fúria, ele rasgava suas roupas e mordia os móveis. Ele ansiava lavar com o sangue de José o ultraje à sua irmã.

Com nova motivação, recomeçou as buscas ao fugitivo, cuja pista, como lhe parecia, estava em Havana. Supunha que José queria fugir para a Europa. Nos esquecemos de mencionar que um colar de brilhantes de Dolores havia sumido de seu pescoço que sofrera vários arranhões. A jóia tinha um valor enorme e se o fugitivo conseguisse vendê-la sem ser pego, apenas com o diamante menor poderia não somente viajar como também ter um capital decente.

Mas, a pista era falsa. Então, toda a raiva de Ramiro desabou contra a infeliz criança, que ele amaldiçoava e jurava estrangular logo que nascesse.

- Talvez eu devesse mandar Dolores também para um mundo melhor para lhe fazer um bem, deixando-a morrer sem saber de sua vergonha - dizia ele com fúria a Janto.

Quando este tentava dissuadi-lo, o jovem retrucava: - Não diga bobagens, dom Bartolomeu! Não vale a pena recuperar a consciência para perdê-la de novo ao saber dessa desonra.

Os infortúnios continuavam a perseguir os condes de Mornos. Dom Pedro teve um segundo derrame. Sentindo a aproximação da morte, o velho Conde chamou Ramiro e exigiu que jurasse tratar a criança de Dolores como legítimo membro da família e que cuidasse dela. Ao ouvir o juramento, dom Pedro morreu descansado.

Para todos, o nascimento do filho de Dolores não traria nada de bom. Apenas o velho e sábio hindu depositava grandes esperanças na criança. Na sua opinião, a emoção do parto poderia devolver a razão à infeliz.

E realmente foi o que aconteceu.

Depois do parto, Dolores dormiu profundamente e, ao acordar, demonstrou os primeiros sinais de lucidez. Junto com a lucidez voltou sua memória que, implacavelmente, restituiu tudo o que acontecera na casa da ilha.

Cheia de vergonha, ira e desespero, a jovem mulher irrompeu em prantos.

O hindu não deixava ninguém chegar perto da convalescente e apenas duas semanas depois permitiu que Ramiro entrasse em seu quarto. Calado, o irmão abraçou-a. Ele mesmo estava muito emocionado e sufocado pelo remorso e por pena de Dolores.

Quando a jovem, finalmente, esgotou todas as lágrimas, o Conde pediu-lhe perdão em voz baixa por ter-lhe dado tão maus conselhos. Depois, acrescentou:

- Sente-se forte o bastante para ouvir o que aconteceu durante sua terrível doença?

- Sim, conte-me tudo! Em minha memória há uma lacuna que não consigo preencher, desde que Alfonso caiu ferido, ou

morto, até quando Sara me entregou essa criatura nojenta que dizem ser meu filho.

Fortemente corada, Dolores falava com voz trêmula. Ramiro, embora emocionado, piscou alegremente olhando para o berço e disse com um sorriso:

- É claro! Sem dúvida é seu filho! E devo lhe dizer, Dolores, que nosso pai o abençoou. Ele nos obrigou a jurar que amaríamos e defenderíamos esta criança.

- Papai concordou em aceitar essa mancha em nossa honra? Mas, com certeza está zangado senão já tinha vindo me ver - balbuciou a jovem mulher.

Ramiro balançou a cabeça e seu olhar ficou triste. Em voz baixa, começou a contar tudo o que havia acontecido durante a doença dela. A notícia da morte do pai afligiu Dolores profundamente. Mas, quando soube que Vasconcellos estava vivo e que a criança havia sido batizada com o nome dele, uma imensa gratidão e amor encheram seu coração.

A partir daquele dia, a jovem Condessa ficou um pouco mais tranqüila. Sua saúde melhorava rapidamente, apenas não conseguia vencer a aversão à criança. Agora, ela vivia completamente isolada e entregue à tristeza e às lembranças do pai.

Pouco a pouco, a tempestade em sua alma amainara e ela submeteu-se à vontade de Deus. Com o tempo, o amor materno também despertou.

Ela começou a se ocupar com o filho, vencendo corajosamente a aversão que, apenas de vez em quando, aflorava. A surpreendente semelhança com José fazia lembrar-se dele. O que teria acontecido com aquela criatura intempestiva? Como seus próximos vingaram a ofensa à sua honra e ao orgulho da família? Cada vez que ela se questionava intimamente, experimentava um estranho sentimento doloroso. Sem conseguir mais se conter, perguntou em tom hesitante:

- Diga-me, Sara! O que aconteceu com José? Mas, conte-me apenas a verdade.

A camareira ficou muito nervosa.

- Ele fugiu para a floresta e não conseguiram achá-lo. Não se sabe se está vivo ou se as feras selvagens o dilaceraram.

Dolores estremeceu e fechou os olhos. O que estaria sentindo aquele inteligente e mimado homem, vendo-se na terrível situação de escravo fugido? Privado mesmo de um teto, talvez estivesse vagando nu e faminto, se as feras o tivessem poupado.

Uma imensa vergonha e o remorso apertavam seu coração. Seus parentes tão severamente julgaram dom Fernando por ter demorado a ajudá-los. E eles? O que fizeram quando o acaso entregou o poder em suas mãos? Nem a mísera liberdade e alguns mil écu[1] eles deram ao único filho daquele que lhes deixara milhões!

Ela levantou-se bruscamente:

- Sara! - disse ela. - Se um dia José aparecer, ou se for capturado, você me avisará logo em seguida, está ouvindo?

- Está bem, senhora! Mas, será que tem pena de dom José? - balbuciou Sara, surpresa.

- É claro! Apesar de todo o mal que ele me fez, José continua sendo uma pessoa humana, sofrida e infeliz. Além do mais, ele é filho de meu tio.

- Oh! A senhora é um verdadeiro anjo! Se dom José se apaixonasse a tempo pela senhora, nenhuma dessas desgraças teria acontecido. De que felicidade divina ele se privou! - exclamou a ingênua Sara, cobrindo as mãos de Dolores com beijos.

A vida para Dolores passava monótona, sem nenhuma alegria. Pensando em José, ela chegava à conclusão que o infeliz tinha conseguido fugir para o continente ou para a Europa.

Um dia, muito agitada, Sara entrou correndo e caiu de joelhos.

- O que há com você? - inquietou-se Dolores.

- Oh! Eles querem enforcá-lo! - exclamou Sara aos soluços.

- Enforcar a quem? - perguntou a jovem mulher, empalidecendo.

- A dom José! - balbuciou a camareira, assustada com suas próprias palavras, vendo dona Dolores cair na poltrona, pálida e desfalecida.

Na selva, em meio aos pântanos intransitáveis, dom José achara um abrigo. Era uma cabana na qual se escondiam os negros foragidos. Ali, ele encontrou tudo que era preciso para sobreviver, até um fuzil, pólvora e outros instrumentos de caça. Outrora, Dolores tinha dado todos aqueles objetos a um dos escravos de José, ajudando-o a esconder-se da fúria do patrão.

1 - Écu (escudo, em francês) - Moeda francesa de prata circulante no período de 1641 a 1793.

Por muito tempo ninguém incomodou o fugitivo. Ele ficou esperando a primeira oportunidade para chegar a algum porto e, em algum navio, como marinheiro, ir à Europa.

Um dia, voltando da caça, viu Eleazar numa clareira com outro negro.

- Ah! Finalmente achei você, seu miserável! Tinha certeza que acharia esse abrigo! - gritou o mulato, apontando para ele a pistola.

Com a rapidez de um relâmpago, José levantou o fuzil e atirou. Eleazar caiu com um grito selvagem. Seu companheiro sumiu na floresta como uma sombra. Em vão, José tentou alcançá-lo. Depois de longa perseguição e das buscas infrutíferas, ele voltou desesperado ao seu abrigo, que estava agora perdido para ele.

Sem olhar para o cadáver de Eleazar, José entrou na cabana, pegou o colar de brilhantes e colocou o facão na cintura. Depois, apanhou um saco com algumas provisões e saiu mato adentro, decidido a tentar mais uma vez chegar à outra beira da ilha.

Mas, também dessa vez a esperança o enganou. Acharam sua pista e a caça ao fugitivo recomeçou com novo afinco, culminando na captura do infeliz.

José, então, foi amarrado a um cavalo e arrastado pelo caminho até perder os sentidos. Por isso, não percebeu o momento trágico em que entrava nas próprias terras para nelas ser enforcado.

No entanto, um balde de água fria na cabeça fê-lo acordar e ele, assustado, viu-se na praça da aldeia. Lá, já estavam reunidos todos os negros da fazenda junto com seus capatazes. Ramiro e dom Bartolomeu leram a sentença. Segundo a Lei sobre escravos fugidos e outra Lei sobre escravos que atentavam contra os seus senhores, José estava condenado à morte.

Depois disso, trancaram-no numa cabana.

Ramiro montou num cavalo e disse que voltaria na manhã da execução, encarregando Scipión e Bartolomeu de guardar o prisioneiro.

Ao saber o que estava se preparando, Dolores perdeu os sentidos para o grande pavor de Sara, que sabia como qualquer emoção era prejudicial para ela. Mas, com sais Dolores voltou a si e indagou Sara sobre todos os detalhes. Ela estava pálida e em seu rosto percebia-se uma terrível luta interior.

Muito emocionada, com lágrimas nos olhos, Dolores ajoelhou-se e, após uma curta, mas fervorosa prece, pegou o Evangelho e abriu-o ao acaso. O livro sagrado transmitiria-lhe a vontade divina, à qual ela obedeceria. A resposta deixou-a mais pálida ainda. Com uma mão, ela apontou o versículo da parábola sobre o bom samaritano; com a outra, as palavras de Jesus Cristo na cruz: "Pai! Perdoai-os, eles não sabem o que fazem".

Dolores colocou o Evangelho no mesmo lugar. Sua decisão foi tomada. Por mais difícil que fosse, ela queria salvar José. Sua energia voltou. Ela arquitetou um plano que não apenas salvaria José da forca, mas garantiria o seu futuro. A voz suplicante de Sara, que repetia: "Salve-o, minha boa senhora! Não permita que matem o pai do pequeno Alfonso!" tirou-a dos pensamentos e lembrou-lhe que deveria se apressar se quisesse alcançar sua meta.

- Sim, Sara! Farei tudo o que posso para salvá-lo. Mas, antes, mande chamar Scipión com urgência.

Sara obedeceu. Tremendo de medo que seu marido descobrisse quem tinha dado com a língua nos dentes, ela escondeu-se atrás da cortina.

- Scipión, dom Ramiro está em casa? – perguntou Dolores, logo que o negro entrou.

- Não, senhora. O Conde saiu a cavalo e não sei quando volta.

- É uma pena! Nesse caso, você deve me ajudar a salvar aquele que foi trazido hoje à noite - disse ela com voz firme.

Scipión, indeciso e confuso, abaixou a cabeça. Quando Dolores completou: "Faça isso por mim!" ele foi vencido, caiu de joelhos e beijou a mão da jovem mulher.

- Minha benfeitora! Pode mandar em mim! Pela senhora, o pobre Scipión se deixará enforcar no lugar de José! Mande que eu obedeço!

As lágrimas o impediram de continuar.

- Obrigada! - disse ela e pegando da mesa um copo de prata que sempre usava entregou-o a Scipión. - Guarde isso como lembrança minha e deste momento. E agora, mãos à obra! Não podemos perder tempo.

Scipión, com afinco incomum, ajudava a jovem mulher em todos os preparativos. Antes de mais nada, ele trouxe do antigo vestiário de José roupas íntimas, dois ternos de veludo preto, um social, outro de viagem, e uma pequena mala elegante. No forro de um dos ternos, Dolores costurou quinhentos mil reais,

que pegou de Ramiro, e alguns outros documentos. Ao pequeno embrulho ela acrescentou um anel de dom Fernando e um medalhão com retratos do velho fazendeiro e do pequeno Alfonso.

Depois disso, Dolores foi ver o prisioneiro. A noite estava escura, mas a jovem mulher conhecia cada árvore, cada arbusto. Rapidamente, ela aproximou-se da cabana. Um raio de luz que passava pela fresta da porta iluminava a alta figura de Janto. Dolores reconheceu em seguida o gerente e reparou no brilho do cano da pistola em sua mão.

- Como, dom Bartolomeu? O senhor, cumprindo obrigações de aguazil[2]? - disse Dolores com ironia e desprezo.

O gerente virou-se rapidamente.

- Dona Dolores? A senhora por aqui a essa hora? - disse Janto com visível descontentamento.

- Sim, vim para realizar aquilo que sua própria consciência deveria obrigá-lo a fazer: salvar dom José.

Janto deu um pulo.

- Desculpe, dona Dolores, mas... mas... parece que a inteligência está traindo a senhora, desta vez. Não tenho direito de salvar o homem condenado por seu irmão!

- Está bem! - disse Dolores, tranqüilamente. - Não considera que o senhor mesmo tem obrigações para com esse homem, que cresceu sob seus olhos, sempre foi bom com o senhor e cujo pai lhe demonstrava amor e confiança? Lembre-se que somos todos mortais e que lá, no Além, se encontrará com dom Fernando. O que responderá o senhor se, no Juízo Final, ele lhe perguntar sobre isso?

Um repentino terror comoveu o forte rosto do gerente. Apesar da pouca luz, Dolores notou uma aflição e medo do sobrenatural em seu rosto. Bartolomeu evitava o olhar da jovem mulher. Mas, ao reprimir sua emoção com visível esforço, respondeu depois de um penoso silêncio:

- A senhora é tão convincente que é impossível recusar-lhe. Eu me rendo e vou ajudá-la. Mas, passo à senhora toda a responsabilidade diante do Conde.

- Evidentemente! Tudo é feito por minha ordem. Mas, não podemos perder tempo.

Certamente, o prisioneiro não notou a chegada deles, porque, quando entraram, não houve nenhum movimento. Só após alguns instantes, quando seus olhos se acostumaram à escuri-

---

2 - Aguazil - No original: policial, oficial de justiça.

dão, Dolores viu José sentado perto da parede oposta. O cabelo despenteado e a longa barba emaranhada o faziam quase irreconhecível. Mas, o que mais surpreendeu a Condessa foi a expressão de fúria desesperada estampada em seu pálido rosto. A raiva de Dolores desapareceu totalmente, dando lugar a uma pena sincera. Todo o mal que ele lhe causara já fora vingado!

Dolores não hesitou mais. Aproximando-se rapidamente do infeliz, ela colocou a mão em seu ombro e disse:

- Dom José!

Ele estremeceu. Ao ver Dolores inclinada sobre ele, pálida, emocionada e cheia de compaixão, achou que estava tendo uma alucinação.

- Você aqui? Também veio para se deleitar vendo a minha desgraça?

- Não, não! Vim salvá-lo - respondeu ela com voz entrecortada. - Está tudo pronto para a sua fuga. Apresse-se!

- Dolores, você me propõe fugir? Isso significa que não deseja minha morte?

- Quero que você viva. Vá embora, José, e que Deus seja nosso juiz! - respondeu Dolores, evitando o olhar dirigido a ela.

Mas, justamente aquele gesto instintivo, o recuar e o baixar dos olhos, amargurou o coração de José.

- Eu entendo! É desagradável para você que um homem, cuja consciência reconhece como seu legítimo marido, morra aqui dessa maneira vergonhosa. E você me dá a vida como esmola. Então, saiba, não quero sua misericórdia! A vida nada mais pode me oferecer! Eu quero morrer! Melhor assim, porque não vou ter o trabalho de cometer um pecado suicidando-me!

José virou-lhe as costas, cruzou os braços e sentou-se no banco. Gotas de suor apareceram na testa de Dolores.

- Quero que você viva! Fuja, José, eu lhe imploro! - a voz da jovem mulher denunciava, traiçoeiramente, as lágrimas que logo iriam escorrer.

Quase vencido, José perguntou:

- Essa insistência em me salvar é muito estranha. Gostaria de saber as verdadeiras causas que a preocupam.

- Ah! Você me enlouquece com suas perguntas e sua teimosia! - exclamou Dolores, ficando vermelha de vergonha e raiva. - Então, saiba! Não quero que o pai de meu filho tenha uma morte vergonhosa a cem passos dele!

Por um minuto, José ficou calado e imóvel, como se tivesse sido fulminado. Quer dizer que ele tinha no mundo algo que lhe

pertencia: uma criança. A própria Dolores lhe dissera isso. Como tal possibilidade nunca lhe passara pela cabeça?

- Dolores, você está mentindo? - balbuciou ele, finalmente.

- Que objetivo pode ter uma mentira que tão pouco me honra? - objetou Dolores, ruborizando de desgosto.

- Está bem! Agora entendi e vou embora! Mas, só com uma condição: você deve me mostrar a criança.

- É claro! Faria isso mesmo que não me pedisse - respondeu Dolores sem hesitar. - Apresse-se! O tempo é precioso. Dom Bartolomeu, ajude-o a se vestir! Eu os esperarei na porta da cabana.

Janto abriu o embrulho da roupa. Com uma tesoura, ele cortou a barba e o cabelo de José, depois ajudou-o a colocar o terno.

Dolores esperava sentada no banco, junto à porta da cabana. Ao ver José, ela levantou-se.

- Siga-me! E o senhor, dom Bartolomeu, tenha a bondade de trazer ao meu terraço Ereb, que já mandei selar. A propósito, coloque duas pistolas nos coldres e amarre bem à sela a maleta que Sara lhe entregará.

Janto acompanhou com os olhos os jovens que se afastavam rapidamente.

Apressada, Dolores dirigiu-se para casa. Era preciso atravessar clareiras e bosques para encurtar o caminho e evitar as alamedas, onde podia haver gente.

O coração de José bateu forte quando eles chegaram à frente do terraço de sua antiga casa. Então, ela vivia ali com uma pequena e infeliz criaturinha, concebida na hora de sua vingança.

Suprimindo com esforço a tempestade dentro de si, José seguiu Dolores até o seu dormitório. Perto da grande cama com colunas, ele viu um berço fechado com rendas que o fez esquecer-se de tudo. Como um demente, jogou-se ao pequeno leito, onde pacificamente dormia uma linda criança que era seu retrato vivo; exatamente uma miniatura dele quando tinha sete anos.

Emocionado, experimentando aflição e felicidade ao mesmo tempo, José levantou a criança e cobriu-a de beijos apaixonados. O menino acordou e começou a chorar. José tentou acalmá-lo, depois colocou-o de volta no berço e procurou Dolores com os olhos. A jovem mulher, já sem capa, estava encostada à

cama. Ela fechou os olhos com as mãos e lágrimas pesadas corriam por entre seus dedos.

Um sincero amor, arrependimento e compaixão por aquela bela jovem, que sua hesitação e, depois, a vingança colocaram numa situação tão terrível, apertaram o coração de José. Ele chegou perto dela e puxou-a para si. A paixão, tão longamente reprimida, veio à tona com toda a força. Confissões de amor misturadas com explicações de suas atitudes e súplica por perdão, como uma torrente, jorravam de sua sofrida alma.

Dolores ouvia em silêncio. Assustada, vendo-se nos braços de José e sentindo os lábios ardentes dele contra os seus, a jovem quis empurrá-lo, mas um instinto soprou-lhe ao ouvido que naquele instante exteriorizava-se o sentimento há tanto tempo escondido e oprimido por aquele homem fechado. Ela entendeu que era um furacão de paixão e desespero que explodia naquele forte abraço e nos beijos ardentes, nas palavras entrecortadas que sussurravam-lhe seus lábios trêmulos. Uma atitude severa naquele momento poderia transformar-se numa desgraça. Por isso, apesar de seu pavor, Dolores permanecia imóvel, com a cabeça no peito de José.

Por fim, o jovem acalmou-se. Ao levar a mão de Dolores à seus lábios, ele disse em voz baixa:

- Perdoe-me, Dolores, essa minha veemência que tanto a assustou! Mas, estava acima de minhas forças partir, deixando você talvez para sempre sem dizer que não apenas avareza e crueldade moviam meu coração, mas também amor não correspondido e orgulho ferido. Agora, sou castigado tão terrivelmente que meu pior inimigo pode se sentir satisfeito. O destino arrasou-me, tirando-me não somente a fortuna, mas a própria liberdade. Reduzido à miséria e à escravidão, devo fugir de minha própria casa, abandonar a esposa, a criança e esse abrigo de felicidade e paz, onde tanto gostaria de descansar minha alma e meu corpo doente e esgotado.

Extremamente emocionado, ele calou-se. Pálida e deprimida, Dolores aproximou-se dele.

- Agora você não é mais miserável, José! No forro de seu terno costurei dinheiro que lhe permitirá viver decentemente. Além disso, encontrará passaporte e outros documentos de um cavalheiro francês que morreu de febre amarela aqui na fazenda. Sei que ele não tinha parentes próximos. Consegui esses documentos com Ramiro. Se for à França, pode aproveitá-los e começar vida nova. Permita-me dizer também que lamento profunda-

mente a falta de previdência de dom Fernando, mas não aceito a idéia de que devemos a herança a um roubo.

Um sorrido amargo e desdenhoso passou pelos lábios de José.

- Acredita mesmo que meu pai não se preocupou em garantir meu futuro? Acha que ele entregaria meu corpo e minha alma nas mãos de parentes, cuja generosidade ele conheceu e que me repudiariam e me torturariam logo que o poder estivesse em suas mãos? Meus documentos foram roubados. Como e por quem, não sei. Mas, meu pai não tem culpa de minha desgraça. Aliás, deixemos esse assunto de lado! Acusação sem provas de nada vale agora!

José abaixou a cabeça e calou-se. Dolores, trêmula e emocionada, também mantinha silêncio. O olhar lançado por acaso ao relógio, fê-la estremecer.

- Vá embora, José! Já são quase três horas! Se Ramiro voltar, estará tudo perdido!

- Não, tudo não! Apenas eu! O que mais posso perder? Depois dessas horas que passei aqui, a vida longe de você e da criança perderam para mim qualquer sentido. Mas, não se assuste! Não quero que sua magnanimidade seja desperdiçada, Dolores.

Com aquelas palavras, ele levantou-se, beijou a criança novamente, colocou-a no berço e ajoelhou-se por um minuto diante dela. Depois, aproximando-se de Dolores, com um gesto nervoso levou suas mãos aos lábios.

- Adeus, Dolores! Perdoe o mal que lhe causei. Não me amaldiçoe e não ensine a criança a me desprezar e a me odiar.

As lágrimas não o deixaram continuar. Virando-se rapidamente, ele foi até a porta. A alguns passos do terraço, debaixo das árvores, estava Janto, segurando as rédeas de um lindo corcel negro que batia o casco com impaciência.

José montou no cavalo e tomou as rédeas. Não quis se despedir de Janto, aquele traidor que ele considerava o culpado de sua desgraça e cujos favores, com certeza, haviam sido bem pagos. Sem se dignar a olhar para Bartolomeu, José esporeou o cavalo e em um minuto sumiu na densa escuridão da noite.

Capítulo 12

No espaçoso terraço que pertencia aos antigos aposentos de José, estava Dolores bordando. A cada minuto, seu olhar desviava-se para um homem com trajes de fazendeiro que ajudava um menino de quatro anos a fazer um jardim.

A jovem mulher havia crescido e ficado mais bonita. Uma expressão de paz e de felicidade estava estampada em seu rosto. Somente às vezes seus olhos entristeciam e perscrutavam o rosto de Vasconcellos, que tagarelava alegremente com seu pequeno companheiro.

- Agora chega de brincadeira, meu amigo! Sara já vem buscá-lo; está na hora de tomar banho - disse o capitão, beijando o menino.

Com ar descontente, o menino seguiu a criada. Vasconcellos acendeu um cigarro e começou a andar na frente do terraço. Sem parar de observá-lo, Dolores notou que ele estava absorto em pensamentos pouco agradáveis, pois com um gesto nervoso jogou o cigarro e passou a mão na testa, como se quisesse afugentar as insistentes lembranças. Depois, subindo rapidamente a escada, sentou-se ao lado de Dolores.

- Por que está tão calada e contemplativa, minha querida? - perguntou ele, beijando a mulher.

- Eu poderia fazer a mesma pergunta a você, Alfonso. Freqüentemente fica silencioso, distraído e nervoso e pode-se imaginar que alguma coisa o aflige. Confesse, o que lhe falta?

- Nada, sua desconfiada é que suspeita de cada gesto e cada olhar meu. Mas, entendo você! Quer que eu repita que estou tão

feliz quanto um mortal pode ser e que desejo apenas uma coisa: que a Providência Divina proteja minha felicidade.

Feliz e comovida, Dolores pôs a cabeça no ombro do capitão.

Quem cuidou da felicidade de Dolores foi Ramiro. Um dia, voltando de sua viagem a Havana, que durou cerca de três semanas, ele, radiante, foi cumprimentar a irmã.

- Tenho um pedido a lhe fazer - disse o jovem Conde no meio da conversa. - Trouxe um amigo que gostaria de cumprimentá-la de maneira especial. Por isso, quero lhe pedir que venha à sala de visitas e participe do almoço.

- Você sabe como me são desagradáveis todas as pessoas novas, Ramiro.

- Oh! Mas, meu amigo é uma pessoa agradável; é um jovem muito bonito e, quem sabe, você vai gostar dele. Não pode continuar viúva para o resto da vida - observou o Conde, sorrindo.

- Deixe-me em paz! Dois maridos para mim já chega! Não vou gostar de mais ninguém - respondeu Dolores com amargor.

Mas, Ramiro continuou insistindo e só parou de tentar convencê-la quando conseguiu a promessa de que iria receber a visita.

Pouco antes do almoço, Ramiro foi buscar Dolores. Juntos, eles foram à sala de visitas, que estava vazia. O Conde atravessou-a rapidamente, abriu a porta do gabinete ao lado e empurrou Dolores para lá.

- Tome! Trouxe a você sua noiva, esposa, enfim, tudo o que você quer! - gritou ele, alegremente.

- Você enlouqueceu! - gritou Dolores, tentando recuar, mas não pôde fazê-lo porque quase caiu nos braços de um homem que estava no gabinete.

Ela deu um novo grito, mas, desta vez, de alegria e surpresa, quando reconheceu Vasconcellos. Este, profundamente emocionado, apertou-a contra seu peito. Quando a euforia passou, entabulou-se uma conversa animada.

Vasconcellos contou que encontrara Ramiro em Havana e, ao saber dele que José fora embora definitivamente, graças à generosidade de Dolores, resolveu voltar para ela para nunca mais se separar.

Enquanto os jovens conversavam, Ramiro, radiante, andava pela sala de visitas. Quando Sara entrou com a criança, ele a pegou, começou a jogá-la para o alto, beijou-a e deu-lhe um beliscão amigável, mas tão forte que o menino gritou alto. Ao ouvir o grito, Alfonso e Dolores foram correndo para a sala.

- O que está fazendo com meu filho? Dê-me ele aqui! - falou Vasconcellos, alegre.

- Tome, tome! Fiz isso pelo prazer de vê-los juntos! A criança é tão parecida com você que sua paternidade simplesmente dá na vista! - respondeu o Conde com um riso alto.

- Isso não é da sua conta! A criança é encantadora. Espero poder educá-lo e fazer dele um homem de verdade. O resto é pura bobagem!

A partir daquele dia, paz e felicidade reinaram na fazenda. A saúde de Dolores melhorava a cada dia. Ela voltou a freqüentar a sociedade, a apreciar roupas bonitas e parecia até ter esquecido de seu trágico passado.

Mas, num belo dia, Dolores teve vontade de dar um passeio na "Sílfide" com Alfonso. Como se esperasse sorrateiramente por aquela ocasião, o destino, então, desferiu-lhe mais um golpe mortal e tragicamente a embarcação naufragou.

As ondas levaram Dolores e Alfonso para a beira da praia. Ela conseguiu se salvar, mas o marido estava morto.

Capítulo 13

Não há palavras para transcrever a desolação que tomou conta da pobre Dolores com aquela nova fatalidade. A jovem Condessa voltou à fazenda do irmão com a firme decisão de terminar seus dias na solidão.

Ao saber da desgraça, Ramiro foi ver a irmã.

A saúde dela inspirava sérios cuidados, pois os ataques cardíacos que Dolores passou a ter desde o seu casamento com Vasconcellos tornaram-se tão intensos, que podiam culminar numa verdadeira catástrofe.

Porém, a criança e os remédios de Kakhla Sarma faziam um efeito benéfico à jovem mulher. Ramiro, acreditando na sua melhora, resolveu, então, viajar para a Espanha, aonde assuntos importantes o aguardavam. A viagem duraria sete ou oito meses.

Depois da partida do irmão, a vida de Dolores ficou monótona e tranqüila. Ela não saía para nenhum lugar, nem recebia visitas. Apenas Sara e o velho hindu cercavam-na de amor e cuidados.

Olhando para a criança, Dolores pensava freqüentemente em José. Onde estaria? Como estaria passando? Ele nunca mais tinha dado sinal de vida. Teria morrido ou tornado-se independente? Sendo jovem e bonito, com brilhante educação, teria tido a chance de uma nova vida em família ao lado de uma mulher amada? Ou ainda estaria ligado a Cuba por laços irrompíveis e vagaria pelo mundo, atormentando-se com dolorosas lembranças?

Influenciada por aqueles pensamentos, Dolores começou a contar ao menino sobre o pai que estava longe, separado deles

por motivos importantes, e obrigava o filho a orar por ele de manhã e à noite.

A criança ficou muito surpresa ao saber que tinha mais um pai que nunca havia conhecido, além do papai Alfonso que sabia brincar com ele tão bem e de quem ele nunca se esquecia.

Algum tempo depois da partida de Ramiro, faleceu o velho Kakhla Sarma. Dolores cuidou dele até o fim com a abnegação de uma filha.

A vida da Condessa de Mornos na fazenda, depois da morte do hindu, tornou-se ainda mais triste e isolada, pois mesmo a leal Sara tinha que deixá-la para cuidar do marido, que durante uma viagem para Havana tinha contraído febre amarela e corria perigo de vida.

Mas, Scipión não teve a sorte de se recuperar. Sentindo a aproximação da morte, ele expressou o desejo de conversar com Dolores. Foi, então, que o sinistro segredo abriu-se diante da jovem viúva. Scipión contou a ela que, por ordem de Bartolomeu, roubara e destruíra o testamento do velho Martinez, privando, com isso, dom José do direito à herança. Entre os papéis havia também a certidão do casamento de seu patrão com a mãe de José. Contou também sobre a participação de Ramiro no crime.

Dolores ouvia sem interrompê-lo e uma enorme vergonha, pavor e desespero selavam-lhe os lábios.

- Meus Deus! - balbuciou ela, finalmente, com as mãos na cabeça. - Que crime horrível! José tinha razão! Roubaram dele tudo, tudo! E eu ainda rejeitei-o e mandei-o para fora de sua própria casa!

Sara também ficou transtornada. Sentando-se no chão, ela gemia e arrancava os cabelos de tanta vergonha. Depois, Dolores levantou-a.

- Adeus, Scipión! Ore e que Deus o perdoe por esse terrível crime. Não posso julgá-lo, pois foi impelido a essa atitude ruim por amor a mim. Mas, todo dia implorarei ao Criador para que Ele me ajude a corrigir o mal que você causou!

A jovem mulher voltou para seu quarto num péssimo estado, sentindo que a vergonha, a ira e o desespero a sufocavam só de pensar que, involuntariamente, tinha sido cúmplice daquela atitude desonrosa com a qual Ramiro, o orgulhoso Conde de Mornos, maculou-se. Sim, eles eram ladrões! Sem o menor direito eles condenaram José à miséria e à humilhação, expulsaram-no e perseguiram-no como uma fera selvagem, enquanto

gozavam de sua fortuna. Até ela tinha usado aquele ouro roubado para construir o esplêndido mausoléu de Vasconcellos. Por fim, lágrimas abundantes conseguiram aliviá-la um pouco.

A partir daquele momento, o irmão que tanto amava tornara-se quase odioso para ela.

Logo depois, achou também a confirmação daquele crime. Mexendo na biblioteca, Dolores descobriu, atrás dos livros, uma gaveta secreta. Nela havia um pacote selado que continha cópias autenticadas dos documentos destruídos por Scipión.

Aquele achado, por mais incrível que parecesse, acalmou Dolores. Então, ela resolveu procurar José e entregar-lhe os documentos. É claro que a vingança de José cobriria de vergonha o nome dos Mornos, mas Dolores não podia agir de outra maneira.

Em segredo, começou a procurar informações sobre ele. Mandou cartas para todos os cantos, endereçando-as ao novo nome que José tinha adotado. Procurou-o também pela ilha inteira, mas em vão. Não vinha resposta nenhuma e ela não conseguia achar a mínima pista do foragido. Era como se ele tivesse sido tragado pela terra.

Passaram-se alguns meses. Dolores apagava-se rapidamente; seu fim não estava longe. De repente, ela declarou que a vida na fazenda era insuportável, que as lembranças do passado a deprimiam e que desejava alugar uma vila em outra localidade da ilha.

Mas, a verdadeira causa daquela decisão foi o esperado retomo de Ramiro. Ela não queria se encontrar com o irmão. Achava que o Conde poderia ler no seu rosto que ela possuía documentos perigosos que poderiam arruiná-lo e desonrá-lo. Além disso, achava que os documentos estariam seguros longe do irmão.

A casa para a qual Dolores se mudou ficava no meio de um jardim. O verde exuberante e o silêncio profundo agradavam à jovem mulher, mas suas forças se esvaíam cada vez mais rápido. Já não podia andar e até a luz a cansava. De fraqueza, tinha sonolências às vezes parecidas com desmaios. Aflita e ao mesmo tempo contente, ela sentia a aproximação da morte. Então, chegou a hora em que ela expressou o desejo de se confessar e receber a extrema-unção.

Ao averiguar onde ficava a igreja mais próxima, Dolores ficou sabendo que não muito longe da casa dela havia um mosteiro dominicano. Decidiu escrever ao prior pedindo que lhe mandas-

se um confessor, mas queria que fosse um homem inteligente, capaz de esclarecer perguntas complicadas de sua consciência e acalmar seus sofrimentos espirituais. E, então, enviou a carta através de um mensageiro.

Dolores cochilava na poltrona, quando o criado levantou a cortina e comunicou:

- Senhora, chegou o padre Fernando do mosteiro de São Domenico.

A jovem mulher abriu os olhos e balbuciou com voz cansada:

- Peça-lhe que entre!

Embora o "boudoir" estivesse escuro, viu atrás do criado a figura alta e esbelta do monge, de branco.

Enquanto Dolores procurava o cordão para levantar a cortina, o monge chegou até ela e reverenciou-a:

A senhora deseja receber os conselhos de um padre. Em que posso lhe ser útil? - perguntou ele.

Ao ouvir aquela voz metálica e sonora, que poderia reconhecer entre milhares de outras, apesar de o timbre ser agora mais baixo e suave, ela ergueu-se bruscamente.

- José! - exclamou, desmaiando em seguida, tal a emoção que a surpreendeu.

Por algum tempo, o monge ficou imóvel. Depois, correu para a janela e abriu a cortina.

- Dolores! Dolores! - repetia ele ao se inclinar à jovem mulher, ajoelhada perto da poltrona.

Ele olhava para seu rosto incrivelmente mudado. Era transparente, como uma máscara de cera e já marcado pela proximidade da morte.

José levantou-a e, cobrindo-a de beijos, tentava trazê-la a si, dando-lhe sais para cheirar que encontravam-se ali perto, numa mesa.

Naquele momento, um grito atrás dele fê-lo virar a cabeça: era Sara.

- Rápido, Sara! Ajuda-me!

Em lugar de obedecer, a criada, tremendo de corpo inteiro, agachou-se, repetindo sem parar:

- Senhor Jesus Cristo! Minha Nossa Senhora! O monge é dom José!

Apenas após alguns minutos, teve condições de ajudar seu antigo patrão. Graças aos esforços dos dois, Dolores voltou a si.

- José, você tornou-se monge?! E Deus me manda logo você como confessor! Que incrível e estranho acaso! - balbuciou ela.

- E eu, Dolores, achava que você tivesse morrido! Soube que havia-se afogado junto com a tripulação da "Sílfide" .

Dolores levantou os olhos. Ficou surpresa como a notícia tinha chegado até ele, mas estava emocionada demais para fazer-lhe perguntas.

José aproximou um banquinho à poltrona de Dolores. Depois, pegando na mão dela, falou titubeante:

- Gostaria de conversar com você sobre várias coisas e também de lhe fazer um pedido...

- Eu também preciso falar-lhe de negócios importantes, mas hoje estou muito cansada para isso.

- Sobre negócios? Comigo, um monge? - disse José com um leve sorriso. - Em todo caso, não deve ser urgente, e espero, querida Dolores, que me permita ficar a seu lado até...

- Até minha morte - interrompeu a jovem.

- Não! Até que você se sinta melhor. Está sem nenhum de seus parentes por perto; enquanto eu, passei tanto tempo longe de você e da criança. Gostaria de permanecer aqui. O resto está nas mãos de Deus.

- Fique, José, se sua nova posição lhe permite isso.

Mas, não terá que permanecer aqui por muito tempo.

- Já escreverei ao prior. Meu passado é de conhecimento dele e tenho certeza que não recusará meu pedido.

À noite, quando a criança dormiu, José sentou-se à cabeceira da cama de Dolores. Resolveu ficar de plantão uma parte da noite, dando-lhe os remédios prescritos pelo médico. A jovem mulher nem os tocava, embora entre eles houvesse um narcótico forte, receitado a ela contra insônia. Mais do que nunca, Dolores não queria dormir. A penosa conversa que teria com seu primo provocou nela uma inquietação nervosa. Uma voz maliciosa até começou a lhe soprar que já que José tornara-se monge e não podia aproveitar a fortuna, não valia a pena abrir-lhe o segredo vergonhoso, que apenas desonraria Ramiro sem trazer vantagem alguma a José.

Mas, Dolores rapidamente venceu aquela tentação e simplesmente deixou a conversa para o dia seguinte. Para dispersar seus pensamentos desagradáveis, perguntou, de repente, a José:

- Conte-me, como aconteceu de você entrar para o mosteiro?

Ouvindo aquela pergunta inesperada, José, que estava sonhando, estremeceu e seu rosto pálido avermelhou-se.

- Me tornei monge há menos de um ano. Quanto aos motivos que me levaram a adotar o hábito, acho que são fáceis de entender.

- Nem um pouco! O capital e o novo nome que tinha quando nos despedimos davam-lhe toda a possibilidade de viajar para a Europa, viver decentemente e se casar. Quando o procurei por toda a parte, achava que era isso o que tinha feito.

- Procurou-me por toda a parte? Para quê? - perguntou José, muito surpreso.

- Para tratar do negócio sobre o qual quero conversar com você. Mas, é uma questão muito séria para tocar nela hoje - respondeu Dolores, ficando rubra.

No dia seguinte, à tarde, Dolores, que parecia estar cochilando na poltrona, falou de repente:

- Por favor, pegue aquela caixinha incrustada que está no meu criado mudo.

José, espantado com a inquietação nervosa da jovem mulher, levantou-se, em seguida, e foi buscar o que lhe fora solicitado.

- Abra-a, por favor! - continuou Dolores, entregando-lhe a chave que estava pendurada em seu pescoço. - Nesse pequeno envelope à esquerda, amarrado com uma fita preta, está minha última vontade. Quero que entregue-o para Ramiro. O outro, grande, pertence a você. Abra-o e leia-o!

O jovem padre abriu o volumoso pacote. À medida que corria os olhos pelos pergaminhos carimbados, uma palidez mórbida cobria seu rosto. Perdendo o fôlego, recostou na poltrona. Tinha nas mãos todos os seus documentos. A recuperação dos direitos civis aparecia tardiamente, quando ele já havia se tomado monge.

- Como esses papéis caíram em suas mãos, Dolores? - balbuciou ele, por fim, levando a mão ao peito, que parecia estar sob o peso de uma rocha.

- Contar toda a história a você seria muito demorado. O principal é que esses documentos devolvem-lhe todos os direitos que havia perdido.

- E está me devolvendo-os, Dolores? Ramiro sabe disso?

- Não! - respondeu a Condessa em voz baixa.

Um rubor apareceu em suas faces e ela procurava evitar

o olhar do jovem padre.

- Ah! Entendo! Esse bandido que os roubou de mim com a ajuda de Bartolomeu com certeza os tirariam de você. Mas, esperem só! A hora da vingança não tardará. Com essa prova nas mãos abrirei um processo contra eles e não terei sossego enquanto não forem mandados às galeras como ladrões! - esbravejou.

Tremendo de fúria, José levantou-se. Seus olhos flamejavam e o punho apertado parecia ameaçar os culpados. Mas, naquele instante, uma mão pequena e quente deitou-se sobre a dele e uma voz trêmula balbuciou:

- José, será que minha alma, livrando-se do corpo, terá de se arrepender por ter-lhe entregado essa terrível arma contra meus irmãos?

O jovem padre estremeceu e sua raiva apagou-se em seguida. Ele encontrou os olhos de Dolores cheios de lágrimas com uma expressão indescritível.

- Eu sei - continuou ela - que você pode abrir um processo contra eles, que pode se vingar e cobrir de desonra o nome dos Mornos. Mas, não se esqueça que foi o destino que me fez colocar essa terrível arma em suas mãos. Lembre-se: foi Deus quem o vestiu com o hábito para serenar sua alma.

- Para que me deu esses papéis ao invés de escondê-los ou destruí-los, Dolores?

- Porque não queria morrer cúmplice de um roubo! Mais uma vez lhe imploro, José, não se vingue de meus irmãos!

Uma incrível luta interna refletiu-se no expressivo rosto do monge. Depois, ele inclinou-se e apertou as duas mãos de Dolores contra seus lábios.

- Juro com esta santa cruz - ele olhou para a cruz que estava em seu peito -, que não vou me vingar de Ramiro e resolverei o assunto com ele de acordo com o seu desejo e suas indicações. Basta-lhe essa promessa?

Um sorriso de alegria e reconhecimento iluminou o rosto de Dolores. Ela disse apenas "Obrigada!". Mas, o olhar e o tom com que pronunciara aquilo, recompensaram o sacrifício de José.

Então, ele sentou-se ao lado dela no sofá e pela primeira vez entre os dois começou uma conversa realmente franca e amigável.

- Diga, minha querida, o que quer que eu faça? Sendo monge, não posso usar a condição readquirida para mim, pessoalmente.

- Por que não? - observou Dolores. - Você é jovem e receberá novamente sua fortuna e sua posição social. Sua vida ainda pode voltar a ser maravilhosa. Digamos que não se pode reparar o passado e que minha morte não mudará muita coisa. Mas, outra mulher, linda e que o ame, poderá fazê-lo esquecer todas as desgraças e as desilusões que você sofreu até agora.

- Nunca! - objetou José com fervor. - Só se Deus devolver-lhe a saúde eu me libertarei, mesmo ao custo de largar o hábito. Em algum lugar na Europa, onde você quiser, começaremos uma nova vida. Mas, se Deus não poupá-la para mim, continuarei monge. Em todo caso, terei de resolver o assunto com seu irmão e prometo novamente que seus desejos são sagrados para mim.

Dolores sorriu tristemente.

- Meu pobre José! Não se engane com esperanças efêmeras. Permita-me, mais uma vez, do fundo do meu coração, agradecer-lhe por tudo o que sacrificou por amor a mim. O que eu gostaria que fizesse quando eu não estiver mais aqui é que, em primeiro lugar, obrigue Ramiro a legar tudo a Alfonso, mesmo que ele se case. Deve passar tudo a seu filho, exceto as terras na Espanha e aquilo que você mesmo gostaria de deixar para meus irmãos Filipe e Manoel.

Além disso, quero que você participe da educação de nosso filho. Para isso, ele deve passar cada seis meses em sua companhia. Mas, como a criança tem o nome de Vasconcellos, realmente não sei como formalizar tudo isso. Acho que seria melhor Ramiro ser o tutor do menino. Pode fazer isso sem receio algum. Ramiro cometeu um pecado. Foram a miséria e o desespero que o levaram a errar. Mas, sei que em minha memória, ele manterá sua promessa.

Além dessa questão principal, gostaria também que Sara recebesse uma boa pensão até o fim de seus dias. E os escravos mencionados nessa lista, que sejam libertados. Eu lego também certas somas em dinheiro a algumas igrejas e mosteiros para que se lembrem de mim nas preces.

Dolores estava visivelmente cansada e se calou. Logo depois, adormeceu. Enquanto ela dormia, José fez perguntas a Sara e soube em detalhes da confissão de Scipión. Quando o jovem

descobriu que Janto, por sua traição, recebera meio milhão, toda sua ira concentrou-se naquele empregado ingrato.

Passaram-se quinze dias. Apesar da piora de Dolores, José sentia-se feliz perto dela e da criança. Como um náufrago se agarra à primeira coisa que vê, assim ele agarrava-se àquela vida que se apagava, percebendo no seu pálido rosto a progressão da doença. Ele demonstrava fé em sua recuperação e sempre falava de seus planos para o futuro. Dolores sorria, concordava com tudo e, com ternura, respondia a todos os pequenos favores com os quais José a cercava. Via o desespero e, às vezes, a terrível nostalgia nos olhos dele.

O prior chegou do mosteiro para a extrema-unção. Depois, propôs aos esposos que fizessem as pazes e perdoassem os erros um do outro. O momento solene comoveu os dois e a reconciliação foi total.

Três dias depois do ritual, Dolores faleceu. É difícil descrever o desespero de José. Embora estivesse preparado para aquele infeliz desfecho, achou que não teria forças suficientes para suportá-lo. Quando todos os esforços para trazê-la de volta à vida fracassaram e já não havia mais dúvida que a morte havia pego sua presa, o jovem abrigou-se no mosteiro.

José passou a noite sem dormir. Pela manhã, foi ver o prior e teve com ele uma conversa secreta. Depois, despediu-se de sua Irmandade por algumas semanas, pois queria acompanhar o corpo de Dolores, presenciar o sepultamento e resolver seus negócios pendentes.

Capítulo 14

A notícia da morte de Dolores, embora prevista, abalou terrivelmente os irmãos de Mornos, e entre os escravos causou um pesar profundo e sincero.

Havia dias que Ramiro tinha voltado da Europa. Ele pretendia visitar a irmã, quando chegou a notícia fúnebre e o comunicado de que Sara estava levando o corpo de Dolores para a fazenda.

Quando o mensageiro anunciou que o triste cortejo havia entrado nas terras da família de Mornos, todos os moradores da fazenda foram ao seu encontro.

A última passagem de Dolores pelas terras onde só semeara o bem provou claramente que todos a amavam e se compadeciam de seu triste fim. Os caminhos estavam repletos de escravos. Quando sua benfeitora passava, eles jogavam flores e, com lágrimas, ajoelhavam-se. O choro das mulheres era ouvido por toda a parte e afetava os nervos já abalados de José. Ele estava à frente do cortejo com dois monges que chegaram junto com ele do mosteiro.

Todo o longo caminho José fez a pé, carregando nas costas uma cruz grande e pesada. Estava sombrio e silencioso, absorto em seus pensamentos. Pode-se imaginar o tormento do infeliz jovem quando pisou em suas próprias terras. Mas, agora ele voltava como monge, acompanhando os restos mortais daquela que poderia ter vivido ali junto com ele como sua senhora. Como poderiam ter sido felizes com todo aquele orgulho e a crueldade de seu coração? Mas, com amor e bondade, poderia ter reconquistado o coração de Dolores! Se tivesse ajudado aos Mornos sem humilhá-los, talvez nunca surgisse na cabeça de Ramiro aquela terrível idéia de acabar com ele.

A duas milhas[1] da casa, os cortejos encontraram-se. Os Mornos, com lágrimas, ajoelharam-se. Depois, ao se aproximarem do carro fúnebre, eles tiraram o caixão e o carregaram nos braços até a grande sala, onde já estava preparado o catafalco. Durante todo o dia, escravos e os fazendeiros vizinhos iam ver pela última vez a finada e despedir-se dela.

A figura do monge misterioso, que ia à frente do caixão com a cruz nos braços e que havia passado o dia todo ajoelhado no último degrau do catafalco, provocou a curiosidade de Ramiro. Janto sentiu uma inquietação desagradável. Um sentimento estranho impelia-o a observar o monge, cujos traços estavam escondidos pelo capuz.

Já a curiosidade de Ramiro foi apagada pelo cansaço e pelas preocupações do dia. Mas, transformou-se em inquietação quando, à noite, foi beijar o pequeno Alfonso, que estava para dormir. A criança começou a lhe falar sobre o "papai José" e perguntou o que ele estava fazendo.

- Está falando bobagens, Alfonso. Seu pai morreu. Você tem só a mim. Eu substituo seu pai - respondeu o Conde, beijando o menino.

- Então, você é o terceiro! O monge é meu papai José: a própria mamãe me disse isso antes de morrer.

O Conde ergueu-se e franziu as sobrancelhas. Não teve tempo de pensar muito nas palavras estranhas do menino, pois a chegada de várias famílias de fazendeiros e todos os tipos de preparativos exigiram sua presença. Porém, ele também começou a olhar com desconfiança e preocupação para a alta figura do monge, fechada pelo capuz. Este parecia estar totalmente entregue à prece e aos seus pensamentos, e a qualquer pergunta respondia apenas com um aceno de cabeça.

À meia-noite o caixão de Dolores foi transferido para o jazigo da família e colocado entre os caixões do pai e de dom Fernando. Ramiro notou que o monge aproximou-se do último e ficou olhando para ele longamente. A inquietação que ele tentava afugentar apertou o coração do jovem Conde.

Quando o ritual do enterro terminou e todos saíram, o monge aproximou-se de Ramiro e pediu permissão para conversar com ele sem a presença de estranhos.

- Deseja falar comigo agora ou, como já é tarde, deixaremos essa conversa para amanhã? - perguntou o Conde, contido.

---

1 - Uma milha - Equivale a 1,609 quilômetros.

- Desejo falar com o senhor agora mesmo! Além disso, gostaria que o senhor Janto presenciasse nossa conversa.

- Nesse caso, mandarei que levem o senhor até meu gabinete. Dentro de um minuto estarei às suas ordens.

Alguns minutos depois, o criado levou José ao gabinete, aquele que pertenceu primeiro ao seu pai, depois a dom Pedro e agora servia a Ramiro. O grande recinto estava vazio. Dois candelabros sobre o "bureau" iluminavam-no. Quando o jovem monge entrou, seu coração, cheio de lembranças, bateu forte. Eis ali as mesmas gavetas onde ele procurara os documentos roubados; naquele console dourado acotovelara-se dom Pedro quando disse, medindo-o com olhar gélido: "Quanto ao filho da escrava não alforriada, será escravo como os outros. Que se ponha novamente no lugar que nunca deveria ter deixado."

Um calafrio passou pelo corpo de José ao se lembrar daquele momento e de tudo o que acontecera depois. Oh! Como ele odiava os Mornos, carrascos de sua vida, e como era difícil manter a promessa feita a Dolores!

Respirando com dificuldade, o jovem homem virou-se e seu olhar passou pelos retratos que estavam na parede. Exceto os retratos do pai, de dom Pedro e de sua esposa, a maioria não lhe era conhecida. De repente, ele estremeceu e rapidamente foi até a parede. No fundo do quarto havia uma enorme pintura representando Dolores e Vasconcellos. Fora feita depois de seu reencontro. Sorridentes e felizes, estavam abraçados. Um forte e amargo ciúme cortou o coração de José. Estava tão absorto na contemplação do retrato que não ouviu Ramiro entrar, acompanhado de Janto, pálido e agitado.

- Estamos aqui! Tenha a bondade de sentar-se e explicar-nos o que deseja - disse o Conde, sentando-se na frente do "bureau" e apontando a cadeira ao seu interlocutor.

Este, com um gesto, recusou-se a sentar e tirou seu capuz.

- José! - exclamou Ramiro, pulando da cadeira. Você aqui?!

- Sim, eu mesmo! Dessa vez bastou minha roupa para me resguardar de sua raiva. Mas, tenho outra arma, mais eficiente. Vim aqui, Conde de Mornos, para ajustar nossas contas, e vim como dono! .

- Como dono?! Por acaso achou o testamento de seu pai? - perguntou Ramiro com ironia.

- Exatamente! E não apenas o testamento como todos os outros papéis que foram roubados e destruídos por Scipión, e pe-

los quais o senhor Janto recebera uma recompensa digna de um Rei!

Bartolomeu deu um grito abafado. Sem reparar, o monge continuou:

- Atrevam-se a negar o crime, miseráveis! Principalmente você, Ramiro! Não se contentou apenas em me roubar, como ainda dilacerou meu coração! Tirou tudo de mim, inclusive a mulher que me foi dada pela Igreja! Sem suas intrigas ela nunca teria me rejeitado, nunca teria concordado com um casamento sacrílego com Vasconcellos! Oh! Como eu o odeio!

De repente, ele agarrou a pistola que estava em cima do "bureau" e apontou-a para Ramiro. Este nem se mexeu. Olhava para o cano da arma sombrio e orgulhoso. De fato, naquele momento, o Conde não dava valor à sua vida. O crime descoberto e as conseqüências que ele podia acarretar faziam-se odiosas. Mas, José desviou a arma dele.

- Lacaio ingrato! Víbora que me vendeu! Morra como um cachorro! - exclamou José com a voz rouca e sibilante.

Bartolomeu queria se afastar, mas a arma disparou e o gerente caiu no chão com o crânio despedaçado. O Conde, pálido, caiu na poltrona.

- O que você fez, José?!

- Justiça! Se a falecida não fosse sua protetora, a segunda bala eu mandaria em sua cabeça traiçoeira e você estaria no chão junto com este miserável, porque me feriu mais forte do que ele! Sem você, ela não se casaria com Vasconcellos e não morreria de desgosto após o naufrágio; sem você, eu não seria monge e nós teríamos feito as pazes.

- Está enganado, José de Martinez! Foi você quem semeou a morte, que acabou matando Dolores ao permitir que fosse envenenada, obrigando-a a atentar contra sua vida e, por fim, ao desonrá-la! Essa vingança genial foi a causa de nove meses de loucura e provocou nela as primeiras crises da doença incurável!

- Oh! Não nego minha culpa! Mas, em compensação, eu também sofri! E como! Será que existe no mundo um sentimento humano que você não ridicularize e não pise em cima, Ramiro? O que eu fiz a todos vocês?! Foram vocês quem pediram ajuda, e quando meu pai lhes deu todo o dinheiro, passaram a me odiar e a me desprezar. O que pode me dar agora, em troca da minha vida destruída?

Ramiro abaixou a cabeça.

- Se você amasse Dolores, tudo seria diferente.

- Oh! Eu a amei até demais! Apenas o orgulho impedia-me de expressar esse sentimento, ciente que ela não o correspondia. Aliás, isso toca apenas a mim e à falecida. Saiba apenas que nós fizemos as pazes e só graças a ela eu poupei você. Leia isto! Com aquelas palavras, José estendeu ao Conde a carta de Dolores. Nela estava o relato detalhado sobre a confissão de Scipión, a visão que dom Fernando teve e sobre os documentos achados.

- Foi Dolores quem me traiu - balbuciou Ramiro, surpreso.

Mas, ele não ficou perplexo por muito tempo. Sua mente flexível e orgulhosa logo tratou de recuperar-se e os jovens, sem hostilidade aparente, discutiram as condições do acordo. Depois, eles se separaram. Ramiro mandou que levassem o corpo de Bartolomeu às escondidas e que o enterrassem no cemitério dos escravos.

José passou três dias na fazenda. Calado e sombrio, visitou os lugares sagrados à sua memória. Por horas inteiras ele orava e chorava junto aos caixões do pai e de Dolores, ou trancava-se na casa da ilha. Também visitou a aldeia dos escravos e meditava na cabana, onde passou os mais terríveis meses de sua vida de escravo.

A corda pendurada no teto fez com que se lembrasse de Gilda. Então, um tremor desagradável passou pelo seu corpo. Não teria ele matado a megera naquela noite fatídica do casamento de Dolores? É claro que ela o merecia, mas, de qualquer maneira, seria assassinato.

Com o coração pesado voltou para casa, mandou chamar Sara e começou a perguntar-lhe sobre o destino da antiga supervisora. A criada hesitou, mas, depois, emocionada, contou que Gilda trabalhava na máquina de corte da cana-de-açúcar e havia perdido um braço. Deixaram-na em paz, dando-lhe comida e roupas necessárias. Mas, ao invés de viver tranqüilamente e fazer com que se esquecessem dela, a mulata, dando vazão a sua raiva, começou a ofender seus patrões e a caluniá-los. Tornando-se cada vez mais atrevida, ela acabou contando que Ramiro havia roubado o testamento de dom Fernando e pago uma soma enorme a Bartolomeu pela ajuda naquele crime.

O Conde e Janto ficaram furiosos quando souberam daquelas palavras ultrajantes. Em seguida, foram à casa de Gilda e queimaram sua língua com ácido. A partir daí, muda e mutilada, esquecida por todos, ela levava uma vida miserável em sua cabana.

José, silencioso, escutou a narrativa com horror. Sem fazer nenhuma observação foi novamente à aldeia e mandou o primeiro escravo que encontrou levá-lo à cabana de Gilda. Este obedeceu, temeroso, e apressou-se. A notícia sobre a volta do antigo dono já havia-se espalhado entre os escravos e a figura sinistra e calada do monge provocava neles pavor e inquietação.

Quando lhe abriram a porta da cabana, que ficava isolada à margem da aldeia, José viu num monte de palha uma criatura suja e desfigurada, terrivelmente feia. Ao ver o monge, ela se agitou entre as tralhas e dirigiu seu olhar ao visitante. De repente, ergueu seu braço cotó e emitiu um uivo, enquanto uma expressão de alegria e esperança iluminava seu pálido rosto. Apesar do hábito e do rosto mudado, a mulata reconheceu seu antigo amante. Mas, José não reparou nisso. Um enorme pavor e aversão deixaram-no estatelado. Virando-se rapidamente ele saiu constrangido da cabana a passos largos.

Durante o almoço, Ramiro, que já havia recuperado a segurança e o espírito sarcástico, perguntou-lhe de repente:

- E aí, primo? Achou sua antiga esposa? Talvez queira voltar com ela. Desde o momento de sua separação Gilda adquiriu uma qualidade preciosa para um marido ou amante: tornou-se muda.

- O hábito que uso deveria me poupar de brincadeiras de mau gosto desse tipo, primo Ramiro. Devo dizer que a maneira com que Gilda tornou-se muda foi de fato vergonhosa.

- É verdade? Quer dizer que acha que da parte dela é perdoável envenenar Dolores com esperanças que o amante condescendente a livrasse de qualquer responsabilidade?
- perguntou Ramiro, lançando a ele um olhar cáustico.

José abaixou a cabeça e nada respondeu. Naquele momento, ele se perguntava que tipo de cegueira tivera quando deixou impune aquela criatura nojenta, permitindo que Dolores arriscasse a vida a cada pedaço de pão.

No dia seguinte, José voltou para o mosteiro.

Dias depois, ao retornar à fazenda, José pediu que lhe trouxessem o filho, pois queria ficar bem perto dele e educá-lo ele mesmo. O menino era o único consolo do monge em sua ascética vida de eremita. Mas, que desgraça!... Deus não o deixou go-

zar daquela felicidade. Infelizmente, o pequeno Alfonso contraiu escarlatina e acabou morrendo nos braços de José.

Incapaz de se separar do pequeno túmulo onde jaziam os restos de sua felicidade, o monge completamente desolado alojou-se numa gruta ali perto. Sentia nojo de tudo e ansiava apenas a solidão. Ele nem conseguia orar, como todos pensavam. Apenas vivia a amargura das recordações de toda uma existência desperdiçada com o orgulho e a ambição e o arrependimento por ter feito sofrer as criaturas que mais amava.

Naquela vida isolada e monótona, José acabou perdendo a noção do tempo e envelhecendo pouco a pouco. Seus braços secaram; o cabelo, ainda espesso, ficou branco como neve. Mas, ele permanecia vivo. Parecia que seu corpo era feito de aço e, às vezes, se perguntava com amargura se no Além não haviam-se esquecido dele.

Nas noites escuras, dirigia seu olhar perdido ao oceano, coberto de neblina, na esperança que de lá aparecesse a sombra de alguém que lhe dissesse: "Chegou o fim de sua vida".
Mas, certo dia, as forças começaram a abandoná-lo. Ele sentiu-se tão fraco e doente que teve de ficar deitado na gruta. E numa noite, sentiu uma incrível inquietude. Seu coração doía a cada batida. Então, subitamente, viu o oceano iluminar-se fortemente com uma luz azulada. Sobre ondas fosforescentes, balançava suavemente um barco voador transparente que ia subindo pouco a pouco até chegar à altura das rochas. Estava repleto de pessoas que ele bem conhecia. Reconheceu nele o pequeno Alfonso e Dolores, seu pai, Ramiro, Bartolomeu e Vasconcellos; todos os personagens do grande drama de sua vida. Uns estavam tranqüilos e resplandeciam em auras luminosas; outros, desassossegados, eram envolvidos por uma neblina escura. Percebia-se desespero e vergonha em seus semblantes. Todos aqueles espíritos conhecidos chamavam-no com gestos e vozes:

- Venha, José! A provação da vida se findou! Venha ocupar seu lugar neste leve barco, carregado com o terrível peso da crueldade, do orgulho, da vingança e das baixas paixões que atormentam a alma humana. Chegou o dia do Julgamento Final! Diante do altar do Supremo Juiz teremos que prestar contas dos nossos pensamentos e de nossos atos.

FIM

Vera Ivanovna Kryzhanovskaia

Há mais de um século os livros de Rochester vêm encantando leitores no mundo todo e abrilhantando não só a literatura espírita, mas a literatura mundial.

John Wilmot, Conde de Rochester, assumiu perante a Espiritualidade a missão de divulgar e solidificar a doutrina espírita, revelando ao mundo material as leis que regem o universo, elucidando e desmistificando, assim, os mistérios da então nascente doutrina. Para tanto, preparou desde cedo a jovem médium Vera Kryzhanovskaia, espírito querido e afim, que serviria de intermediário na execução de sua importante tarefa.

Curiosamente, até então, escassas eram as informações a respeito da notável médium russa, provenientes principalmente de revistas francesas do final do século XIX. Porém, novas biografias foram recentemente localizadas na Biblioteca Nacional Russa, sediada em São Petersburgo, além de artigos encontrados na Internet, como o ensaio de Evguêny Kharitonov.

Vera Ivanovna Kryzhanovskaia descendia de uma antiga família nobre da província de Tambov, mas nasceu em Varsóvia no dia 14 de julho de 1861, onde seu pai - o general-major Ivan Antonovich Kryzhanovsky - comandava a brigada de artilharia. Sua mãe vinha de uma família de farmacêuticos. Desde cedo, a futura escritora recebeu uma boa educação e se interessava por História Antiga e ocultismo.

Aos dez anos de idade, seu pai morreu e a famí1ia ficou em situação econômica complicada. Vera, então, entrou numa as-

sociação beneficente de educação para moças nobres de São Petersburgo. No ano seguinte, em 1872, a família conseguiu introduzi-la na escola Santa Catarina como bolsista, mas sua frágil saúde e problemas financeiros impediram-na de concluir o curso e, em 1877, ela foi dispensada e concluiu sua educação em casa.

Segundo B. Vlondraj, um dos principais biógrafos da escritora, um importante acontecimento deu novo rumo à vida de Vera. O espírito do poeta inglês J.W. Rochester (1647-1680), aproveitando seus dons mediúnicos, materializou-se e propôs que ela se dedicasse de corpo e alma a serviço do Bem e que escrevesse sob sua direção (Vera Ivanovna Kryzhanovskaia - Rochester. / / Ocultismo e Ioga. Ed. 25. Assuncion, 1961, p. 32). É importante dizer que, após o contato com seu guia espiritual, Vera aparentemente se curou de uma doença grave na época - a tuberculose crônica - sem interferência médica.

Vera Ivanovna começou a psicografar aos 18 anos. De acordo com V.V. Scriabin, algo de "sobrenatural" acontecia quando ela escrevia: "Freqüentemente, no meio de uma conversa, ela de repente se calava, ficava pálida e passando a mão pelo rosto, começava a repetir a mesma frase: 'Dêem-me um lápis e um papel, rápido!' Geralmente, nessa hora, Vera sentava-se numa poltrona junto a uma pequena mesa, onde quase sempre havia um lápis e um bloco de papéis. Sua cabeça ficava levemente jogada para trás e os olhos, semicerrados, concentravam-se num único ponto. De repente, ela começava a escrever sem olhar para o papel. Era a verdadeira escrita automática. (...) Esse estado de transe durava de 20 a 30 minutos, após o que Vera Ivanovna geralmente desmaiava. (...) As transmissões por escrito terminavam sempre com a mesma palavra: 'Rochester'. Conforme Vera, esse era o nome (ou melhor, o sobrenome) do Espírito que ela recebia." (V.V. Scriabin. Recordações. Ver # 65 da bibliografia, p. 24-25).

Um testemunho semelhante pode-se encontrar nas "Anotações literárias" de M. Spassovsky: "No estado inconsciente, ela sempre escreve em francês... Seus escritos são traduzidos para o russo e, criteriosamente, redigidos ou pela própria autora ou por uma pessoa de sua confiança." (M. Spassovsky. Anotações literárias. - "Veshnie Vody", 1916, tomo 7-8, p. 145).

Em 1880, numa viagem à França, Vera Ivanovna participou com sucesso de uma sessão mediúnica. Muitos contemporâneos se surpreenderam com sua produtividade, apesar da saú-

de débil. Por isso, apesar de muitos biógrafos e críticos afirmarem que sua escrita era puramente mediúnica e mecânica, como o doutor A. Aseev e L. Sokolova-Rydnina, outros preferiam considerar Vera como escritora ou co-autora dos livros do que como simplesmente médium. De qualquer forma, desde as primeiras mensagens já aparecia a assinatura do espírito Rochester. Atualmente, na Rússia e em vários países, muitos consideram Rochester somente como um pseudônimo ou como sobrenome de Vera.

Em 1886 foi publicado em Paris o seu primeiro livro, o romance histórico "Episódio da Vida de Tibério", psicografado em francês, como assim foram as primeiras obras, nas quais a tendência para temas místicos já podia ser notada. Certamente, Vera teve influência nas doutrinas de Allan Kardec e, possivelmente, de Helena Blavatsky, de Papus, bem como o apoio de seu esposo S.V. Semenov[1], que ocupava um cargo importante na chancelaria de Sua Majestade e, em 1904, foi nomeado "kamerguer"[2]. Semenov era um famoso espírita e presidente do "Círculo de Pesquisas Psíquicas" de São Petersburgo. Entretanto, antes de conhecer Semenov, Vera já era uma poderosa médium e em suas sessões espíritas reuniam-se famosos médiuns europeus e eram freqüentadas até pelo, então, príncipe Nicolau, futuro Czar Nicolau II. Há notícias de que lá lhe profetizaram o acidente de "Khodynka"[3].

Por um' período com residência provisória em Paris, até 1890, Vera produziu uma seqüência de romances históricos: "O Faraó Mernephtah", "Abadia dos Beneditinos", "Romance de uma Rainha", "O Chanceler de Ferro do Antigo Egito", "Herculanum", "O Sinal da Vitória", "Noite de São Bartolomeu", entre outros, que chamavam a atenção do público não somente pelos assuntos cativantes, mas pelas tramas emocionantes.

---

1 - S. V. Semenov - Em algumas referências bibliográficas, o nome da autora aparece como Vera Ivanovna Semenova, nome de casada da médium.

2 - "kamerguer - Título honroso que dava direito ao uso de um uniforme especial com uma chave no centro.

3 - "Khodynka - Local do conhecido martírio do Czar e da família real Romanov.

O crítico V.P. Burenin, elogiando o romance "A Rainha Hatasu", observava que "madame Kryzhanovskaia" conhecia o cotidiano dos antigos egípcios "talvez melhor do que o famoso romancista histórico Ebers" (jornal "Novoe Vremia", 13 de janeiro de 1895), o que não contradiz a verdade. Os livros escritos pela médium conseguiam reproduzir com surpreendente fidelidade o espírito da época histórica descrita nos romances e eram abundantes em detalhes interessantes. Pelo romance "O Chanceler de Ferro do Antigo Egito" a Academia de Ciências da França concedeu-lhe o título de "Oficial da Academia Francesa" e, em 1907, a Academia de Ciências da Rússia lhe concedeu a "Menção Honrosa" pelo romance "Os Luminares Tchecos".

Entretanto, embora muitos leitores apreciem os melodramas descritos nas relações amorosas, os chavões literários nas descrições dos personagens e o linguajar simples, embora exótico, a crítica séria sempre ignorava suas obras, como Gorky, no artigo "A Literatura do Vanhka" de 1899, citando que as mesmas eram orientadas ao leitor de pouca cultura, com preferências para diversão e sensacionalismo.

Mas, os críticos jornalísticos encontravam em seus romances "um colorido brilhante, vida e precisão da base histórica" (A. P-v. -"Iuzh. Kray", 1894, 6 de fevereiro). Segundo avaliação de Helena Ivanovna Rerikh, "ela, indubitavelmente, merece respeito, pois seus livros trouxeram algum bem. Também é indubitável que a sua série "Os Magos" é incomparavelmente mais talentosa e rica em informações corretas do que as obras de muitos romancistas ocultistas posteriores". (Cartas de H.I. Rerikh, 1940, tomo 2, p. 134).

Paralelamente ao ciclo histórico, Vera iniciou a psicografia de livros com temas "ocultistas-cosmológicos" (segundo definição da própria autora), tornando-se a primeira representante da literatura de ficção científica e a única do romance ocultista na Rússia. Ocupando essa posição isolada na literatura, seus livros eram publicados no jornal "Svet", e mais tarde nos jornais "Mosk. Ved.", "Novoe Vremia", "Rus. Vest.", "Rodina" e "Pamsky Mir".

O tema principal nesses livros era a luta universal entre as forças divinas e satânicas, a interdependência das forças ocultas no ser humano e no Cosmo, os segredos da matéria original. A linha espiritual de ficção científica firmou-se nos romances seguintes, como "O Castelo Encantado", "As Duas Esfinges", na trilogia "O Terrível Fantasma", "No Castelo Escocês" e "Do Reino

das Trevas", e abriu-se em todo seu esplendor na série mais popular da escritora - a pentalogia "Os Magos", que inclui os romances "O Elixir da Longa Vida", "Os Magos", "A Ira Divina", ''A Morte do Planeta" e "Os Legisladores".

No prefácio da versão original russa de "O Elixir da Longa Vida", Vera dizia que a série "foi escrita em forma de romance com o objetivo de facilitar a um grande círculo potencial de leitores o aprendizado dos princípios da ciência oculta, que são de difícil assimilação, abstratos e, por vezes, nebulosos".

Naturalmente, com os conhecimentos atuais, muitos fatos descritos e narrados nos romances psicografados por Vera parecem inocentes e pueris. Entretanto, essa pentalogia está cheia de temas e idéias interessantes, com ênfase na luta entre o Bem e o Mal, não só no mundo cósmico e da natureza, mas também no meio social, condenando rigidamente a exploração, a degradação moral e a decadência da fé na sociedade. Talvez, pela primeira vez na ficção científica mundial, em um romance foi descrito o método de teletransporte como meio de transporte no espaço. As naves espaciais chamaram a atenção do professor N. Rynin, autor da enciclopédia capital "As Viagens Espaciais". Devemos salientar que o romance "A Morte do Planeta" é emocionalmente uma poderosa antiutopia e deve ser examinado como um romance "aviso de alerta". Ao ler a história da destruição da humanidade, fica-se surpreendido com que exatidão a escritora pressentiu muitos traços do futuro - o nosso presente -, com que veracidade estão profetizados (e descritos em detalhes!) os momentos históricos da Rússia: revolução, destruição dos templos, ditadura e os problemas daquele país e do mundo atual! Na verdade, mesmo hoje em dia, a série "Os Magos" é uma leitura bastante atual que obriga ao pensamento e reflexão.

O romance "No Planeta Vizinho" também refere-se à ficção científica espacial. É uma utopia espacial de um governo ideal em Marte, uma monarquia e uma classe sacerdotal cheia de conhecimentos - semelhante à estrutura do Antigo Egito -, onde vai parar por acaso o herói principal - um terráqueo. O tema "governo ideal" também aparece no romance "Num Outro Mundo", que se passa em Vênus.

Os temas dos livros não eram restritos à história e à ficção, mas também sociais, do cotidiano e de amor, como "Os Reckenstein", "A Feira dos Casamentos" e "A Teia", este, político e pró-monarquista. É importante salientar que os primeiros fil-

mes russos foram baseados nas novelas de Rochester "Cobra Capela", "A Flor do Pântano" e "O Paraíso sem Adão".

Não aceitando a revolução russa de 1917, na qual seu marido Semenov foi preso e morto na prisão "Kresty", Vera Kryzhanovskaia emigrou com a filha para a Estônia. Mas lá ela quase já não escrevia, faltavam meios para a edição dos livros. Todavia, em 1921, Vera ainda publicava artigos no jornal "Poslednie Izvestia"[4] de Tallin e no jornal "Narvsky Listok". Por mais de dois anos, teve de trabalhar na usina madeirense "Forest", onde o trabalho físico acima de suas forças afetou sua saúde. Não tinha dinheiro nem para editar um livro e nem para viver normalmente.

A escritora faleceu na completa miséria no dia 29 de dezembro de 1924 na cidade de Tallin, capital da Estônia. "Ela faleceu num pequeno e humilde cômodo, sobre uma velha cama de ferro. Somente duas pessoas estavam presentes em seus últimos momentos, a filha Tamara e um amigo fiel de sua casa". (Vs. Nymtak. Recordações. Tallin, 1935. Cit. Sobre "Ocultismo e Ioga", 1961, p. 44). A escritora foi enterrada no cemitério "Aleksandr Nevsky" de Tallin, onde seu túmulo pode ser visitado.

Segundo artigo do médico municipal, Dr. Fedorov, "(...) fico estarrecido com a frieza e indiferença com que a comunidade russa encarou os sofrimentos de uma escritora também russa que se encontrava numa situação material sem saída. É duro acreditar que uma famosa escritora russa não tinha sequer sua própria camisola... Considero como obrigação moral registrar a indiferença que grande parte da sociedade demonstrou em relação à doença e à extrema penúria da escritora Vera Ivanovna Kryzhanovskaia e também atestar a sensibilidade e a caridade da organização estoniana "Associação de luta contra a tuberculose". Essa organização abriu, por iniciativa própria, um crédito mensal de 2000 marcos para a escritora para a compra de produtos alimentícios numa mercearia próxima e o fornecimento gratuito de lenha de fogão. O mesmo pode-se dizer do departamento municipal de desenvolvimento que, após a morte de Vera Ivanovna, expediu imediatamente uma quantia de dinheiro para aquisição de um caixão e uma cruz decentes. O túmulo também foi oferecido gratuitamente. Também apareceu um padre que executou gratuitamente o rito fúnebre..."

---

4 - "Poslednie Izvestia - Tradução: "Últimas Notícias - ("Poslednie Izvestia", 5 de janeiro de 1925).

Após sua morte, seus livros continuaram a ser reeditados, principalmente em Riga, na Letônia, pela sociedade esotérica daquela cidade, e em Berlim até meados dos anos 30. É possível ainda encontrar alguns deles em edições recentes, dos dois últimos decênios. Além dos originais franceses e russos, alguns de seus livros foram traduzidos para vários idiomas, como o letão, lituano, esloveno, alemão, inglês, espanhol, polonês, tcheco e grande parte para o português.

Em mais de 30 anos de trabalho, Rochester criou através de Vera Kryzhanovskaia mais de 80 obras, entre novelas e contos, mas, infelizmente, muitas edições e publicações foram praticamente perdidas devido aos acontecimentos que sucederam à revolução russa. Surpreendentemente, após 75 anos da morte da memorável médium escritora, seus livros começam a ressurgir e os russos - e todo o mundo - começam a redescobrir seus preciosos trabalhos, os quais retornam aos leitores.

"Monumento no túmulo da famosa escritora no antigo cemitério de Aleksander Nevski, parte do atual cemitério de Cizellin, na cidade de Tallin."

Inscrição no monumento: "Vera Kryzhanovskaia (Rochester) 1861-1924.